



NO REMANSO DA CULTURA AMAZÔNICA

DA SALA DE AULA PARA O MUNDO DAS HISTÓRIAS

Organizadores

**Maria Aldenira Reis Scalabrin
Ana Maria Vieira Silva
Hamilton José Fernandes da Silva**



**Santarém - Pará - Brasil
2025**

Organizadores

Maria Aldenira Reis Scalabrin

Ana Maria Vieira Silva

Hamilton José Fernandes da Silva

NO REMANSO DA CULTURA AMAZÔNICA

**Da sala de aula para o
mundo das histórias**

Edição Eletrônica

Santarém – Pará – Brasil

2025

Fotografia de capa: *Solitário da Amazônia* – foto tirada pela cortina de águas do rio Amazonas (2018). Por: Maria Aldenira Reis Scalabrin.

Editoração e arte: Aldenira Scalabrin (Free: Canva e Designer do Google).

Obra de domínio público. Os organizadores e autores autorizaram a publicação dos seus textos e ilustrações produzidos.



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

R384 No remanso da cultura amazônica: da sala de aula para o mundo das histórias [livro eletrônico]./ Maria Aldenira Reis Scalabrin, Ana Maria Vieira Silva e Hamilton José Fernandes da Silva [Org.]. – Santarém, Pará: Ufopa, 2025.
457 p. : il. Índice:
Inclui glossário.

Vários autores.
Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/>
ISBN: 978-65-83897-16-9(E-book).

E-book organizado pelos docentes da Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciência da Educação - ICED, os autores são discentes do curso de Pedagogia/2018, da Universidade Federal do Oeste do Pará, Campus Óbidos.

1. Educação-Amazônia. 2. Narrativas - Amazônia. 3. Sala de aula - Amazônia. I. Scalabrin, Maria Aldenira Reis (org.). II. Silva, Ana Maria Vieira (org.). III. Silva, Hamilton José Fernandes da (org.). IV. Título.

CDD: 23 ed. 370.7098115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440

NO REMANSO DA CULTURA AMAZÔNICA – DA SALA DE AULA PARA O MUNDO DAS HISTÓRIAS

Maria Aldenira Reis Scalabrin (Org.)

Ana Maria Vieira Silva (Org.)

Hamilton José F. da Silva (Org.)

Adenilson dos Santos

Aline da Silva Ferreira

Ana Carla Matos de Oliveira

Angélica Lima Pereira

Antônio Jânio Ferreira Soares Júnior

Carolina Pantoja Brasil

Claudiane da Silva Vieira

Euzilete Barros de Siqueira

Everton de Pádua Almeida

Francerlei Brito dos Santos

Geanice Pinheiro dos Santos

Gerlaine Figueira Matos

Glaucielen da Silva Pimentel

Gracinetete Mousinho da Silva

Iamília Brito de Oliveira

Jarlison Barbosa Lemos

Jéssica Ewelyn Oliveira da Cruz

José Flábio dos Santos

Juliana Figueira Nogueira

Karem Leidiane Silveira dos Santos

Karolina Carvalho do Amarante

Lucas de Vasconcelos Soares

Luenne da Rocha Ribeiro

Márcia Coêlho Nogueira

Márcia Regina Azevedo Cardoso

Maria Rubiane Rocha da Silva

Naira Cristiane Lima Silva

Nicole Hellen Gomes Castro

Raimundo Silvério Nogueira Gomes

Renata Souza dos Santos

Riller Marinho Coelho

Tonia Maria Oliveira da Silva

Vânia Maria de Sousa Ferreira
Gonçalves

Vilma Marinho Coelho

NOSSA HOMENAGEM

Formatura da primeira turma de acadêmicas (os) concluintes do curso de Pedagogia/2015- Ufopa, *Campus de Óbidos-PA*, autores dos textos que compõem esta obra.



Fonte: Pedagogia, *Campus de Óbidos/Ufopa-PA*.

AGRADECIMENTOS

*Ao Professor Dr. Anselmo Alencar Colares por ter
aceito prefaciar esta obra.*

*Aos artistas pela significativa produção para os
textos que compõem este livro.*

(Os Organizadores)

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	10
APRESENTAÇÃO.....	18
PARTE I - CONTRIBUIÇÃO DAS PROFESSORAS.....	27
ENSINO, LINGUAGEM E CULTURA – EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM SALA DE AULA.....	28
Maria Aldenira Reis Scalabrin.....	28
NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE: ANCESTRALIDADE, TRADIÇÕES E REVIGORAMENTO DA CULTURA AMAZÔNICA.....	61
Ana Maria Vieira Silva.....	61
PARTE II - A CULTURA ORAL NOS TEXTOS DE SALA DE AULA.....	86
A assombração da Lavandeira.....	87
A infância de Francisco.....	93
A loira do Juncal.....	101
A mãe da mata e o caçador.....	110
A Matinta Perera de Abaetetuba.....	118
A mortinheira amaldiçoada.....	125

A mulher amaldiçoada.....	139
A mulher-onça.....	144
A mulher que carregava caixas.....	148
A porca.....	156
A porca do Umarizal.....	159
A princesa e o enigma.....	165
Capivara dançarina.....	183
Cobra Grande.....	191
Como nascem as sereias.....	194
Como tudo começa: lembranças de garoto.....	198
De Laurentina à Ribite: uma história para contar ..	205
Fonte dos sonhos.....	217
Gavião Inteligente.....	231
João Guimarães, o encantado.....	240
Jurupari.....	251
Jurupari da Serra do Curumu.....	255
Mãe da mata.....	262
Medroso não fica rico.....	267
O amor brota em qualquer coração.....	277
O boto zombador da comunidade Mondongo.....	303
O chupa-carne.....	311

O contador de lorotas.....	319
O jacaré encantado do Laguinho.....	327
O jurupari e as três irmãs.....	336
O menino-boto do Rio da Ilha.....	343
O menino encantado.....	358
O mistério da estrada.....	368
O mistério do espelho.....	375
O sapo agourento.....	387
O sonho de Marina.....	394
Tonico da rua da Prainha.....	406
Um dia é da caça, outro é do caçador.....	419
GLOSSÁRIO.....	423
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	450

PREFÁCIO

Anselmo Alencar Colares

Aceitei com honra e alegria, o convite para escrever o prefácio deste livro que ora chega às mãos do leitor. A honra de poder ler previamente e a alegria por se tratar de um convite que ultrapassa a mera formalidade é, antes de tudo, um gesto de partilha, de tantas pessoas que, com coragem e sensibilidade, ousaram escrever sobre coisas que, por muito tempo, apenas faziam parte de suas memórias. No percurso formativo alimentaram o desejo e com a ação dos organizadores se tornou realidade.

No Remanso da Cultura Amazônica

– *Da sala de aula para o mundo das histórias* é uma obra que nasce com um duplo gesto: o de quem escuta e o de quem escreve. Ambos exigem cuidado, respeito e entrega. Escutar uma história contada por um avô, uma parteira, um canoeiro, uma curandeira — e decidir que essa história merece existir também no papel — é um ato de profunda responsabilidade cultural. As narrativas aqui reunidas foram recolhidas com essa escuta reverente, feita por professores em formação, estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará, no campus Óbidos. E mais do que isso: foram escritas com mãos que conhecem a lama do barranco, a curva do rio, a brisa do fim

da tarde sobre as águas. Com a sensibilidade na escuta e na escrita de relatos que estavam nos igarapés das memórias.

O livro que o leitor agora tem em mãos é resultado de um projeto formativo que entendeu, com lucidez, que educar na Amazônia exige muito mais do que aplicar métodos: exige enraizamento e pertencimento. Saber o nome do rio, da planta, da reza. Compreender que o saber não está apenas nos livros didáticos, mas também no “causo”, na lenda, no olhar do pescador que pressente a mudança do tempo. A formação docente efetivada – e expressa neste livro – resgata esse saber ancestral para devolvê-lo à escola

como ponte, como travessia, como possibilidade de escuta ativa entre gerações.

Há aqui um gesto contra o esquecimento. Contra a aridez dos indicadores e a colonialidade dos saberes curriculares que tantas vezes silenciam a diversidade cultural dos povos da Amazônia. Ao reunir lendas como a da Matinta Perera, do Boto, da Cobra Grande, entre outras tantas, este livro não apenas recupera histórias — ele restitui sentidos. Cada conto é uma semente de memória que pode brotar em sala de aula, em rodas de leitura, em projetos escolares de arte e cultura. Cada conto é também um gesto de afirmação: somos povos da floresta, das

beiras dos rios, das cidades, e nossas histórias também educam.

Mas o valor deste livro não se limita à riqueza de suas histórias. Sua potência está, igualmente, na sua forma de nascer: uma coletânea construída por estudantes, com orientação de professoras que compreenderam o papel transformador da educação pública e o compromisso da universidade com os saberes populares. Quero, por isso, agradecer às professoras Aldenira e Ana Maria, e ao professor Hamilton, pelo convite generoso, mas sobretudo pela condução cuidadosa deste projeto. A estes colegas, minha admiração pelo modo como teceram este livro: com rigor acadêmico e delicadeza afetiva.

É necessário lembrar que este tipo de iniciativa não acontece por acaso. Em regiões como a Amazônia, onde o acesso ao ensino superior é, ainda hoje, conquista recente e disputada, publicar um livro com a produção intelectual e cultural de estudantes representa um feito histórico. Cada história aqui impressa é também uma vitória simbólica contra os apagamentos cotidianos. Cada estudante autor e autora é, agora, parte de uma tradição que não se interrompe: a tradição daqueles que deixam marcas indeléveis de sua passagem no mundo, sua inserção e respeito a um coletivo do qual é parte integrante.

Como pesquisador da história da educação na Amazônia, tenho aprendido que o passado é essencial para iluminar o presente e condição para que não repetiam erros grotescos que comprometam o futuro. Desta forma, o passado não deve ser apagado, ao contrário, ele precisa estar visível. E este livro se insere nos esforços de iluminar, de apontar caminhos. Ele nos mostra que é possível — e urgente — fazer da formação docente um espaço de reconexão com as raízes culturais, de valorização da escuta e de compromisso com a pluralidade. Afinal, educar, em todo lugar e especialmente na Amazônia, é mais do que ensinar: é semear o futuro com as sementes do passado.

Metaforicamente, concluo trazendo uma imagem que se formou em meus olhos percorrendo as páginas dos escritos de tantas mãos: este livro é como uma rede estendida sobre as águas de um rio. Nela, repousam histórias que vieram à tona — algumas doces, outras sombrias, todas, porém, instigantes e ricas de aprendizagens. Cabe agora a quem o ler ajudar a lançar essa rede mais longe, fazendo dessas memórias agora escritas, instrumentos de encantamento, de ensino e de emancipação.

Boa leitura. Boa travessia no remanso.

Santarém, abril de 2025.

APRESENTAÇÃO

O livro *No Remanso da Cultura Amazônica - Da sala de aula para o mundo das histórias* constitui uma rica experiência formativa e cultural no contexto da Amazônia Paraense. Organizada por Maria Aldenira Reis Scalabrin, Ana Maria Vieira Silva e Hamilton José Fernandes da Silva, a obra reúne reflexões de professores formadores e narrativas produzidas por professores em formação, no *campus* da Ufopa, em Óbidos-PA, revelando um elo profundo entre ensino, linguagem, cultura e ancestralidade. É uma obra que tem como propósito mostrar que é

possível o fazer artístico, a partir de conteúdos trabalhados em sala de aula, no curso de Pedagogia, destinado a professores leigos, atuantes em sala de aula da Educação Básica Fundamental.

Outro propósito desta coletânea de textos amazônicos é que ela possa ser usada como material didático-pedagógico pelos autores e autoras, bem como por qualquer professor em suas salas de aula, no dia a dia da profissão docente.

Ademais, é mister salientar que a edição do livro teve cuidado iminente ao fazê-lo para todo e qualquer tipo de leitor, mas, especialmente, para os que têm, o celular como seu principal meio de leitura.

O livro reúne, portanto, textos de acadêmicos obidenses, ideia que surgiu a partir da observação de significativos trabalhos produzidos em uma das atividades da disciplina Fundamentos Teórico-práticos em Arte, ministrada naquele município, em 2018, pela professora Dra. Maria Aldenira Reis Scalabrin. Cada texto narrado conta uma história cujos autores são sujeitos incrustados na cultura, no tempo e no espaço, sendo, portanto, contadores, ou recontadores de histórias, a partir do meio onde vivem ou viveram e, de alguma forma, fazem parte de suas vidas enquanto autores e/ou personagens.

As narrativas compiladas – como a da Matinta Perera, do Boto, da Cobra Grande, entre outras – não apenas entretêm, mas ensinam, emocionam e conectam gerações. Ao transformar relatos orais em textos escritos, os autores e autoras reafirmam suas identidades e compartilham vivências com o mundo. É um projeto que cruza arte, educação, memória e pertencimento, contribuindo para que a formação docente na Amazônia seja também um espaço de travessia cultural e emancipação social.

O livro é composto por duas partes.

A Primeira Parte intitulada *Contribuição das Professoras*,

apresenta os textos teóricos que discutem as práticas pedagógicas em contextos amazônicos e o papel da oralidade na preservação da memória coletiva. No texto intitulado ENSINO, LINGUAGEM E CULTURA – EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM SALA DE AULA, a professora Maria Aldenira Reis Scalabrin faz uma viagem no tempo e na experiência docente cujas práticas pedagógicas docentes, em Óbidos, resultaram na publicação ora veiculada. Em seguida, no texto NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE: ANCESTRALIDADE, TRADIÇÕES E REVIGORAMENTO DA CULTURA AMAZÔNICA, a professora Ana Maria Vieira Silva, tece substanciais considerações acerca do

gênero textual narrativa oral, apontando conceitos, origem e características, além de citar exemplos consistentes referentes ao assunto. Tudo isso para auxiliar o leitor e a leitora na compreensão mais ampla do gênero em foco, a partir das narrativas da obra, com significativo Glossário de termos paraenses que retrata a rica variedade linguística inerente aos falares remotos da Amazônia Brasileira, organizado por Hamilton José Fernandes da Silva.

A Segunda Parte da publicação, sob o título: *A cultura oral nos textos de sala de aula*, dá voz aos(as) acadêmicos(as) do curso de Pedagogia, que registram lendas, mitos e histórias

vividas ou ouvidas em suas comunidades.

Essa coletânea reafirma o valor dos saberes populares na formação docente, articulando o ensino formal às raízes culturais locais.

Mais que um livro de histórias, *No Remanso da Cultura Amazônica* é um gesto de resistência contra o apagamento cultural e um tributo à oralidade como forma legítima de conhecimento.

O prefácio do prof. Anselmo Alencar Colares destaca a importância da escuta respeitosa, do enraizamento territorial e da valorização da pluralidade na educação. A publicação traduz o compromisso da universidade

pública com a escuta ativa dos povos tradicionais, sobretudo na região oeste do Pará.

A obra *No Remanso da Cultura Amazônica – Da sala de aula para o mundo das histórias* é mais do que uma coletânea de textos: trata-se de uma ação concreta de salvaguarda cultural e fortalecimento identitário, construída a partir da escuta atenta de professores em formação que transitam entre mundos ribeirinhos, quilombolas, urbanos e ancestrais. A obra nasce do chão da Amazônia paraense, no *campus* de Óbidos, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), e se estrutura como um projeto pedagógico epistemológico que reconhece nas

narrativas orais uma forma legítima de produção de conhecimento.

As narrativas aqui reunidas, muitas das quais circulavam apenas na oralidade cotidiana das comunidades, adquirem novo *status* ao serem registradas, interpretadas e compartilhadas em um espaço formativo. Com isso, o livro realiza duplo gesto: preserva o que estava à margem e devolve às escolas aquilo que sempre pertenceu aos seus territórios. As histórias ganham corpo como textos pedagógicos, recursos didáticos e testemunhos de um mundo simbólico resistente.

Nosso desejo é que as leituras realizadas conduzam leitores e leitoras

às profundezas dos costumes, das crenças, da cultura, constitutivos do mundo amazônico, mais especificamente da região do oeste paraense.

Os Organizadores.

PARTE I - CONTRIBUIÇÃO DAS PROFESSORAS

ENSINO, LINGUAGEM E CULTURA – EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM SALA DE AULA

Maria Aldenira Reis Scalabrin¹

1. PALAVRAS INICIAIS DA PROFESSORA

A formação continuada docente ao longo da carreira do magistério com

¹ Professora pesquisadora, da Ufopa, Letras/Iced. Vinculada ao grupo História da Educação Brasileira – Histedbr/Ufopa. [Site do Histedbr na Universidade Federal do Oeste do Pará \(Ufopa\)](#) é <<http://histedbr.ufopa.edu.br/>>.

percurso na educação infantil, no ensino fundamental, médio, técnico e, posteriormente, na graduação, dá-me larga experiência das práticas pedagógicas docentes para trabalhar com cursos de formação de professores, profissão abraçada, desde muito cedo.

A satisfação pela carreira de magistério muitas vezes é compartilhada com acadêmicos da graduação que trabalham como professores leigos, em sala de aula, fato que, em 2018, conduziu à sala de aula, acadêmicos do curso de Pedagogia, no *campus* da Ufopa, em Óbidos-PA, no interior da Amazônia Brasileira.

Tudo aconteceu no primeiro semestre de 2018, quando fui trabalhar com a disciplina Fundamentos Teórico-

Práticos da Arte, na turma de Pedagogia/2016, período em que permaneci por cerca de vinte dias naquele município. O desafio foi aceito por já conhecer a cidade em outras experiências docentes, em anos anteriores.

Ainda hoje, estou ciente que a admiração, a gratidão pelas pessoas do lugar por me receberem de braços abertos, o acervo histórico-cultural da cidade situada na margem esquerda do Rio Amazonas, são predicativos guardados nos sons das águas do Amazonas que, algumas vezes, me conduziram para adentrar na vida de professores quilombolas, na longínqua região do Igarapé Grande.

Em verdade, as práticas docentes ao longo dos anos, a formação em Letras, o doutorado em Educação, as experiências técnico-científicas e acadêmicas, também, deixaram-me à vontade para trabalhar com a disciplina proposta. O exercício docente a que me refiro, anteriormente, configurou-se inusitado, pois Fundamentos Teórico-Práticos da Arte é disciplina que requer ações didáticas para serem aplicadas na Educação Básica, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e o fato de possuir experiência nos cursos de graduação da Ufopa ou em outra instituição de ensino superior, apoiaram-me para adquirir novas experiências em sala de aula, num curso de formação de professores.

Para tal situação de ensino, meu foco enquanto professora de Letras foi considerar que toda e qualquer experiência artística tem a linguagem como recurso indispensável, norteada por um sujeito agente do discurso, das interações sociais cujo aporte está na cultura e na história, apoiados num tempo, espaço e cultura ao que denomino Tríade Dialógica do Sujeito da Linguagem (Scalabrin: 2016).

Destarte, convicta dos passos seguintes, planejei a disciplina que deveria ser ministrada para professores leigos, oriundos de escolas públicas do Ensino Fundamental que, naquele momento, compunham a turma de Pedagogia. Entretanto, antes de me reportar à minha experiência docente

que resultou neste livro de cultura nortista, que navega pelas veias de acadêmicos amazônicos, abro espaço para situar o leitor e a leitora acerca do lugar onde estive em passageiro período de tempo, no primeiro semestre do ano 2018.

2. ÓBIDOS NA GARGANTA DO GRANDE RIO²

Óbidos é uma cidade de porte médio, localizada na margem esquerda

² Informações obtidas na página virtual do IBGE (2022) disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/obidos.html>>; e no site da Prefeitura de Óbidos, disponível em: <<https://obidos.pa.gov.br/o-municipio/historia/>>. O acesso foi realizado em 25 de setembro de 2024.

do rio Amazonas, na mesorregião do Baixo Amazonas. Construída aos moldes da cultura portuguesa, essa cidade tem nome homônimo à Vila de Óbidos que fica situada nas proximidades de Lisboa, Portugal. De acordo com os dados do IBGE (2022), Óbidos cidade possui, atualmente, cinquenta e dois mil, duzentos e vinte e nove habitantes.

Além de ser conhecida por suas belezas naturais, a cidade de Óbidos encanta por ter em sua frente a parte mais estreita e profunda do leito do rio Amazonas; chama atenção pelas peculiaridades interioranas que têm os rios da Bacia Amazônica como principal meio de transporte; e, principalmente, é conhecida por ficar demasiado distante de outras cidades e regiões.

As características da cidade de Óbidos estão envoltas pelo estilo português com casas, sobrados, ruas estreitas e alongadas, ladeiras e comércio nas esquinas, aos moldes das construções europeias. A cidade foi fundada por volta do ano de 1697, sendo, em 1998, tombada como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural pelo governo do Estado do Pará. No mais, é conhecida por ainda possuir floresta nativa e significativo patrimônio histórico, como é o caso do Forte Pauxis, da Igreja Sant'Ana, Capela de Bom Jesus, Cemitério Israelita³, Serra da Escama e dos casarios antigos que

³ No dia 07 de novembro de 2023 houve o Tombamento do Cemitério Israelita de Óbidos – Pará como patrimônio histórico municipal. Informações obtidas no site: <<https://www.youtube.com/watch?v=2QCXSGSLPNQ>>. Com acesso em, 23 de janeiro 2025.

compõem o patrimônio histórico local do lugar.

Em vista disso, a cidade de Óbidos, do interior da Amazônia Brasileira, avulta-se como referência nacional em cultura de várzea e de terra firme por serem habitadas por populações indígenas, remanescentes de afrodescendentes, ou de outras etnias, além de ser berço de renomados escritores canônicos da literatura brasileira, como, José Veríssimo Dias Matos e Herculano Marcos Inglês de Souza.

Para ilustrar a peculiaridade da cultura obidense, compartilho nesta obra, o texto a seguir.

Naufrágio e Renascimento⁴

Maio de 2011, o dia das mães logo se esparramaria na densa várzea defronte de Óbidos, no Quilombo Muratubinha, no município de Óbidos, Pará. A chegada era tão aligeirada quanto as águas que corriam debaixo dos

⁴ Com o título “Os Náufragos”, esse texto consta na minha tese de doutorado intitulada *Fios e desafios na formação continuada de professoras no Quilombo Tiningu, Oeste Paraense: experiências permeadas pela linguagem e pela cultura*, concluída na Unicamp/SP, em 2016, na linha de pesquisa, Ensino e Práticas Culturais. A tese está disponível no seguinte

endereço:

[<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321149>](http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321149). A versão do texto Naufrágio e Renascimento apresenta modificações a partir do original. Essa história foi contada pela própria professora Maria Vitória (nome fictício), numa sala de aula do curso de Letras/Parfor/2012, por ocasião das minhas primeiras experiências docentes nos cursos de graduação pela Ufopa, no município de Óbidos. Trago aqui a história para mostrar um pouco das características de uma cidade interiorana, amazônica, como é o caso de Óbidos.

assolhos das casas, sem tempo de olhar para trás.

É praxe Maria Vitória e as colegas de trabalho, cerrarem as porteinhas da escola para singrar a garganta do rio-mar, para receber os salários do mês e comprar suprimentos para suas famílias.

Mundica, a bajara do Mestre Selé, era a preferida atravessar o rio Amazonas. Delicada, Mundica tinha o invariável hábito de rasgar a garganta do grande rio para conduzir as professoras até a cidade. Não era incomumvê-la deslizando mansa como uma pena ao vento abanando as águas barrentas do Amazonas.

O exímio atravessador do rio, Mestre Selé, amava o ofício de manobrar Mundica, fato que coloria sua fluida vida morna tal quais as águas que correm em

*suas veias, na também morna,
Muratubinha.*

Mundica acompanhava o mestre das águas nos para-lá, para-cá, nos sobe-desce, nos aqui-acolá, nas sinuosas artérias que percorrem os rios da Amazônia. Ele a ganhara de aniversário de sua mãe, D. Raimunda, donde vinha a alcunha Mundica.

No dia da viagem, Mundica sentia-se comprimida com tanta gente, adultos, crianças e o manobrista. Assoberbada, regurgitando água pelas beiradas, ela saiu rasgando os raios solares que despontavam anunciando brilhante dia a brotar ávido, na linha do horizonte.

Ao zarpar do porto de Muratubinha, Mundica contemplou o dia límpido com aurora a beijar as águas frias do rio. Cauteloso,

coração transbordando de felicidade, Mestre Selé manobrou a embarcação rumo à travessia do grande rio.

Passado algum tempo de viagem, enquanto deslizava pelas entranhas das águas caudalosas, algo extemporâneo surpreendeu o valente ribeirinho: o tempo virou. O vento aumentou, a embarcação balançou, a maresia avolumou, o medo despontou.

Pobre Mundica!

Mestre Selé não conseguiu controlar a embarcação que naufragou frágil como um peixe fora d'água, na agonia dos últimos momentos de vida.

Obstinado, lutando contra a bravia tempestade, a se contorcer enfurecida pela ventania, o manobrista das águas mornas impediu que sua benquista

Mundica, submergisse por completo.

Ah! Se isso acontecesse, seria o fim de todos, pois dificilmente alguém se transpõe a nado, na Garganta do rio Amazonas.

Para evitar o derradeiro golpe no coração de Mundica, Mestre Selé emborcou-a, aprumou-a sobre um bolsão de ar.

A esperança tocou as pontas dos dedos dos sobreviventes dando-lhes alento nas frágeis bordas da embarcação.

O vento, com mãos firmes, não deu trégua, arrastrou a todos para o leito do rio. Sua tamanha devoção exalava falta de piedade.

À deriva, o medo abraçava a todos. Um hálito morno, insensível foi expelido do interior da boca do gigante prestes a deglutir os

desafortunados. O rio exacerbado inspirava, expirava ar dos espaçosos pulmões. As forças dos naufragos se esbarravam umas às outras, a fim de evitar o pânico e se salvar.

Nada mais restava aos naufragos, a não ser aguardar que a fera fluida recolhesse suas insolentes garras, permitindo aos viajantes reatarem suas vidas moribundas.

Flutuando nas águas do Amazonas, acostados na embarcação emborcada, os naufragos ali permaneceram por tempo infindo. A vida escorria impiedosa pelas pontas dos dedos dos desafortunados.

Enquanto se apoiavam na embarcação, seus corpos pendiam no ar como frágeis galhos de árvore embalados em meio à tempestade.

Finalmente, o desespero deu sinais de que se ia embora. A esperança se fez luz! O vento raivoso, esbaforido, cansado de surrar os desventurados, empurrou-os para o remanso do rio, após serem avistados por outra embarcação. Enfim, desfortúnio naufragou!

O reboque os conduziu até às margens do Amazonas rumando a história rumou em outra direção.

A escalada exaustiva até o alto do barranco do Amazonas os deixou acinzentados. Em cima, sobre rasteira vegetação, os barrentos se espalharam pelo chão.

O sol queimava os dorsos, as pestanas; o vento ressecava o barro nos corpos; as águas caçoavam do sofrimento; e a solidão palpitava nos peitos

lembraças da vida dos que ainda dormiam nas redes esticadas nas simplórias moradas de Muratubinha.

E a melancolia tênué virou sinfonia de soluços a ecoar dores paridas nas excrecências das experiências espavoridas. O padecimento sinistro, a ajuda mútua, a resiliência os salvava. Os sentimentos eram os mesmos, estendiam-se pelas almas reviradas pelo avesso daquelas vidas retorcidas.

A calmaria se fez retomada pouco a pouco.

Outros naufrágios emocionais não estão descartados para os que se enrustecem no mundo das águas.

Após contar sua história, gotas transparentes brotaram dos cantos dos olhos de Maria Vitória.

E o colarinho pink da blusa de farda de professora-aluna, refletia experiências de quem é forte tal como a vara de pesca usada para fisgar o sustento da família, no rio que corre no fundo do quintal da casa de Maria Vitória.

Na sala de aula o suor era intenso evidenciando o chão lúgubre revestido por corredias histórias de vida, refletia morna melancolia esparramada naquela manhã de julho com vidas idas, com vidas vindas.

A vida é uma dádiva a ser vivida a cada amanhecer.

(Scalabrin, 2016a).

Deveras, fui atingida pela narrativa da professora Maria Vitória⁵

5 Nome Fictício.

me atingiu fortemente. Naquele dia, a imagem das pessoas à deriva, latejava na minha mente. Nunca mais esqueci o pequeno trecho da história de vida da professora do mundo líquido.

Eis acima uma, dentre tantas comoventes histórias de vida de professores amazônicos que estiveram no curso de Letras/Parfor⁶, em 2012, por ocasião das minhas primeiras idas ao município de Óbidos para dar aula para aqueles que se deslocavam de suas comunidades rurais, no período de férias, para cursar graduação, no intuito de permanecerem enquanto professoras, em sala de aula.

⁶ Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

Isto posto, é mister perceber a peculiaridade da cultura obidense, delineada pela linguagem. O texto *Naufrágio e Renascimento*⁷ evidencia a realidade da vida de professores da Amazônia Brasileira, preterida pela história esquecida nas margens dos rios, assim como suas práticas pedagógicas docentes, embora não detalhadas, não devem ser desestimadas em sala de aula, enquanto espaço formativo em virtude de a cultura, a história, o tempo, o espaço e os discursos dessas professoras estarem intrinsecamente ligados a eventos que não podem ser obscurecidos da perspectiva histórico-educacional da Amazônia, onde o

⁷ Com novo título feito por mim.

movimento das águas delineia a própria existência das pessoas.

3. SALA DE AULA COM PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Na sala de aula, do curso de Pedagogia, com professores em formação, no *campus* da Ufopa, em Óbidos, no ano 2018, a diversidade imperou com a presença de ribeirinhos advindos das regiões de rios, quilombolas que se deslocaram de diversos quilombos, e outros da região de terra firme, do planalto obidense,

além de alguns poucos acadêmicos oriundos da cidade. Certo é que, todos estavam ali, na condição de professores leigos, da educação básica municipal e/ou estadual. Essa é característica tal, preponderante na educação escolar amazônica, após mais de duas décadas de criação da Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional – LDB⁸/1996. Em seu Art. 62⁹ consta seguinte assertiva acerca da formação de professores da Educação Básica:

⁸ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

⁹ O Art. 62 da LDB/9394, foi alterado em: 20 de abril de 2009, estabelecendo que a formação de professores se dá com entrada pelo ENEM e que, para a Educação Infantil e Fundamental até o quinto ano, podem ser aceitos professores com apenas o ensino médio. O documento está disponível em: <https://camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarIntegra?codteor=663503#:~:text=A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20docentes%20para%20atuar%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica%20far,n%C3%Advel%20m%C3%A9dia%20na%20modalidade%20Normal.>, com acesso em: 26 de setembro de 2024.

Art. 62.A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Convém salientar que, em 2009 o Art. 62 da LDB/9394, foi alterado no intuito de amparar a população leiga de professores que, historicamente, atua em sala de aula. Esse ato legitima a atuação profissional docente, em sala de aula, porém, contribui com a continuidade de um investimento insuficiente na educação básica brasileira por parte do poder público,

fato que compromete a qualidade da educação nacional fomentando baixo desenvolvimento social.

Trabalhar com o curso de formação de professores é sempre um desafio para mim, dada a responsabilidade pela formação daqueles que terão diversas gerações perpassando por suas vidas de professores, enquanto estiverem atuando na carreira do magistério. Tal preocupação transcorreu pelo planejamento da disciplina que esteve pautada no vol. 6¹⁰ (1997) dos PCNs¹¹,

¹⁰ O volume 6, dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte está disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 09/05/2024.

¹¹ Convém esclarecer que, no momento em que ocorreu a disciplina, em Óbidos, a prevalência das diretrizes da educação nacional, dava-se por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, embora a Resolução do CNE/CP n.02 tivesse sido publicada em 22 de dezembro de 2017. Este documento

por nortear as diretrizes do ensino da arte nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e estabelecer as diretrizes da educação nacional brasileira.

Dentre os conteúdos estudados no âmbito escolar, nos detivemos em alguns que nos marcaram enquanto professora e professores, abaixo faço esse relato.

Inicialmente viajamos conduzidos pelas mãos de Saramago com o texto “A maior flor do mundo”. Navegamos pelas leituras das pinturas de famosos do mundo, como Salvador Dali e Picasso. Aterrissamos mais próximos de nós, deslizamos pelas mãos de Anita Malfati

foi responsável pela criação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC que, atualmente, regulamenta as diretrizes da educação nacional brasileira.

e pelas artes de Laurimar Leal¹², Apolinário¹³, não deixando de visitar o interior do sinistro conto Acauã, de Inglês de Souza. Tudo isso para

¹² Nascido em Santarém-PA, em 1939, o artista plástico, artesão, escultor, cantor, compositor e restaurador, Laurimar Leal contribuiu significativamente para com a cultura local, onde atuou por vários mandatos como Secretário de Cultura. Esteve na França e, como artista surrealista, dedicou-se à pintura de telas sobre as lendas amazônicas, além de aprender a trabalhar com restauração de obras de arte. De volta ao Brasil, Laurimar Leal restaurou prédios históricos, como a catedral Nossa Senhora da Conceição, o antigo prédio da Prefeitura Municipal de Santarém – atual Centro Cultural João Fona e as igrejas São Sebastião e São Raimundo Nonato, em Santarém; também, restaurou igrejas católicas nos municípios de Aveiro e Monte Alegre, no Pará. No que se refere às artes plásticas, dedicou-se às telas com enfoque nas peculiaridades do modo de vida de indígenas. Enquanto artesão ceramista, teve forte inclinação pela produção de peças que compõem o acervo da história da Amazônia Brasileira. As obras mais importantes do artista são as telas Canoas à Vela, pintadas quando o mesmo já estava destituído da visão em consequência de glaucoma. Atualmente, octogenário, o artista Laurimar Leal continua residindo em Santarém, porém, em situação delicada de saúde, sobrevivendo com benefícios pecuniários concedidos por decreto, em 2004, pela Prefeitura Municipal de Santarém, em retribuição à relevante dedicação do artista para com a cultura amazônica, paraense. Sendo artista santareno de referência nacional e internacional,

percebermos que a arte, a história e o ensino caminham de mãos dadas e que o ditado popular “basta jogar uma lata de tinta na parede e já é arte” não procede, pois a arte conta parte da cultura, da história de um povo.

Nesse sentido, diversas práticas pedagógicas docentes foram realizadas em sala de aula, inclusive em uma escola da comunidade. Entretanto, a parte mais importante foi a realização da última atividade da disciplina, pelo

Laurimar Leal tem algumas de suas obras-primas disponíveis no Museu Virtual da Amazônia Laurimar Leal, disponível no site: <<https://www.museudaamazonialaurimarleal.com/>>.

¹³ Apolinário Oliveira, santarenense, ex-vendedor de jornal e engraxate herdou do pai, o gosto pela pintura. De família simples, desde muito cedo revelou fortes inclinações pelo desenho. A dedicação pela escultura e pela restauração, chegaram na vida adulta enquanto aprendiz e colaborador do artista Laurimar Leal com quem aprimorou as habilidades e o amor pela arte santarena. Assassínado em 2020, o artista plástico deixou relevantes contribuições para a cultura e história da arte santarena.

destaque que teve. A prática esteve voltada para uma produção textual escrita tendo como referência a cultura do local onde habitam os acadêmicos. O referido texto poderia ser ilustrado ou pelo autor ou por outra pessoa. O resultado da prática educacional pode ser conferida na produção deste livro que transborda cultura nortista, seja nos textos, seja na linguagem, ou nas ilustrações. Tudo nele é arte: as palavras, as cores, os desenhos, a fantasia de rememorar histórias que marcaram vidas. O resultado das práticas pedagógicas docentes nos remete para uma coletânea de trinta e oito textos cujos registros norteiam a vida, as crenças das pessoas que os produziram, pois em alguns casos os

professores em formação cresceram em seu *habitat*, ouvindo histórias que lhes ficaram retidas nas memórias.

4. CONCLUINDO SEM CONCLUIR

Isto posto, assim como a professora Maria Vitória, de Muratubinha, compartilhou um pouco da sua história de vidas, em 2012, as narrativas contadas, em 2018, no curso de Pedagogia, nos permeiam de esperança, em dias melhores para a educação do campo, dos povos tradicionais que habitam na Amazônia Brasileira e que são movidos pelas

água que circulam diariamente em suas vidas. É nesse intuito que os textos apresentados neste livro levam aos leitores e leitoras, este belo acervo da cultura nortista, da Amazônia Brasileira, mais especificamente de pessoas nativas que trazem a cultura local incrustada em suas vidas.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: junho de 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes.** 5^a. A 8^a. Série, pdf. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>.

GENTE. Vem com a. Globo-Santarém-PA. **Arquitetura e pinturas revelam a história de Santarém através da arte.** 1 vídeo (6min. 35 seg.). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6510727/>>. Acesso em 20 de junho de 2024.

MUVALL.Museu da Amazônia Laurimar Leal. **Arquitetura e pintura revelam a história de Santarém através da arte.** Disponível em <<https://www.museudaamazonialaurimarleal.com/artista/>>. Acesso e 17/09/2024, as 17h.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo.** Revista Eletrônica Prosa, Verso e Arte - Templo Cultural Delfos. 2022. disponível em:

<<https://www.revistaprosaversoearte.com/maior-flor-do-mundo-jose-saramago/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018.

SCALABRIN, Maria Aldenira Reis. **Fios e desafios na formação continuada de professoras no Quilombo Tiningu, Oeste Paraense: experiências permeadas pela linguagem e pela cultura**, na linha de pesquisa, Ensino e Práticas Culturais. Unicamp-SP/2016, 289 páginas. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321149>>.

SOUSA, Inglês. Coleção: *Contos Amazônicos – cadernos do mundo inteiro*. Projeto editorial integral Eduardo Rodrigues Viana, Jundiaí, SP, 2017, pdf. Disponível: <<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-amazonicos-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Com acesso em: 20 de fevereiro de 2018.

VIEIRA. Silvia. G1 Santarém e Região – PA. **Por dentro da História.** vídeo (3in. 37Seg.). 18/10/2023, às 10h 30min. Disponível em:
<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/por-dentro-da-historia/noticia/2023/10/18/conheca-a-historia-de-laurimar-leal-o-santareno-reconhecido-no-brasil-e-no-exterior-por-sua-contribuicao-a-arte.ghtml>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE: ANCESTRALIDADE, TRADIÇÕES E REVIGORAMENTO DA CULTURA AMAZÔNICA

Ana Maria Vieira Silva

Antes da existência da escrita, as comunidades tradicionais comunicavam-se e transmitiam seus conhecimentos e memórias pela oralidade, sendo esta a primeira manifestação da linguagem humana usada para passar aos

descendentes os legados das tradições culturais de cada povo.

As narrativas transmitidas oralmente nas diferentes sociedades são comumente chamadas de narrativas da tradição oral. Elas não têm autoria definida, são resultado de um processo coletivo contínuo de criação e sua origem perde-se em tempos imemoriais. São os primeiros gêneros ficcionais que as diferentes sociedades utilizaram para contar fatos marcantes, provavelmente ocorridos, mas que traziam em si um grau significativo de mistério para quem os viveu. Muitos desses relatos, entretanto, por se tratarem de episódios que transcendem a compreensão humana, entraram na esfera do

sobrenatural, do misterioso ou do insólito, e passaram a ser considerados realismo mágico ou fantástico, estilo próprio de muitas das narrativas orais do continente latino-americano, tão bem explorado nos cursos de graduação e pós-graduação que possuem em seu ementário o componente curricular Literatura Comparada ou Estudos Culturais. Autores hispano-americanos como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Jorge Luís Borges, Mário Vargas Llosa, Isabel Alende, entre outros, e alguns brasileiros¹⁴, como

¹⁴ Embora o termo realismo mágico ou fantástico tenha sido criado no século XX, o escritor brasileiro paraense Inglês de Inglês de Sousa, pode ser considerado um escritor que explorou esse gênero, ao publicar, ainda no século XIX, o livro *Contos Amazônicos*, em que alguns desses contos, como: Acauã, A feiticeira e O baile do judeu apresentam elementos que os caracterizam como realismo mágico ou fantástico, pois que são povoados de personagens sobrenaturais e de surpreendentes situações exóticas e assustadoras. Da mesma

Jorge Amado, José J. Veiga, José Cândido de Carvalho e Mutilo Rubião são escritores que exploraram o realismo mágico ou fantástico, muito embora sejam narrativas que nem sempre foram originadas a partir de uma tradição oral, o que as diferenciam das narrativas orais amazônicas, todas elas resultantes das narrativas dos contadores de histórias, transmitidas de geração a geração e que até hoje permanecem vivas no imaginário amazônida.

Como no início de sua formação as diferentes sociedades não dominavam a escrita, essas narrativas eram transmitidas oralmente por meio de

forma, Machado de Assis, ao criar um defunto que narra sua própria história em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

contação de histórias pelos griôs (*griots*, *griottes*), aedos ou bardos, a quem cabia a função de transmitir de forma oral as histórias, mitos, lendas e poemas de seu povo, geralmente à noite, ao redor de uma fogueira. Às vezes, essas histórias podiam ser cantadas, como ocorreu nas canções de gesta, nas cantigas trovadorescas; declamadas em forma de poemas, próprio dos saraus nos palácios; ou de forma teatralizada, também, na maioria das vezes, para um público de reis e nobres. Todos esses gêneros foram muito cultivados na Idade Média.

A transmissão oral das histórias, sem o apoio do registro escrito, exigia que a memória dos contadores fosse

cultivada com a finalidade de garantir a manutenção do núcleo da narrativa, já que, a cada vez que essas histórias eram contadas, ocorriam modificações: acrescentavam-se ou se subtraiam elementos e as palavras usadas eram, muitas vezes, modificadas para garantir que, nas sucessivas interações, os diferentes públicos pudessem entender o que se contava.

Com o surgimento da escrita e, posteriormente, com a invenção da imprensa de Gutenberg, as narrativas orais perderam seu prestígio, principalmente aquelas que pertenciam às comunidades tradicionais, que ainda mantinham o teor primitivo, cujos enredos e personagens estavam, na

maioria das vezes, envoltos numa aura de mistério. Essas, eram narrativas permeadas de episódios sobrenaturais, com a permanência de mitos e lendas, que tentavam explicar o surgimento dos elementos da natureza. Esse é o caso, por exemplo, das narrativas amazônicas, que ainda preservam até hoje esses traços primitivos dos povos originários. Como essas comunidades por muito tempo foram relegadas à margem da sociedade, suas narrativas não eram consideradas importantes para a comunidade letrada, que não se interessava pela cultura desses povos e nem valorizava o estudo dessas narrativas nas universidades e academias.

A partir do momento em que a sociedade teve consciência de que essas narrativas primitivas antecederam a história e, portanto, eram um elo importante para se compreender a origem e a cultura de um povo, os pesquisadores brasileiros passaram a reconhecer e valorizar as histórias contadas pelos povos originários e seus descendentes, neste caso específico, os nativos amazônidas.

Se por um lado há provas de que as narrativas da tradição oral se conservaram ao longo do tempo, seja porque são ainda transmitidas pela oralidade, seja porque foram registradas em textos escritos ou gravados em filmes e desenhos, ou porque traços

dessas narrativas são incorporados em gêneros narrativos atuais, por outro lado, tem-se consciência de que, apesar de se terem preservado boa parte da tradição oral, muito se perdeu ao longo dos séculos ou se hibridizou. Pimentel (2012) observa que

A verdade é que os rastros dos textos orais se perdem num passado longínquo itinerante de um espaço a outro, interpelam-se com outros textos de outros imaginários culturais, daí não sabermos de onde se originam as matrizes orais que circulam tanto na oralidade quanto na escrita, daí o caráter “nômade” das escrituras orais e escritas. Dessa forma, as matrizes poéticas da oralidade se

“desterritorializam” e adquirem rumos de uma poética híbrida que está para além de fronteiras estabelecidas. (Pimentel, 2012, p.30)

Paul Zumthor (1993), estudioso das tradições orais medievais, muito contribuiu para os estudos atuais sobre narrativas orais no Brasil, principalmente a partir da publicação de sua obra *A letra e a voz*, ao mostrar não apenas a trajetória dos estudos de voz e oralidade na literatura da Idade Média, mas também ao oferecer suporte teórico para a compreensão das narrativas contemporâneas. É interessante perceber que Zumthor prefere o termo vocalidade ao invés de oralidade, pois, de acordo com esse

medievalista, “vocalidade é a historicidade de uma voz: seu uso” (Zumthor, 1993, p.21).

No Brasil, a professora e pesquisadora Gerusa Pires Ferreira foi a principal divulgadora da obra de Zumthor, tendo sido a tradutora, bem como a autora do posfácio da referida obra, no qual, logo no início, assim se manifesta:

Um livro como *A letra e a voz* é, para os estudiosos de literatura, de cultura medieval e de literaturas orais [...] um divisor de águas. [...] tal é densidade com que Paul Zumthor elabora conexões entre os campos de interferência da voz e da escritura; o papel da voz em certas séries institucionais como a Igreja e

a escola e em séries mais difusas: os costumes, o cotidiano, a vida cultural. (Ferreira, 1993, 287. Posfácio de *A Letra e a Voz*).

Ferreira (1993), como pesquisadora da cultura popular, deu ênfase em seus estudos às manifestações das poéticas orais e, nesse sentido, ao falar sobre a oralidade, diz que esta modalidade da língua é “um princípio do texto poético, permitindo-lhe deslocar a dicotomia popular/erudito, evitando discriminações” e conclui esse pensamento ao dizer que “o reconhecimento profundo da materialidade da voz, com seus atributos intercorrentes que abalroam o signo –nomadismo radical,

intervocalidade, eroticidade, movência, dissipação da autoria – propõe de fato novos caminhos” (Ferreira, 1993, p. 287).

A valorização das narrativas orais dos povos originários surgiu, principalmente, a partir dos estudos pós-coloniais, que se preocuparam em reconhecer a ancestralidade dos povos colonizados, revivendo o momento anterior ao domínio do colonizador, deixando claro que o hiato criado na cultura, língua e crença de um povo subjugado, deveria servir de estímulo para que cada povo que passou pelo processo de dominação retomasse a sua história e tudo que dela fizesse parte, orgulhando-se disso. É verdade que

algumas dessas narrativas vêm mescladas com a presença de narrativas exógenas¹⁵. Era de se esperar, é a marca do colonizador europeu que por muito tempo impôs a sua cultura, mas o importante é perceber que a nossa cultura ancestral resistiu a séculos de dominação estrangeira. E mais importante ainda é perceber o interesse pelos estudos e divulgação dessas narrativas. É isso que hoje podemos perceber nas universidades - o interesse em conhecer, estudar e divulgar as narrativas de nossos ancestrais. E é isso que esta coletânea de histórias orais produzidas pelos alunos do curso de Pedagogia Óbidos trazem para o público

15 Narrativas externas, histórias estrangeiras, principalmente de origem europeia, que, no passado, foram inseridas pelos colonizadores nos territórios por eles dominados.

leitor, que se interessa por narrativas que resgatam as histórias que, por muito tempo, permaneceram apenas no imaginário do povo amazônida, mas agora, registradas pela escrita, tornar-se-ão conhecidas além destes rincões.

Em minha trajetória de professora em universidades amazônicas – Ufpa e Ufopa, sempre trabalhei com narrativas orais amazônicas, ministrando disciplina com ênfase nesse gênero, no curso de Letras do Programa de Formação de Professores - Parfor, orientando TCC no curso de graduação de Licenciatura em Letras ou nas Dissertações do Mestrado Profissional – Profletras, em que os orientandos escolheram pesquisar as

narrativas orais. No caso dos orientandos do mestrado profissional, além de pesquisarem sobre as narrativas orais amazônicas, por serem professores, teriam de aplicar os conhecimentos obtidos nessas pesquisas em suas propostas didáticas de intervenção em sala de aula. Essas atividades, por serem inusitadas, e não fazerem parte do atual contexto urbano dos educandos, sempre foram bem-sucedidas por despertar a curiosidade e o interesse dos estudantes envolvidos em conhecer essas histórias fantásticas dos misteriosos seres amazônicos.

Além das atividades acadêmicas relatadas acima, que desenvolvi como docente orientadora de TCCs e de

dissertações de mestrado nas turmas dos cursos extensivos da Ufpa e da Ufopa em Santarém, e turmas de cursos intensivos (Programa Parfor), ministrei aulas nas turmas do curso de Letras desde a década de 1990 e nas turmas do Parfor, por volta dos anos 2010 a 2013, também em vários municípios paraenses fora de Santarém. As turmas do Parfor eram constituídas de professores leigos que, embora já exercessem o magistério, não possuíam formação acadêmica, todos eles oriundos de comunidades remotas, na maioria das vezes ribeirinhas. Eram, portanto, alunos/professores, que precisavam sair de suas comunidades para a cidade-polo escolhida para sediar os cursos do referido programa de

formação de professores, enfrentando inúmeros problemas logísticos, inclusive de deslocamento e moradia. Apesar da dificuldade, para obter a capacitação adequada, esses alunos/professores eram sempre muito espirituosos, relatando suas experiências de vida na Amazônia, mesclando seus relatos dramáticos e/ou fantásticos, com episódios repletos de mistério e magia, próprios da cultura amazônica, rica em narrativas que exploram o imaginário, povoado de seres sobrenaturais, entidades fantásticas e fatos insólitos, que desafiam a realidade convencional.

No início de 2019 a meados de 2023, fui coordenadora institucional do Parfor na Ufopa e pude acompanhar de

perto esses relatos, não apenas dos alunos do curso de Letras, mas de outros cursos também de licenciatura, como pedagogia, matemática/Física, História/Geografia e Biologia, que faziam parte das turmas desse programa. Eram histórias bem interessantes.

Penso que como professores temos que continuar trazendo para a sala de aula essas narrativas, para motivar e despertar o interesse dos nossos alunos que, muitas vezes, por residirem na zona urbana, pouco conhecimento possuem das histórias que ainda povoam o imaginário dos povos originários amazônicas, que, em sua maioria, ainda residem nas áreas de

florestas ou ribeirinhas da grande Amazônia e ainda guardam em suas memórias narrativas que, para muitos de nós, são inéditas.

Essas narrativas levadas à sala de aula pelos acadêmicos despertaram o interesse da docente Maria Aldenira Reis Scalabrin que, ao ministrar o componente curricular “Fundamentos teórico-práticos da arte”, no curso de Pedagogia, em 2018, no município de Óbidos, percebeu a riqueza linguística, antropológica e literária dessas histórias, recolhidas pelos próprios discentes, e considerou a possibilidade de publicá-las para mantê-las vivas em nossa cultura de povos amazônidas. São histórias em que as crenças,

encantamentos, superstições e pajelanças caboclas são os principais elementos das narrativas. Nesse sentido, Maués (1999), assim define esse conjunto de elementos da cultura amazônica, presentes nas narrativas orais: “A pajelança cabocla se fundamenta na crença nos encantados, seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporados no pajé [...], figura central da sessão de cura”. (Maués, 1999, p.195).

As narrativas orais amazônicas constituem, dessa forma, um acervo milenar de saberes que sobreviveram à colonização, ao silenciamento acadêmico e à exclusão curricular. Antes mesmo da escrita, essas histórias

organizavam o mundo, transmitiam valores, explicavam fenômenos naturais e estabeleciam vínculos entre gerações. Ao serem trazidas para o espaço universitário, como fez este projeto, ganham a dimensão de instrumentos formadores da docência e da cidadania cultural.

Inspirada por teóricos como Paul Zumthor, Gerusa Pires Ferreira e por tradições populares dos *griots* africanos, dos bardos medievais e dos anciãos contadores de histórias das comunidades amazônicas, a obra evidencia que as narrativas orais não são meras curiosidades folclóricas, mas formas complexas de conhecimento, carregadas de simbolismos,

cosmovisões e pedagogias ancestrais. São textos vivos, moventes, híbridos – que se recriam a cada recontar.

Na formação inicial de professores, especialmente na Amazônia, trabalhar com narrativas orais é uma estratégia decolonial: rompe-se com a lógica eurocentrada de currículo e se instaura uma pedagogia enraizada nos modos de vida e falares da floresta. Os estudantes, autores das histórias, tornam-se também mediadores culturais, tradutores de seus mundos em forma de texto, imagem, voz e resistência.

As narrativas que compõem o livro que ora apresentamos estarão disponíveis para todos os que se

interessam por esse gênero. Que esses leitores possam desfrutar dessas histórias e, se forem nativos desta grande Amazônia, talvez, possam reviver algumas situações que lhes sejam familiares, por tê-las ouvido de alguém que um dia foi o narrador e testemunha de histórias semelhantes a essas.

No Remanso da Cultura Amazônica mostra que formar professores na Amazônia é mais do que ensinar técnicas – é construir pontes entre o passado e o presente, entre a oralidade e a escrita, entre o invisível e o visível. Este livro é, portanto, um documento etnográfico, uma ferramenta pedagógica e uma obra de arte coletiva, com

potencial de transformação da escola e da vida.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Jerusa Pires. **Posfácio A Letra e a Voz, de Paul Zumthor.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra invenção da Amazônia.** Religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup, 1999.

PIMENTEL, Danieli dos Santos. **Cartografias poéticas em narrativas da Amazônia: Educação, Oralidades, Escrituras e Saberes em diálogo.** Belém – PA: Uepa, 2012. Dissertação de mestrado.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.**
Trad.bde Amálio Pinheiro e Jerusa Pires
Ferreira. São Paulo: Companhia das
Letras, 1993.

PARTE II - A CULTURA ORAL NOS TEXTOS DE SALA DE AULA

A assombração da Lavandeira

Francerlei Brito dos Santos



Ilustração: Rogério Santos da Silva

A história que lhes contarei agora, aconteceu há muito tempo, no

Arapucu, na época em que as mulheres lavavam roupas na beira do lago.

Nessa época, morava às margens do lago, em um local chamado Lavandeira, um senhor cujo nome eu nem lembro agora. Só que acontece que esse senhor era um homem muito esquisito, não falava com ninguém; contam até que ele se gerava pra nem lembro o quê; contam que ele tinha uma mulher e que fez voto de silêncio quando ela morreu. É difícil contar a história dele vivo, pois bem poucos sabem da história, mas sabem que ele adoeceu de tuberculose, algo que na época era difícil curar.

Por ele ser antissocial, poucos ou ninguém iam visitá-lo na doença; parece que seu Manduquinha,

curandeiro dessa comunidade, foi até sua casa, uma vez, benzê-lo, e esse homem estava com um terrível quebranto. Acontece que o senhor ficou doente e acabou por morrer. A morte dele só foi descoberta três dias depois, quando Seu, Chico, morador da comunidade, foi lá e viu que os urubus já tinham comido os olhos dele, então veio até à vila e comunicou a algumas pessoas. Enquanto isso, Domingos Canoa Velha e Jutinha foram cavar a sepultura, mas levaram um litro de cachaça. Ao terminarem de cavar, trouxeram o morto enrolado numa rede, aí o enterraram.

Algum tempo após a morte do Senhor da Lavandeira, Dona Joana, como de costume, foi lavar roupa.

Sentiu arrepio e passou mal, ficou pálida, muito amarela, tristonha, ao final das tardes. Seu filho mais velho, o Pedro Birra, convidou a mãe a ir à casa do Seu Manduquinha para ser benzido. Seu Manduquinha falou que ela estava com encosto, mas que se tomasse um banho com folha de arruda e guia de alcachofra, o encosto se afastaria.

Dona Joana seguiu o conselho do benzedor e ficou bem melhor. Logo depois foi a vez de Dona Maria ir lavar a roupa na Lavandeira. Ela sentiu um arrepio e conta que viu um homem estranho andando por lá. Dona Maria correu, jogou a baciada de roupa e foi-se correndo para casa; chegando lá contou ao marido, Senhor João. Ele, seu filho e muitos comunitários se reuniram

para ir à Lavandeira. Levaram espingarda, munição, arpão, terçado, foice e teve até a Dona Raimunda que disse que iria e levaria um galho de arruda. Ao chegarem à Lavandeira, nada encontraram, mas Dona Raimunda ficou no local “benzendo” com um galho de arruda.

Em seguida, Dona Raimunda foi lavar roupa, e aí apareceu para ela o *estranho da Lavandeira* que lhe perguntou quem era ela para querer que ele fosse embora, e que nunca sairia de lá. Ela tentou correr, porém não conseguiu, pois a perna travou e o homem falou que ela não podia com ele.

Seu Manduquinha disse que iria lá tirar essa aparição do local. Foi lá com galho de arruda, pó de cana mansa,

unha de gato, chifre de bode e pó de vale tudo. Ao chegar à Lavandeira, chamou e gritou por essa visagem até que ela veio e disse que não saía. Seu Manduquinha fez o ritual e a aparição se escafedeu.

Pois é, não sei se ele se foi, porém todos que passam hoje pela Lavandeira sentem arrepio, e se você não acreditar, é só se *aprochegar* ao local que lá está a *assombração da Lavandeira*.

A infância de Francisco

Euzilete Barros de Siqueira



Ilustração: Maxvaldo Pimentel

Fm uma comunidade no município de Alenquer-PA, na região de várzea, morava um senhor conhecido pelo nome de Francisco.

Francisco era um homem simples de bondade inigualável, que trazia em sua memória, histórias vivenciadas e escutadas do povo amazônico, causos reais e imaginários contados com detalhes e emoção.

Francisco nasceu em uma família em que os pais tiveram treze filhos, que conviviam e trabalhavam para o sustento familiar. Até os sete anos de idade os filhos dormiam no mesmo quarto com os pais, o qual era denominado de “saleta”. Após essa idade eram destinados ao barracão junto com os irmãos mais velhos. Francisco teve uma infância difícil e ao mesmo tempo prazerosa, pois em suas falas aparenta sentir saudade da época

em que vivera no interior ribeirinho de Alenquer.

Um dos vários acontecimentos que ocorreram na infância de Francisco foi no dia em que subiu em uma mangueira de porte alto e frondoso, características das árvores amazônicas. Moleque peralta acostumado com a situação vivenciada diversas vezes, foi subindo e pulando de galho em galho, sem preocupação. Porém, mal sabia o que estava por vir. Em um determinado momento, Francisco pulou em um galho da árvore que se quebrou, e despencou mangueira abaixo. O que impressiona é que Francisco comenta que deu tempo de pensar em como chegaria ao chão e pensou em cair sentado. O moleque caiu sentado no meio das folhagens de

cacau e não chorou um instante, pois tinha medo das repreensões dos pais. Após isso, a mãe perguntou ao próprio Francisco se eram os galos que estavam brigando no meio do cacoal, pois ouvira o barulho vindo daquelas bandas. Francisco apenas respondeu que não, e em momento algum comentara sobre o ocorrido.

Os dias se passaram e Francisco foi apresentando os sintomas provindos da queda. Toda vez que falavam com ele, virava-se todo para conversar, pois o corpo estava endurecido.

Por isso os pais perceberam que o filho não estava bem. Perguntaram a Francisco o que estava acontecendo. Ele falou sobre o acontecido, pois não aguentava mais tamanha dor.

Imediatamente levaram-no ao curandeiro conhecido do vilarejo para obter a cura. Passaram-se vários dias fazendo o tratamento na casa do curandeiro e Francisco ficou curado. O moleque continuou as peraltices.

Outro fato revelado pelo Senhor Francisco foi o que aconteceu no final de um dia, em uma casa com assoalho feito de maromba, no período de enchente, quando este contava com aproximadamente oito anos de idade. Nesse dia, Francisco já havia se banhado e vestido a roupa, pronto para esperar o jantar. Como de costume, os ribeirinhos, no período da cheia, ao anoitecer, tinham hábito de pescar o peixe através de caniço. Francisco, acostumado com a façanha realizada

todos os dias, começou a pescar. O fogo no fogão à lenha estava bem forte, onde fervia uma panela imensa com comida para o jantar da família. Francisco pescava o peixinho, subia no fogão e colocava para assar na brasa ao lado da panela. E isso se repetiu várias vezes. Em um determinado momento, o moleque, ao pular do fogão, teve sua roupa (a qual era denominada bata-de-padre por se tratar de um vestido feito da saca de açúcar, em que era feito o buraco para passar a cabeça e outro nas partes dos braços) presa na alça da panela, que virou nas costas de Francisco.

O moleque correu desesperado pedindo ajuda ao irmão que estava mais próximo e solicitando que colocasse algo

para amenizar tamanha dor. O irmão, nervoso com o acontecido, pegou uma roupa suja de terra que estava estendida no varal, pois era roupa do trabalho de juta, passou nas costas de Francisco arrancando-lhe as peles.

Nesse tempo, os pais não tinham condições de levar os filhos ao médico, faziam tratamento com remédios caseiros. Francisco comenta que passou várias noites sem dormir com dores horríveis, deitado em umas folhas de bananeiras para amenizar o sofrimento ou refrescar o corpo coberto de queimaduras. O tempo foi passando e a queimadura foi cicatrizando. Ficou com marcas nas costas por muito tempo, recebendo, por isso, apelido de Jaú,

peixe conhecido na região Amazônica por apresentar pintas no corpo todo.

Francisco vivera a infância em um período econômico difícil para o povo ribeirinho amazônico, porém, apesar das adversidades a infância fora marcada, também, por aventuras prazerosas que, ao serem socializadas, transmitem o ar da saudade nos olhos do velho senhor.

A loira do Juncal

Vilma Marinho Coelho



Ilustração: Abieses de Sousa Matos

No meu tempo de criança, era muito comum os vizinhos se

reunirem nas frentes de suas casas para prosear, contar histórias de visagens e assombrações ou até mesmo para tomar um cafezinho fresco. Enquanto os mais velhos contavam suas mirabolantes e fascinantes histórias, as crianças corriam e se divertiam com as brincadeiras da época.

Esse encontros de amigos na boca da noite eram as únicas formas que encontravam para passar o tempo e esperar o sono chegar. Hoje, recordo e consigo entender como era importante para eles esses momentos, tempos felizes que ficaram apenas na lembrança.

De tempo em tempo sempre aparecia algo novo, que causava terror e pânico aos moradores da cidade de

Óbidos. Era a história de uma porca que corria atrás das pessoas na calada da noite, um caixão que aparecia no meio da Rua Lauro Sodré ou um tal de fantasma de passos largos que começava pequeno e ia crescendo e crescendo e dobrava em cima das suas vítimas; esses são apenas os mais citados entre muitos que eram contados. Esses encontros de vizinhos só eram interrompidos quando aparecia um tal de aparelho chupa-chupa que, conforme diziam, queria tirar sangue e miolo das pessoas para vender para o estrangeiro. Então, os vizinhos se reuniam na casa do parente mais próximo, apagavam cedo as lamparinas e ninguém podia falar alto com medo do

tal aparelho que causava grande terror nos moradores.

Uma certa noite, nessa reunião de vizinhos, apareceu por lá um tal de João Bicudo, morador da cidade velha. Era um sujeito gordo, baixo e com a fisionomia de gente muito brava, e logo que chegou, sentou-se e começou a se inquietar com a barulhada das crianças que não eram poucas. Ouvia atentamente as histórias relatadas por ali e pediu licença para contar o que acontecera com ele e seu filho, na passagem do Juncal, e foi então que começou a contar sua história dizendo:

– Há muitos tempos atrás, quando ainda nem existia este bairro da Cidade Nova, existia apenas um caminho que dava

acesso à Cidade Velha e este local que era uma grande mata. Nesse tempo, as pessoas levantavam cedo para apanhar lenha, ajuntar frutos do mato para seu sustento ou para vender. Era tempo de uxi, e para colher esses frutos a gente tinha que sair de madrugada para amanhecer dentro do uxizal grande, num lugar chamado Patrimônio. Era noite de luar e nesse tempo era difícil o uso de relógio; ou se guiava pela lua, ou pelo sol. Outro meio de saber as horas era através do relógio do D.E.R. que era batido de hora em hora. Dei um sono e, quando acordei, fui olhar lá fora e estava luar como dia. Foi então que

chamei Manelzinho, meu filho, e saímos, apressadamente, pensando já estarmos atrasados.

Nessa passagem do Juncal já tinha ouvido falar que à meia-noite, nas noites de lua cheia, aparecia dentro do igarapé uma loira tão bonita que tinha um canto encantador, e quando cantava, aquele que ouvisse seu canto ficava louco ou então era encantado por ela. Quando chegamos, exatamente, na ponte do pequeno riacho, o relógio do D.E.R. deu doze badaladas. Nesse momento, uma sensação estranha tomou conta de mim; foi então que olhei e avistei uma loira que era a coisa mais encantadora que

já tinha visto. Era muito formosa e estava sentada em cima de um troco de pau, de costas para nós. Meu filho Manelzinho também viu e falou:

– Papai, olhe aquela mulher sentada dentro d’água.

Olhei para ele, apavorado, com a voz muito trêmula e disse:

– Psiu! Meu filho, fale baixo, eu estou vendo sim. Deve ser a loira que aparece por aqui. Se ela nos vê, vai nos encantar ou nos deixar loucos. Tomara que ela não comece a cantar, senão estamos perdidos.

Tentamos andar, mas não íamos nem para frente, nem para trás; estávamos paralisados, todos

os cabelos estavam em pé. Ficamos horas naquela situação, observando aquela mulher sentada no tronco de pau, dentro d'água.

O tempo passou e, depois de muitas horas, ela caiu dentro d'água e desapareceu no pequeno riacho. Não tivemos condições de seguir nossa viagem, voltamos para casa, amedrontados e não saía das nossas vistas a imagem da mulher. Foi então que chamaram um benzedor que, depois de nos benzer, falou que estávamos malinados de bicho, porque naquelas horas não era hora de passar naquele local sem pedir permissão para a mãe do igarapé. Só então, depois de fazer

suas pajelanças, nos livrou do encantamento e disse que tínhamos tido sorte de não ficarmos encantados pela mãe do Juncal.

João Bicudo encerrou sua história afirmando ser verdadeiro seu relato. Hoje, com as modificações da paisagem, este lugar é conhecido como aningal ou passagem da Cidade Nova, na Rua Lauro Sodré, e alguns moradores antigos desse local também afirmam ter visto a encantadora loira do Juncal, nas proximidades do aningal.

A mãe da mata e o caçador

Naira Cristiane Lima Silva



Ilustração: Ana Stefany

Conta o velho sábio uma história
muito interessante sobre um bicho

que habita no meio da floresta amazônica, lá para a banda de uma cidade no sul do Amazonas. Lá, por tradição, ainda se sentam com as crianças para contar as histórias dos seus antepassados.

Como ele que, um dia, ao entrar na floresta, ficou com muito medo e começou a correr sem olhar para trás, esquecendo até mesmo de sua espingarda.

Em uma noite de luar, o caçador adentrou a floresta em busca de alimentos. Ele saiu meio sem direção pois já ouvira falar sobre o mostro que habitava por lá.

Com o coração na mão e tremendo de medo, o caçador começou a andar

pela floresta quando, de repente, começou a ouvir ruídos, sons de passos que vinham em sua direção.

Correu, correu sem parar. Quando chegou em uma clareira, parou e olhou para trás e não viu mais nada e nem ouviu nem um som. De repente, começou a subir uma fumaça nebulosa sobre a clareira; ele ainda tremendo, caiu sobre os seus joelhos e começou a rezar e a fazer o sinal da cruz, mas nada disso adiantaria.

Não sabia o caçador que, naquela noite de luar, ao adentrar a floresta a procura de alimentos a mãe-da-mata, tinha sido encantado e já fazia mais de anos que ele andava perdido na floresta

sem direção alguma e que ele precisaria de alguém para o desencantar.

Mas quem se atreveria a desafiar a grande rainha a protetora da floresta?

Diferente do dia que ele se encontrou na clareira, ele se encheu de coragem e perguntou quem era.

O animal meio confuso devido à situação, pois sempre despertou muito medo nas pessoas, respondeu com uma voz horrível e vibrante: - meu nome é Mapinguari.

Passado algum tempo, o caçador em suas andanças à procura do caminho de volta pra casa, ouviu então os mesmos ruídos vindo de todos os lados. Apreensivo, ele se deparou com um bicho muito alto e peludo, que tinha

um olho na testa e a sua boca era no umbigo.



Ilustração: Ana Stefany

Diferente do dia em que ele se encontrou na clareira, ele se encheu de coragem e perguntou quem era.

O animal, meio confuso devido a situação, pois sempre despertou muito

medo nas pessoas, respondeu com uma voz horrenda e vibrante:

– Meu nome é Mapinguari.

O homem fitou seus olhos naquela boca no meio do umbigo e disse: “como faço para sair dessa floresta? a minha família me espera”.

O Mapinguari, ainda sem entender a reação daquele caçador, disse:

– Espere, não é assim que se reage quando se vê um mito da floresta. Vou dizer-lhe como sair da floresta, mas primeiro preciso de um favor.

O caçador respondeu:

– Qual é o favor, me diga! Apenas quero sair daqui!

– Vá àquele córrego, perto da clareira e traga pra mim um pouco de água, pois faz dias que ando atrás de

você, querendo lhe causar medo. Mas você, seu caboclo, não me deu a mínima.

Era mais uma armadilha da mãe-da-mata que não queria perder o caçador, pois ela tinha se apaixonado perdidamente por ele. E jamais o deixaria sair da floresta.



Ilustração: Ana Stefany

Ainda hoje, antes de sair de casa para caçar, os caçadores pedem proteção contra a mae-da-mata, principalmente se for em uma noite de luar, quando o brilho da lua reflete sobre os olhos de quem caminha pelas trilhas da floresta.

A Matinta Perera de Abaetetuba

Karolina Carvalho do Amarante



Ilustração: Karolina Carvalho do Amarante

Conta Dona Jurema, moradora da região do Baixo Amazonas,

município de Óbidos – PA, algumas das histórias que ouvia de sua mãe. Com a idade já avançada e as dores que a idade não consegue evitar, permanece, porém, com a memória boa, lembrando-se com clareza de sua infância, da época em que sua mãe, enquanto trabalhava no roçado, lhe contava algumas histórias ocorridas por essas regiões.

Jurema conta de um ocorrido com sua mãe, Dona Acácia. Ela morava em Abaetetuba, cidade paraense, onde passou sua infância. Quando jovem, Acácia foi entregue por sua mãe para morar com sua madrinha na cidade de Belém – PA. Visitava a mãe somente nas férias. Em uma de suas idas a Abaetetuba, havia um falatório na

cidade de uma tal de Matinta Perera que aterrorizava a população. Certo é que ninguém sabia do que se tratava, pois nunca alguém a havia visto esse ser noturno, somente se ouvia pelas ruas à noite um forte assobio agoureiro. As pessoas ficavam sem poder sair de suas casas, com medo, pois imaginavam ser uma criatura horrível. Até os animais ficavam inquietos com os ruídos da Matinta Perera, era um barulho atormentador. Havia alguns boatos de que alguém viu a tal criatura em outra cidade, que se assemelhava a um enorme pássaro agonizando no meio da mata.

Certa vez, dois primos de Dona Acácia decidiram enfrentar o medo e descobrir como era essa tal de Matinta

Perera. Combinaram ir pelo caminho em que sempre o bicho percorria. Eles se esconderam por debaixo de uma rebolada de capim cheiroso, à espreita, vestidos de roupas escuras para que não pudesse ser vistos. Ao passar da meia-noite, começaram a ouvir um assobio que soava distante, aproximando-se cada vez mais perto deles. Prepararam-se. E quando a Matinta Perera chegou perto da rebolada do capim cheiroso, ela assobiou: FITE! FITE!

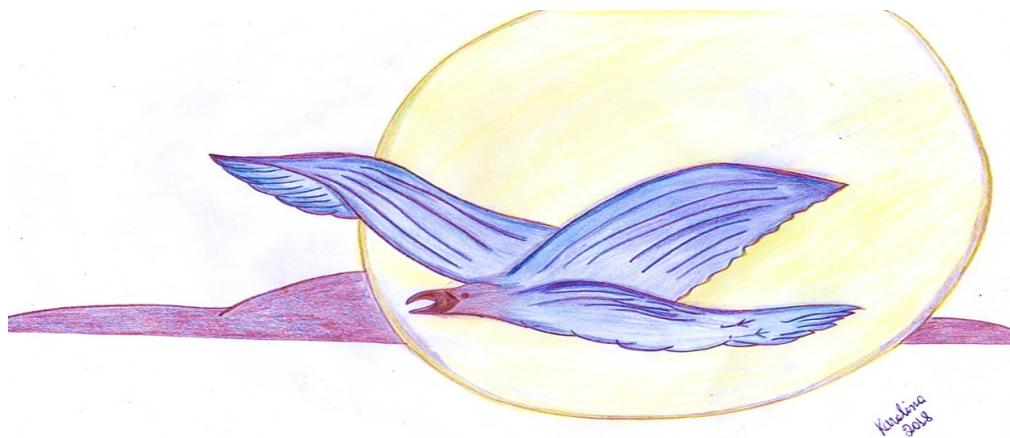


Ilustração: Karolina Carvalho do Amarante

Os dois então pularam em cima da Matinta, segurando seus braços. Ela relutava. E nisso, logo perceberam que se tratava de gente, com aspectos femininos. Ela estava coberta com vestes escuras, velhas e maltrapilhas, além de um grande chapéu de palha sobre um lenço escuro. Os dois retiraram-lhe o chapéu, arrancaram suas roupas e viram Matinta. Tinha a aparência envelhecida, corcunda, cabelos longos, pele enrugada, olhos dilatados e muitos adornos como um cajado que a fazia parecer uma bruxa.

Espantada, a Matinta pediu aos dois para que não contassem a ninguém o que haviam visto, pois esse era um fardo que herdou de sua mãe, e que o levaria para toda a vida; e quando sua

morte chegasse, deveria passar a outra pessoa sem que essa pessoa soubesse. Os dois rapazes, enfurecidos, retiraram os restantes de seus pertences e pediram que a tal Matinta não atormentasse mais ninguém pela cidade. Ela, de joelhos, prometeu aos dois não perturbar mais, e pediu para que não revelassem sua identidade, senão poderiam sofrer consequências terríveis.

A partir disso, nunca mais se ouviu falar na Matinta pela cidade. Talvez tenha ido para outro lugar distante dali. As pessoas acharam estranho, e perguntavam-se umas às outras sobre o que poderia ter ocorrido. E os dois rapazes permaneceram calados, até que

nunca mais se ouviu falar sobre a tal Matinta Perera de Abaetetuba.

A mortinheira amaldiçoada

Carolina Pantoja Brasil

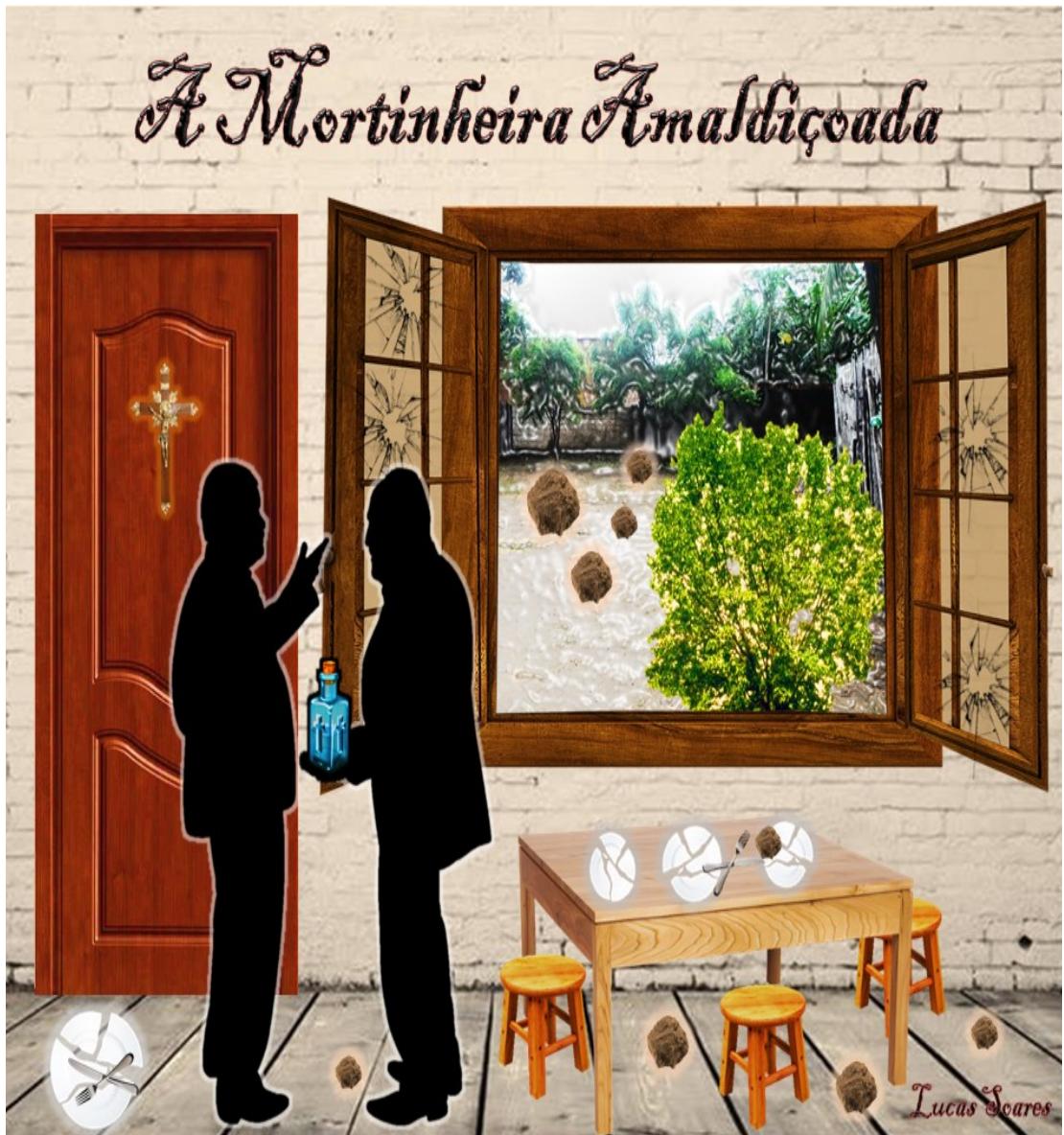


Ilustração: Lucas Soares

Certo tempo, mais ou menos há quarenta anos, em uma residência

que pertencia à Senhora Francisca, hoje habitada por seu filho, algo inexplicável acontecia, causando medo aos moradores dessa singela casa.

Para contar esse fato, o narrador toma um copo de água, sentado em uma cadeira de balanço, de frente para a praça, contemplando uma das belas paisagens obidenses. Isso mesmo, observando o vai e vem das pessoas ao fim da tarde, o Senhor Ronaldo dá início ao nosso conto, relembrando algo não tão especial em sua memória, porém marcante para o resto de sua vida.

Seria por volta de um período não tão importante, o qual a memória não conseguiu resgatar, que algo estranho começava a acontecer em sua residência. Todas as noites, aliás, não só

à noite, mas também aos dias. Durante o dia, tal fato ocorria, também. Pois bem, para não enrolar muito, o fato é que jogavam muitas pedras para dentro de casa o tempo todo, principalmente no horário de refeições, quebrando tudo o que estava pela frente.

E assim, seu Ronaldo passa a narrar sobre sua estranha história.

O mais intrigante é que as pedras sempre vinham de uma única direção, acertando sempre os mesmos locais. No entanto, lembro-me agora que, como de costume, minha filha brincava com umas pedrinhas naqueles jogos como amarelinha, entre outros. Quando terminava, deixava as pedras do lado de fora, guardadas

para no dia seguinte utilizar. O caso é que, de forma misteriosa, essas pedras amanheciam todas dentro da cozinha de casa, jogadas ao chão.

No entanto, não tinha ideia do que poderia ser. Quer dizer, até tinha, porém não queria acreditar. Certo é que, se eram pessoas ou espíritos, eu não sei. A única coisa que tinha certeza era o fato de tomar alguma providência sobre as rotineiras pedradas.

Como primeira ação, comuniquei os vizinhos sobre o que estava acontecendo em minha casa, pedindo para rezarem, pois quem sabe isso ajudaria colocar fim no ocorrido. Pois bem, sabe

como são essas cidades pequenas da Amazônia. A fofoca se espalhou pelas ruas em segundos, chegando aos ouvidos do prefeito da época, o qual, incrédulo no que ouviu, veio até minha casa, cuja visita intencional era provar que a história era mentira. Ao chegar à janela, de onde vinham as pedras, puxou o ar bem forte, estufou o peito e, com voz de deboche, disse: – Pois eu desafio atirarem uma pedra em mim.

Após sua provocação, passou-se um minuto e nada aconteceu. Logo o prefeito sorriu e virou de costas para a janela. Deu um sorriso debochado e, antes de abrir a boca para dizer que era

mentira, uma pedra foi lançada pela janela, acertando em cheio sua grande costa. Vendo aquela situação, o prefeito, confuso e com medo, saiu de fininho, nunca mais voltando à minha casa, pois havia comprovado que eu falava a verdade.

Passado esse episódio, em uma bela noite, nas horas silenciosas da madrugada obidense, eu chegava de uma festa. Entrei em casa e fui tomar banho, pedindo desde já que minha esposa me servisse um prato de comida. Durante o banho, pensava em uma forma de colocar fim àquele episódio, o qual já estava ficando sem controle. Pois

bem, ao sair do banheiro, enrolei-me em uma toalha e fui até a cozinha na intenção de saborear a comida que recendia pela casa, de tão cheirosa que estava.

Sentei-me à mesa e minha esposa colocou o prato com comida que, além do cheiro, estava realmente deliciosa. Entre uma bocada e outra, surge uma grande pedra, a maior que já haviam jogado, acertando em cheio o prato e deixando um buraco na vidraça da janela. E olhe, ainda bem que foi o prato, pois se fosse em mim, não estaria mais aqui narrando essa história. Logo, aquele ocorrido foi decisivo para tomar uma providência ainda

maior. Assim, naquela noite, prometi à minha esposa que seria a última vez que jogariam pedras em casa.

No dia seguinte, levantei bem cedinho e, sem tomar café, fui até a prelazia procurando o então bispo Dom Floriano, pedindo a ele que me ajudasse para afastar aquelas pedras de minha residência, antes que algo pior acontecesse. Porém, não tive sucesso, pois ele disse que aquilo era uma força do mal e não tinha poder para afastá-la. No entanto, me indicou um nome que julgava ser capaz de ajudar-me. Era o vigário, frei Prudêncio.

Sem pensar muito, saí correndo em direção ao frei, explicando de imediato tudo o que estava acontecendo em minha casa. Logo, como já conhecia a história, me interrompeu dizendo com grande certeza que isso seriam espíritos do mal. Aflito com o que estava ouvindo, não conseguia dizer mais nada além de pedir sua ajuda para defender minha família. Ele ouviu meus pedidos, dizendo, em seguida, que me ajudaria nesse caso. Porém, antes de ir até o local, ele precisaria fazer jejum de seis dias, passando apenas a pão e água. Enquanto isso, as pedras continuavam.

Passados os seis dias, o frei veio até minha casa, acompanhado de dois sacristãos carregando consigo água benta, além de um livro roxo, de cujo conteúdo não me recordo, somente a cor, as quais seriam as mesmas de suas vestimentas.

Bateu à porta, suavemente, pedindo licença para entrar. Logo informou que o jejum havia sido cumprido e se dirigiu até a cozinha para ver o local onde eram atiradas as pedras. Assim, indagou-me sobre a direção das pedradas, a qual lhe mostrei indicando a janela que ficava de frente para uma mortinheira, árvore que meu avô teria trazido

da Bahia há muitos anos, espécie que, segundo as histórias da família, era uma planta usada em danças e rituais de magia. Nem eu terminava de falar, notei que o frei estava sério, com o olhar atento e desconfiado, olhando para a plantinha. Porém, logo pensei: por que uma simples árvore teria prendido a atenção daquele homem de Deus?

Sem tirar o olhar da planta, o frei iniciou uma sequência de rezas, sempre acompanhadas de água benta e do auxílio do livro. Finalizadas as orações, ele despediu e foi embora, sem dizer o que estava acontecendo.

Bem, o certo é que, coincidência ou não, o arremesso de pedras cessou, após aquele dia, trazendo paz, novamente, para minha casa. No entanto, fiquei intrigado sobre o que seria aquilo e, como o frei nada me disse, resolvi procurá-lo para saber a respeito.

Ao encontrá-lo, fui logo perguntando sobre a causa das pedras em minha casa. Ele me olhou, falando de cabeça baixa que algum espírito imundo estava ali presente naquela pequena árvore, um tipo de demônio, cuja aparência nem posso descrever, pois o frei não disse.

O que disse, ainda que em poucas palavras, foi que ele [o frei] teria um dom de espantar as forças do mal. Logo prometeu que o fato não voltaria a acontecer naquela residência. A partir de tal dia, nunca mais uma pedra foi lançada em nossa mesa, tornando os dias e a vida mais felizes.

Nesse momento, nosso narrador parou, olhou para o céu e sorriu, dizendo o quanto é grato a Deus e ao frei Prudêncio por ter afastado de sua casa aquelas entidades do mal. Assim, o Senhor Ronaldo, ao tomar um gole de água, levanta e pega sua cadeira, recolhendo-se em sua casa para jantar. Dessa vez, sem se preocupar com alguma pedra ou coisa do tipo. Logo,

encerra-se esta história, que teve um bom final por assim dizer, final feliz.

A mulher amaldiçoada

Adenilson dos Santos



Ilustração: Ana Carla Matos

João, um jovem humilde, um dia foi em uma festa na sua comunidade. O

lugar estava animado, muita gente conversando, dançando e se divertindo. Muitas jovens estavam passeando e em meio a todas elas, uma chamou a sua atenção: uma jovem linda que se destacava entre todas as outras, com um jeito que deixou João fascinado .

Ele se perguntava quem seria aquela jovem, perguntou a muitas pessoas e todos diziam que nunca a tinham visto antes. Ela olhava e andava no meio de todos como se procurasse alguém, com um jeito que parecia sem direção.

João então resolveu se aproximar da jovem e conversar com ela. Com um olhar de mistério ele logo perguntou quem ela procurava; ela então

respondeu que não sabia ao certo, procurava por seu amor perdido.

Ficaram unidos dançando e cada vez ele ficava mais fascinado com aquela mulher linda e misteriosa. As horas foram passando e ele não via o tempo correr; ela então lhe disse que já estava na hora de ir embora, não poderia ficar mais. “Não tenho mais tempo”, disse ela, como se algo a impedisse de ficar ali.

Ele se ofereceu para levá-la até sua casa, ela pouco falava e parecia cada vez mais triste e se apressava para chegar logo para onde iria. Quando chegaram em frente de uma casa, ela disse que deveria ficar ali. Despediram-se e João foi embora.

No dia seguinte, João continuava pensando naquela jovem misteriosa. Quem era ela? O que fazia? Ela não saí de sua cabeça, não conseguia parar de pensar nela. Resolveu então ir até sua casa para vê-la novamente. Quando chegou lá, uma senhora o atendeu, ele disse que gostaria de falar com a jovem, a senhora então lhe respondeu que não morava nenhuma mulher como a que ele procurava. Ele insistiu e disse que tinha deixado ela naquele lugar. Enquanto falava com a senhora, ele viu um retrato na parede de uma mulher, era a jovem que tanto o impressionou e que tanto procurava. Mostrou e disse à senhora que era aquela jovem do retrato que ele procurava. A mulher disse para ele que não brincasse e ele

insistiu, afirmando com toda certeza que era ela mesma. A mulher então explicou que aquela jovem já tinha falecido há algum tempo. Ele descreveu a jovem e o vestido que ela usava, a senhora confirmou que era o vestido que ela usara no dia que havia morrido. João ficou sem saber o que fazer, saiu depressa daquela casa sem saber o que tinha realmente acontecido naquela festa.

A mulher-onça

Iamília Brito de Oliveira

Pedro e Rosa eram um jovem casal recém-casado que, do pouco tempo de casados já iam ganhar seu primeiro herdeiro.



Ilustração: Gilmara Pimentel de Souza

O jovem casal morava na colônia Cantagalo, distante 35km da cidade de Óbidos. Para chegarem até a cidade, os futuros papais precisavam caminhar um longo percurso até a estada principal em que passava o ônibus para a cidade.

Rosa completou os nove meses. Preocupada, convidou Pedro para irem pra cidade, pois ansiava pela chegada do bebê. Pedro, então, acalmou a mulher e disse-lhe que iria terminar a colheita da mandioca para levar um dinheirinho para ajudar nas despesas. Nessa mesma noite, Rosa começou a sentir as dores do parto e disse ao marido que não aguentaria esperar a colheita. Pedro, agoniado, resolveu deixar o plantio para acompanhar a

esposa na tão esperada chegada do herdeiro.

Ao amanhecer, o casal saiu de casa. No entanto, a mulher, no estado em que estava, se sentiu cansada e não aguentava mais andar. No meio do caminho, eles avistaram uma casa de palha. Nessa casa morava um casal de idosos. Vendo que a mulher não aguentava mais andar, a senhora convidou o casal para pernoitar por ali, conselhando-os continuar a viagem no dia seguinte. O casal aceitou a proposta. Ao cair da noite, os quatro jantaram e foram dormir. Lá pela madrugada, Pedro ouviu um barulho e acordou, era uma voz que dizia: "Estou me gerando! Estou me gerando!". O marido da idosa perguntou: "Se gerando em quê,

mulher?”. Ela respondeu: “Ora pra quê? Pra bicho!”.

Pedro ouviu tudo, ficou espantado e resolveu brechar pela parede de palha. Tamanho foi o espanto de Pedro ao ver que a velha estava com metade gente e a outra metade onça. O coitado ficou com muito medo, pois nunca tinha visto algo parecido. Desesperado, chamou a esposa e disse-lhe: “Mulher, acorda! Pega tuas coisas e vamos sair daqui!”. Mesmo no escuro, conseguiram escapar da mulher-onça.

A mulher que carregava caixas

*Lucas de Vasconcelos Soares
Vânia Maria de Sousa Ferreira Gonçalves*



Ilustração: Lucas Soares

Neste mundão de meu Deus a gente vê de tudo... tantos males,

doenças, dissabores, enfim, sofrimentos que se tornam histórias para contar e que podem ter finais felizes ou não.

Em Óbidos, no Estado do Pará, aconteceu um fato, como tantos outros que existem, com uma senhora chamada Gertrudes, conhecida popularmente por Morena. Tratava-se de uma pessoa de traços miúdos, aparência abatida, feições rudes, magra, desdentada, que possuía um olhar tímido e esbugalhado.

Segundo contam as pessoas que a conheciam há mais tempo, Morena foi vítima de uma sequela pós-parto, após a terceira gravidez, que a levou à loucura. Era natural de uma comunidade rural da área de terra firme, cujo nome foge à mente, agora.

Essa senhora, tomada por esse mal terrível, adquiriu a estranha mania de carregar caixas de papelão. Naquela terreira de sol lá vinha ela carregando na cabeça um monte de caixas de papelão cheias de lixo. Não se tratava de qualquer lixo, era selecionado segundo o gosto ou mania dela: sacolas de arroz, de açúcar, diversas embalagens plásticas, o certo é que esse ato era uma rotina no seu dia a dia.

Morena assim viveu por muitos e muitos anos carregando suas caixas, ora andando, ora sentada pelas calçadas comendo algum alimento que lhe davam, sempre acompanhada por suas inúmeras caixas e, às vezes, por um cachorro remelento. Era temida pelas

crianças, principalmente, que corriam apressadamente quando se deparavam com a presença dela. Também utilizava palavras de baixo calão para xingar quem se atrevesse a mexer com ela. Certa vez, parou em minha casa para pedir água, confesso que fiquei com receio, mas atendi seu pedido sem relutar. Tomou a água, mas não agradeceu. Olhou-me seriamente, pegou as caixas que tinha deixado no chão e foi embora. Ainda a acompanhei com o olhar, desconfiado, até que ela dobrasse a esquina.

Certa vez – contou-nos uma professora em sala de aula – estava acontecendo a celebração da missa dominical na igreja matriz e Morena

apareceu por lá. Da porta começou a gritar:

– Bando de malfeiteiros, vagabundos, vocês vão tudo pro quinto dos infernos! Vocês são o satanás, o tinhoso, o credo-em-cruz!

Fez-se silêncio total, até o padre interrompeu o sermão de tão inesperada que foi a coisa. Todos olharam para trás, perplexos com aquela voz gritante! Uma senhora beata desmaiou, outras se benziam fazendo o sinal da cruz sobre suas testas e também em direção à mulher que gritava ensandecida.

No último banco da igreja estava um senhor de estatura baixa, que tinha uma pequena cruz em forma de medalha sobre o peito. Pegou a cruz e

dirigindo-se até à porta, gritou para a mulher:

– Vôte, Satanás! Desconjuro!

Morena nem ligou, e ainda falava mais aborrecida e apontando o dedo para o pobre senhor. Mas foi falando e saindo até não ouvirem mais seus gritos. O padre continuou o sermão e todos voltaram aos seus lugares para dar continuidade à santa missa.

A professora revelou que ficou extremamente temerosa com o ocorrido, tanto que nem conseguiu mais se concentrar direito. Fica a indagação:

_ Será que Morena pertencia a outro credo religioso ou aquilo era coisa demoníaca? Não sei nem o que pensar direito! Só sei que dizem que pessoas acometidas com esse tipo de alienação

são perseguidas por espíritos maus que se apossam do corpo e da mente delas.

Eu pensava que o caso de D. Gertrudes, tratava-se de um caso perdido, um mal incurável, que ela estaria fadada a morrer com aquela demência. Passou-se longo tempo e nunca mais eu ouvira falar dela, até esqueci de sua existência, envolto pelos afazeres e preocupações do dia a dia. Só voltei a lembrar de Morena quando ouvi comentários de que teria morrido.

Pois bem, caro leitor, ironia do destino ou não, o certo é que Gertrudes está “vivinha da silva”. E, pasmem, curada! Em uma conversa informal com velhos conhecidos, descobri que Morena está completamente curada. CU-RA-DA! Tratou-se com a ajuda de familiares e

hoje se encontra bem, morando na sua comunidade de origem. Segundo os comentários, ela frequenta a igreja católica da comunidade e é ministra da eucaristia.

Gertrudes, agora, sorri alegremente com sua dentadura nova! Cria galinhas e porcos, cultiva horta, cuida de seus netos e leva uma vida normal e feliz. Mas não abandonou as caixas, não. Agora, as utiliza para guardar roupas e outras coisas que acha conveniente.

Esta foi uma história com final feliz!

A porca

Tonia Maria Oliveira da Silva

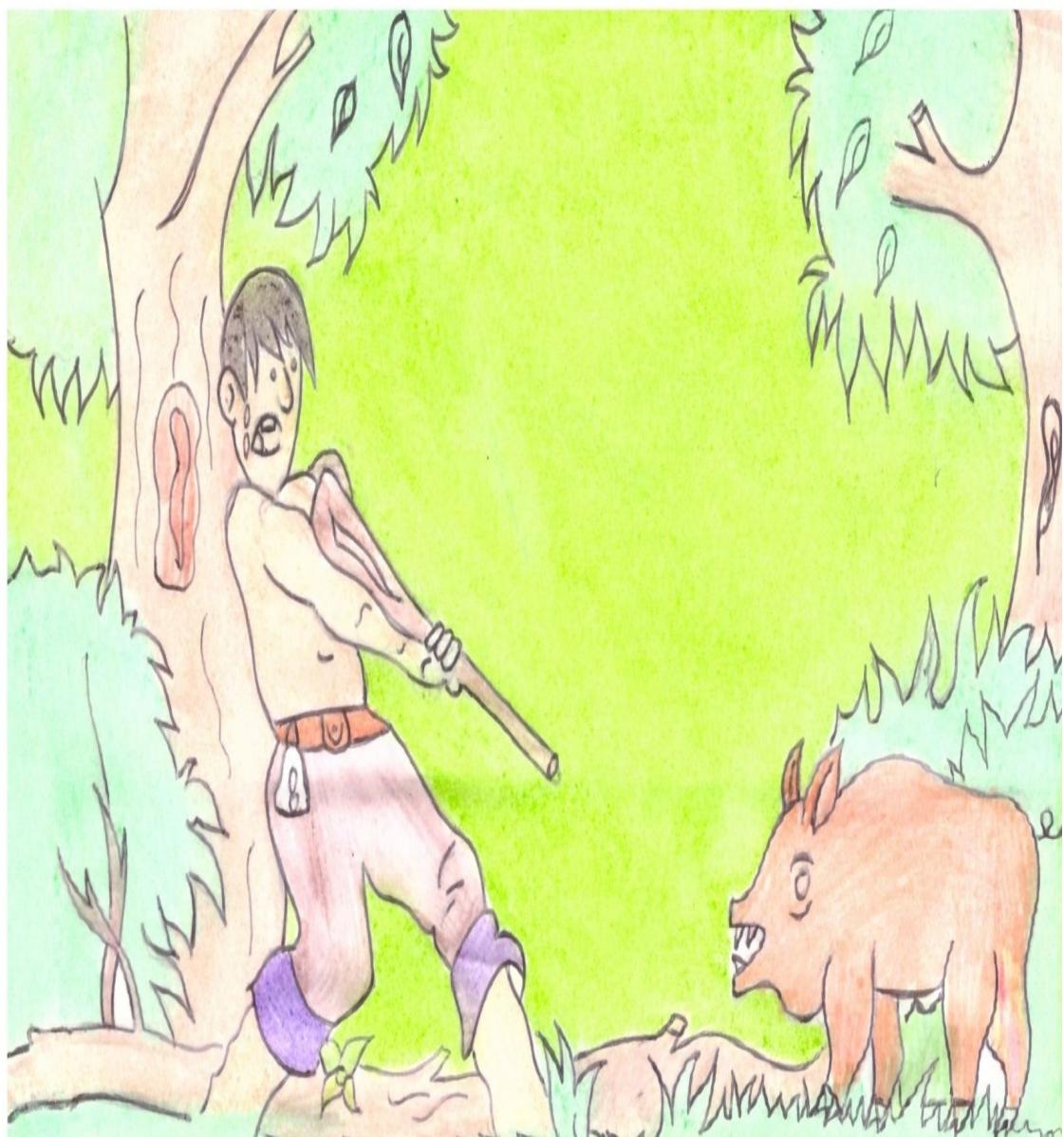


Ilustração: Rogério Santos da Silva

O s antigos moradores da comunidade Arapucu contam

sobre as pessoas que se geravam para animais em noite de lua cheia.

Em uma casa morava Dona Fuluca e o seu filho Chico. Certa vez, Chico se acordou no meio da noite e se deparou com uma porca ao lado de sua rede. Ele saiu correndo com medo da porca e foi pedir ajuda aos seus familiares que eram vizinhos. Chegando desesperado à casa de seu tio Manduca, este lhe disse:

– Vamos, meu filho, acudir sua avó, pois ela ficou sozinha lá na casa.

Os dois caminharam até à casa da Dona Fuluca. Antes de chegar à casa, tio e sobrinho encontraram a porca e ela estava muito furiosa, querendo mordê-los. Manduca puxou sua espingarda e

disparou um tiro no dorso da porca, e a porca saiu desesperada na carreira.

No dia seguinte, Dona Fuluca encontrava-se muito doente, com muita febre e dor no corpo. Os familiares, vendo a situação da senhora, resolveram trazê-la para o hospital, onde foi constatado que ela tinha levado um tiro nas costas. Áí Seu Manduca se lembrou do acontecido que ocorrera naquela noite e contou para seus familiares, pois se algum deles encontrassem com a porca, que não fizessem nenhum mal, pois se tratava de Dona Fuluca.

A porca do Umarizal

Aline da Silva Ferreira

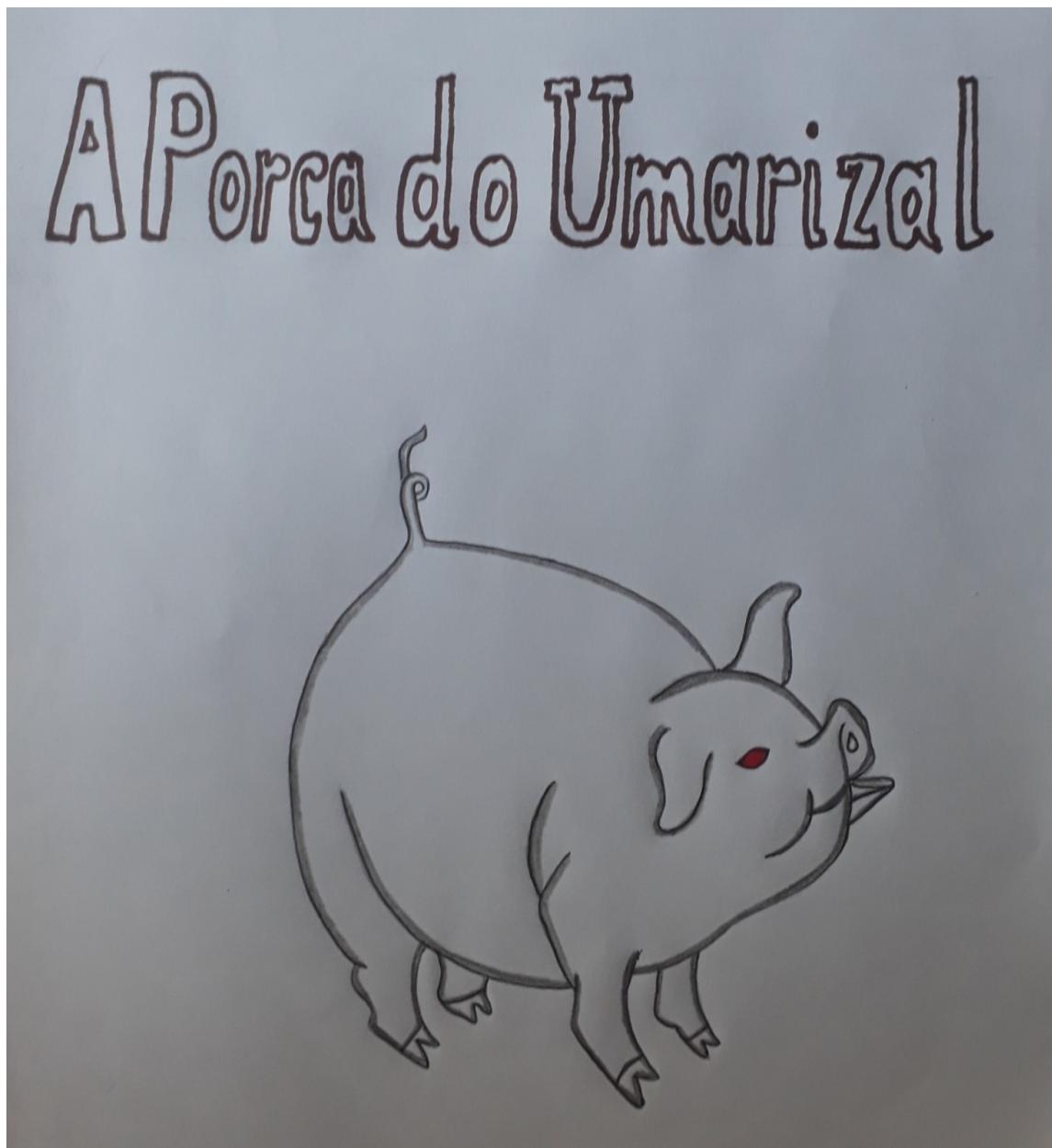


Ilustração: Gilmara Pimentel de Souza

Era uma linda noite de lua cheia, quando os três amigos Zeca, Dico

e Manezito decidiram ir gastar seus trocados com boa pinga e uma boa dança. Os três se arrumaram com suas melhores roupas, passaram perfumes e saíram rumo à famosa sede do Copacabana, que ficava na Cidade Nova, no finzinho da cidade obidense.

À beira do laguinho os rapazes logo “se arrumaram” cada um com uma jovem e passaram a noite dançando à luz do luar. A noite foi longa entre danças e conversas, beijos estalavam aqui e acolá, mas apesar de estarem se divertindo, Dico estava inquieto, pensando a todo instante em como voltariam para casa, pois a notícia se espalhava pela cidade de que, pela madrugada aparecia pelas redondezas do bairro Umarizal - bairro onde os

amigos moravam – uma porca, mas não uma porca comum... um animal meio que sobrenatural, de tamanho irreal e com olhos vermelhos da cor de sangue, que corria apavorando quem chegasse por perto.

Dico, então, resolveu compartilhar com os amigos sua inquietação.

– Zeca! Manezito! Não vamos demorar muito pra ir pra casa. Tô agoniado. Lembra que a porca colocou o pessoal lá do Umarizal pra correr?

– Que é isso, rapaz? Não vou querer ir daqui tão cedo! Logo agora que encontrei essa morena cheirosa! Tá louco? – retrucou Manezito.

– Relaxa, Dico. Isso deve ser história desse povo lá das bandas de

cima... e você ainda pega corda? – Zeca tentou tranquilizar o amigo.

Dico, mesmo preocupado, acompanhou seus amigos na pinga e nas danças...

Lá pelas três da manhã, os três acompanharam as moças às suas respectivas casas, que ficavam ali pelas redondezas da rua Lauro Sodré.

Assim que as deixaram, começaram a conversar sobre a noite e sobre as moças que há pouco deixaram em casa. A conversa estava boa, a pinga já tinha passado um pouco do limite a ponto de fazer Dico esquecer o detalhe da porca.

Quando os amigos, distraídos, entraram na rua Umarizal, perceberam algo estranho, um vento frio os arrepiou

e logo avistaram algo grande deitado no lado esquerdo da rua. Com a cabeça sobre a calçada e o corpo sobre a rua, estava uma porca deitada.

A porca parecia morta, não se mexia. Dico quis voltar, mas Zeca e Manezito não deixaram. Resolveram passar bem devagar do lado oposto da rua, e assim fizeram. Ficaram a uma distância de mais ou menos três metros da porca, que continuava inerte. De repente, Zeca não aguentou e soltou um espirro:

– Atchin! Atchin!

Nesse momento, a porca levantou a cabeça, virando na direção dos rapazes, que ficaram encandeados com os olhos vermelhos de sangue da porca.

Dico puxou os dois amigos e danaram-se a correr. A porca atrás deles corria na mesma velocidade e soltava um uivo que nunca mais os três haveriam de esquecer.

Depois de um longo percurso de correria, chegaram à casa de Zeca. Bateram desesperados na porta. Acordaram toda a família que estava dormindo e, totalmente atordoados, contaram da porca. Dico e Manezito, de tanto medo, ficaram por ali mesmo e só foram para casa quando o sol apareceu.

Nunca mais os três voltaram a passear pelas ruas do Umarizal durante a madrugada.

A princesa e o enigma

Jéssica Evelyn Oliveira da Cruz



Ilustração: Jéssica Evelyn Oliveira da Cruz

Em uma terra muito distante, existia um velho fazendeiro que

possuía muitos bens. Só que esse fazendeiro era muitíssimo curioso, queria saber de tudo. Em uma bela, manhã na varanda de sua casa, olhando para sua fazenda, avistou um de seus animais, sua égua, que estava bem buchudona, já perto de ter seu filhote.

Então, ele ficou pensando, assim:

– Como pode ser um filhote dentro da barriga de sua mãe?

Ele pensava todos os dias. Certo dia ele resolveu que tiraria ele mesmo o filhote de sua égua. Chamou um de seus criados e disse:

– Meu criado, estou com uma vontade enorme de saber como é um filhote de égua dentro da barriga de sua mãe!



Ilustração: Jéssica Ewelyn Oliveira da Cruz

No momento, o criado não entendeu nada, mas como era empregado, fez a vontade do patrão, tirando o filhote da barriga da égua.

Passado algum tempo, a esposa deste rico fazendeiro engravidou de seu primeiro filho, e quando já estava com a barriga bem grande, o esposo começou a observá-la. E pensou consigo mesmo:

– Como seria se meu filho não nascesse de parto normal? Como seria se eu o tirasse?

Pensou, pensou e pensou. Até que tomou uma decisão. Quando a esposa completou seus nove meses, ele chamou uma de suas criadas e disse:

– Vamos tirar o bebê da barriga da minha esposa!

Porém, para tristeza do fazendeiro, no momento em que retiraram a criança, sua esposa não resistiu e morreu, ficando o fazendeiro viúvo e o bebê, órfão de mãe.

Então, a criança cresceu, sendo criada por seu pai e pela ama, e desde criança criava uma cachorrinha vira-lata chamada Celina, que era sua fiel companheira e amiga. Passados alguns anos, e o menino já era um jovem; ficou a olhar para a fazenda de seu pai, e começou a desejar ir embora daquele lugar.

Mas o pai aproximou-se do filho e lhe disse:

– Meu Filho, quero lhe contar uma história que você ainda não sabe.

Então, começou a contar, dizendo assim:

– Meu filho, você não nasceu, você foi tirado da barriga de sua mãe quando você tinha nove meses.

E disse o menino:

- Sim, pai porque que eu não nasci?

E ele respondeu:

- É porque eu sou um homem muito curioso, e tinha curiosidade de saber como era você na barriga de sua mãe.

Apontou para a parte externa da casa e disse:

- Estás vendo aquele belo cavalo branco na minha fazenda? Aquele cavalo também não nasceu, ele foi tirado do ventre da mãe, mas já que você deseja ir embora, eu vou te dar este cavalo de presente, para você fazer sua viagem montado nele.

O jovem, muito alegre, contente pelo presente que ganhara, mas muito

preocupado e triste com a sua história, acabou aceitando o presente de seu pai.



Ilustração: Jéssica Ewelyn Oliveira da Cruz

Aproximando-se o dia da partida do filho, o pai, muito triste, não queria que ele fosse embora. Pensou:

- Já que meu filho quer me abandonar, não quer ficar e me ajudar, eu vou fazer com que ele morra na viagem.

Chegou o dia da viagem, o jovem começou a se despedir do pai e dos criados, deixando sua cachorrinha. Começou a arrumar seu cavalo, pegou sua espingarda alforje e foi-se embora. Andou, andou, o dia inteiro.

Depois de andar muitas horas, começou a ouvir pequenos latidos, e cada vez o barulho se aproximava mais. Foi quando olhou para trás e percebeu que era sua cachorrinha Celina, a sua fiel companheira. Rapidamente desceu do cavalo e a acolheu em seus braços, Celina, expressando alegria, abanava o rabo, sem parar.

Seguindo viagem, avistou de longe uma grande árvore e, ao chegar debaixo de sua sombra, amarrou ali o cavalo e seus pertences. Sentou-se a descansar com a cachorrinha. Bateu-lhe uma enorme fome, preparou-se para comer o pão que seu pai lhe dera.

Foi então que o jovem lembrou de sua cachorrinha Celina. E disse:

- Ah, tem minha cachorrinha Celina que também deve estar com muita fome. Deu todo o pão para Celina, que, ao terminar de comer, passou mal e morreu envenenada. O jovem ficou muito triste, e desconfiado de que o pão tivesse sido envenenado pelo pai. Chorou muito, mas infelizmente não havia mais o que fazer.

Ainda com muita fome, pensou:

– E agora o que vou comer? Estou com muita fome! Vou subir nesta árvore, e ver se há alguma fruta para comer.

Ao subir, viu que não havia nenhuma fruta, mas ficou ali durante todo o dia.

Ao final da tarde, saíram leões enormes e comeram a Cachorrinha que estava morta ao pé da grande árvore, e o jovem viu tudo de cima da árvore, ficou apavorado, mas ficou bem quieto. Escurecendo e chegando a noite, acabou dormindo na árvore mesmo. Ao amanhecer, ele disse:

– Agora, o que vou fazer? Não tenho comida.

E foi aí que ele viu sete urubus se aproximando dos cadáveres dos leões

que tinham sido envenenados ao devorarem a cachorrinha morta. Os urubus se fartaram a comer a carne dos leões e, ao terminar de comer, todos morreram também.

Após o ocorrido, o jovem desceu da árvore e seguiu sua longa viagem ao mundo desconhecido. Andou, andou... já muito cansado e com muita fome, sentou-se debaixo de uma árvore e ali ficou; à tardinha avistou uma lebre e disse:

– Vou matar esta lebre para saciar minha fome.

Pegou a espingarda e atirou. Acertou a lebre em cheio. Ao se aproximar do animal, percebeu que a lebre estava grávida, e se comoveu com aquela situação, mas esse era seu

alimento. Fez um belíssimo assado, comeu e seguiu sua viagem para um reino desconhecido.

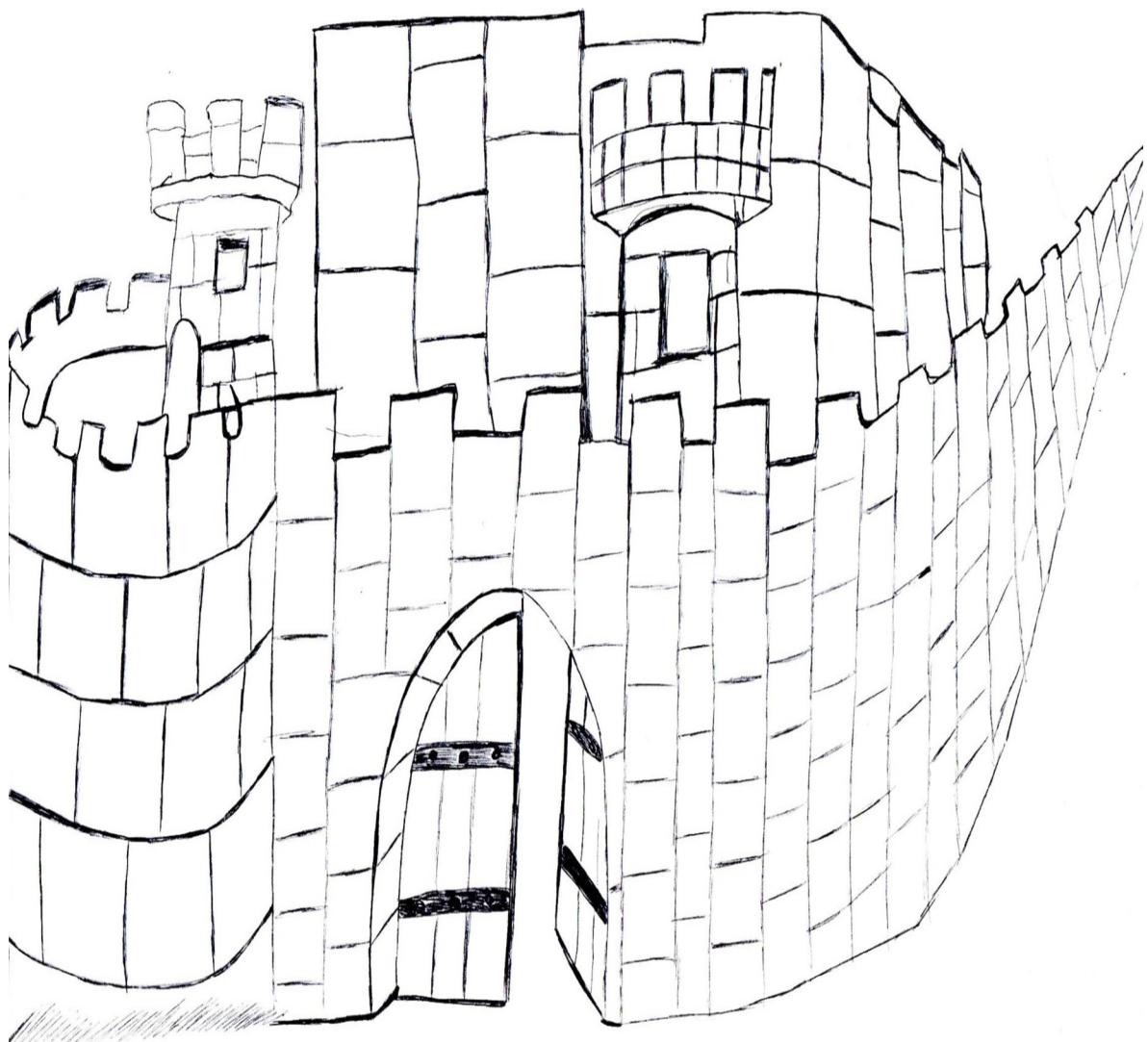


Ilustração: Jéssica Ewelyn Oliveira da Cruz

Depois de muitos dias de viagem, avistou uma linda cidade com um belíssimo castelo.

Entrando na cidade, deparou-se com um grande portão vigiado por muitos guardas. Disse-lhes:

– Como faço para entrar nesta cidade?

Disseram os guardas:

– Só entra aqui, quem tem um enigma, pois a princesa é vidente, e há muito tempo o rei tem um decreto que diz assim: “Quem trouxer um enigma que a princesa não consiga resolver, esse se casará com a princesa e será o novo príncipe e brevemente se tornará rei deste lugar”.

E disseram mais:

– Muitos, meu jovem, já tentaram, mas nada conseguiram!

Ao mesmo tempo em que se alegrou, entristeceu-se por não ter

nenhum enigma. Retirou-se e sentou em frente à cidade. Pensou no quê poderia fazer. De repente, ouviu o canto de um lindo pássaro. Então, teve uma grande ideia e falou:

– Vou fazer meu próprio enigma.

Começou a dizer o enigma:

– Eu e o meu cavalo estávamos no ventre e não nascemos, um matou Celina e Celina matou dois, dois mataram sete, eu atirei no que vi e matei o que não vi.

Apressadamente o jovem se levantou, e correu ao encontro dos guardas, e muito alegre, disse:

– Já tenho um enigma!

Então, aquele jovem entrou na cidade e foi levado à presença do rei e da princesa para contar-lhes seu

enigma. Após ter apresentado o enigma, a princesa ficou sem saber o que significava e pediu três dias pra poder decifrá-lo.

Passando-se três dias, o jovem voltou ao palácio, muito nervoso, e esperou ansiosamente, pela resposta da linda princesa.

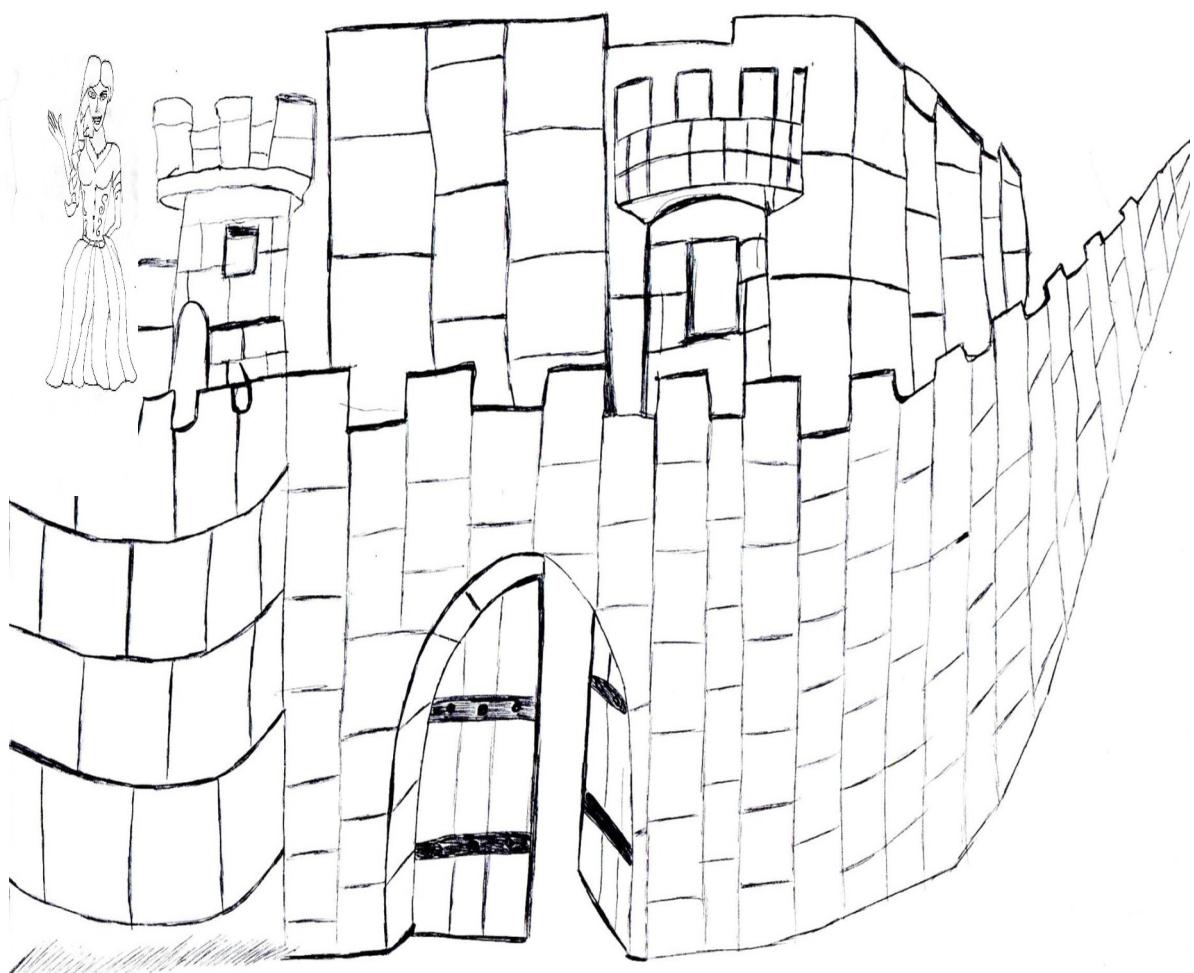


Ilustração: Jéssica Ewelyn Oliveira da Cruz

Quando, de repente, saiu ao seu encontro a linda princesa toda adornada, com seus belos cabelos usando maravilhoso vestido, a acenar.

E gritou com alegria:

– Não posso adivinhar seu enigma, por isso eu te nomeio o segundo no reino de meu pai e meu príncipe por quem tanto esperei.

O jovem saltou de alegria e explicou o enigma à princesa. Então, houve grande festa na cidade, pois se tinha encontrado príncipe para a princesa.

Capivara dançarina

Márcia Coêlho Nogueira

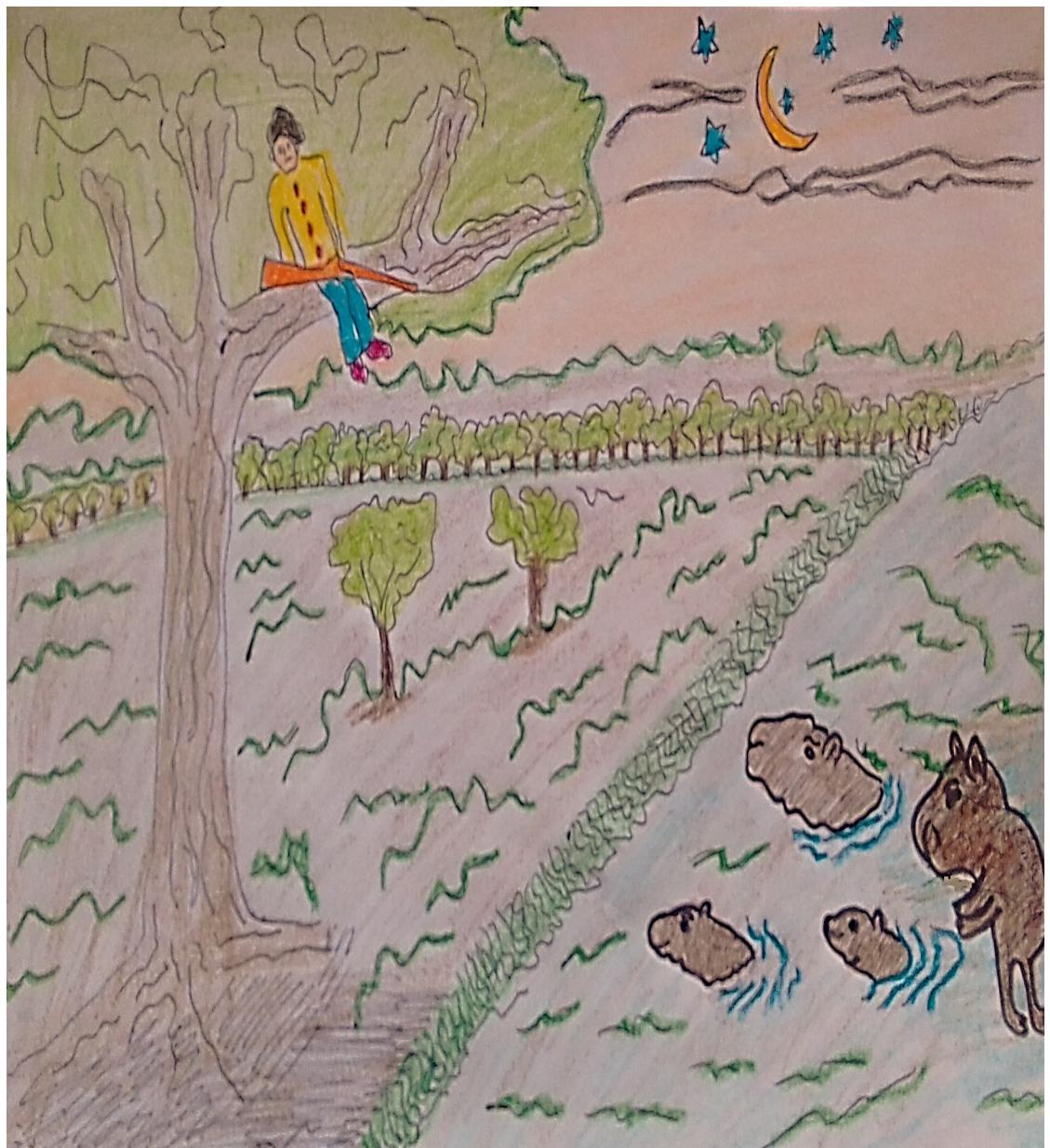


Ilustração: Mateus Santos da Silva

Durante minha infância era comum ouvirmos histórias de

visagem, de caçadas assombradas e pescarias inusitadas. Fui criada em uma fazenda de gado localizada na comunidade Pororoca, a menos de 20 km da cidade de Óbidos/PA. E como já é de costume, os criadores das redondezas costumam passar o gado para a região de várzea na seca e, na enchente, trazer de volta para a terra firme.

Nessas muitas viagens de lá pra cá e de cá pra lá, havia sempre um aglomerado de homens que há tempos já vivia nessa lida que tinha muitas histórias para contar de fatos vivenciados ou mesmo recontados. Geralmente, a roda de histórias se dava ao longo da noite, após a janta, no aguardo da madrugada, que era a

melhor hora para movimentar o gado
pela estrada grande. Entre uma rodada
e outra de dominó, lá vinha a história.

Nessas rodas, ouvi meu pai,
capataz da fazenda, contar que já havia
morado ali um homem por codinome
Curiboco, que gostava muito de caçar.
Caçava todo santo dia. Não havia
sábado, domingo, feriado ou dia santo.
Ficava a perseguir as caças todos os
dias, faltasse ou não a comida.

Meu pai, então, um dia falou:

– Mas rapaz, o que você faz todo
dia no mato? Olha a curupira. Qualquer
dia desses ela ainda vai te malinar.

– Que curupira que nada! Aqui
quem manda é minha espingarda. Deixa
ela aparecer pra ver se não vai levar
bala também.

- Bom, rapaz, você é que sabe, avisado está!

Certo dia, em uma sexta-feira santa, ao entardecer, lá se vai ele novamente para a caçada. Desta vez, ia à procura das capivaras, animal típico da região que vive em áreas alagadiças e geralmente se alimenta de capim, portanto, em áreas abertas.

Antes dele sair, meu pai o alertou:

- Mas até hoje, homem! Larga disso, tem comida aí, não precisa ir caçar, ainda mais no dia de hoje que não se pode nem comer carne vermelha. Respeita o dia santo. Olha, lá pelas oito horas da noite vai ter celebração na vila, deixa essa espingarda e vamos pra lá rezar.

Mas quem disse que ele deu trela para a preocupação de meu pai? E lá se foi ele com a espingarda atravessada nas costas, assoviando.

O Seu Curiboco andou, andou, até avistar um ponto de comidia das capivaras. Trepou em uma árvore alta para fazer seu moital e aguardar as capivaras chegarem para se alimentar. Já se passavam mais de duas horas e nada. Os carapanãs já começavam a chegar, fora as formigas que já estavam perseguindo desde cedo. De repente, escutou um assvio ao longe. Olhou pela mira da espingarda e não viu nada.

– Égua! Onde estão esses bichos?
Não avisto nada daqui!

De repente, outro assvio estridente, bem mais próximo dele, que

o fez ficar arrepiado. E de novo fez a mira e nada enxergou.

– Mas que diabos!! – retrucou.

Então, novamente o assovio. Quando ele olhou de novo, viu muitas capivaras que se aproximavam da árvore onde ele estava trepado. Era uma manada!

– Vou atirar na maior – pensou ele.

Fez a mira, mas, de repente, aquela capivara começou a emergir d'água. Era um animal horrendo. Tinha a cabeça e o corpo de uma capivara, mas seus membros inferiores e superiores eram humanos. A capivara dançava à sua frente com apenas os pés traseiros no chão. Vendo isso, mais apavorado ele ficou. Os pés do animal

eram virados para trás. Ele esfregou os olhos para ter certeza de que não estava sendo enganado pela visão. Que nada! Lá estava a bichana dançando!!

– Mas que marmota é essa!?

Engatilhou a espingarda, apertou o gatilho, e nada. A danada bateu catolé. Tentou de novo. Mas quando! Bateu outro catolé. Foi então que ela deu dois assovios, dois pinotes e desapareceu no alagado. Por uns instantes ele ficou petrificado, e um frio imenso lhe percorreu a espinha.

Então, mais que depressa desceu da árvore e foi embora para casa. Chegou todo assustado e foi logo falando sobre o acontecido. Meu pai, que já havia lhe avisado, começou a caçoar dele.

– Eu não te avisei, rapaz? Está vendo? Vai brincar com a natureza! Foi o curupira que te fez isso, pra você aprender a respeitar. Não se deve caçar todo dia, ainda mais em dia santo. Eu te avisei. Agora vê se aprende e vamos pra capela que a reza já deve estar pra começar.

Na Amazônia é assim. Se você caça para se alimentar e reverência os dias santos e os domingos, você vai e volta da caçada tranquilo, mas se você caça por diversão ou prazer, um dia vai ser malinado pelo curupira, pode ter certeza.

Cobra Grande

Tonia Maria Oliveira da Silva



Ilustração: Tonia Maria Oliveira da Silva

Fomos para o aningal caçar capivara. Eram três em uma

canoa e dois em outra quando, de repente, os que vinham na canoa pequena viram um escumeiro saindo do fundo d'água, um escumeiro que logo começou a seguir o barco. Daí eles berraram:

- Cuidado! Tem um bicho escumando atrás de nós!

Daí aquele escumeirão estava quase embaixo da canoa e não tivemos escolha, entramos no cerrado com a canoa e tudo e viemos embora, arrodeando pra voltar para casa.

Na comunidade já se sabia que esse fenômeno era indício de presença de cobra grande. Por esse motivo desviamos a canoa pra o cerrado, pois há crença de que a cobra grande não vai para lá.

Chegamos em casa à noite, percebemos que os dois olhos da cobra grande alumiam grande parte da margem do rio. Pareciam dois holofotes de barco. Dizem que essa luz que sai dos olhões saltados dela é alimentada pela energia do próprio corpo.

Como nascem as sereias

Antônio Jânio Ferreira Soares Júnior

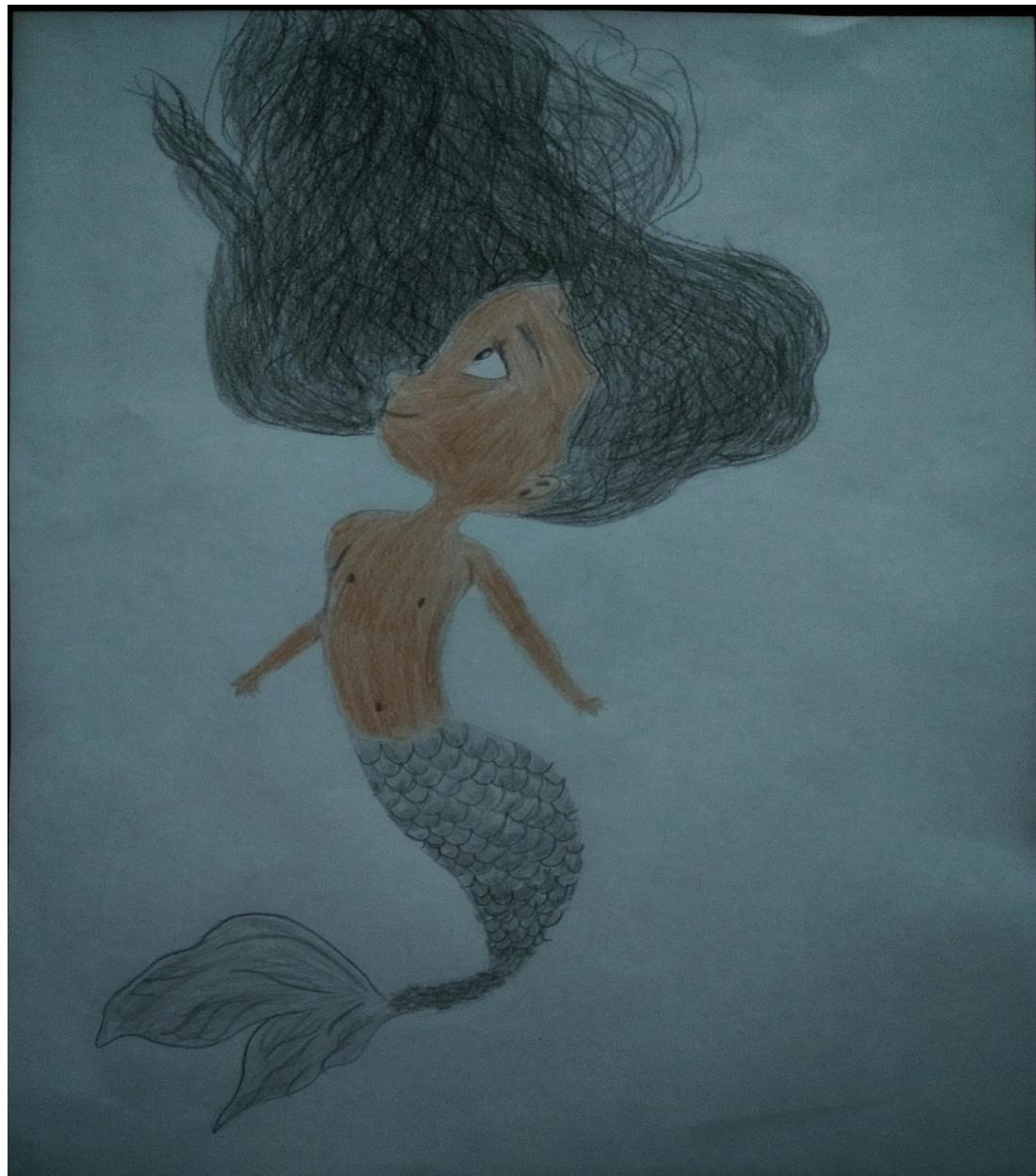


Ilustração: Antônio Jânio Ferreira S. Júnior

No meio da floresta amazônica, na margem do rio Amazonas, havia

uma comunidade ribeirinha chamada Maria Tereza. Lá vivia uma linda garota de pele parda e longos cabelos negros. Ela se chamava Maria.

Numa bela tarde, Maria resolveu passear de canoa. Ela adorava remar no final da tarde, quando o sol não castigava tanto. A mãe de Maria disse-lhe para tomar cuidado, pois estava ventando de cima e, provavelmente, choveria.

Sem se preocupar, Maria começou a remar, tendo em mente que o rio costumava ficar violento quando chovia. De repente, o tempo começou a mudar e Maria estava longe da margem. A chuva começou a engrossar e Maria remou com todas as suas forças para chegar em casa.

Maria encontrava-se enrascada, pois como estava muito distante de casa, não teve como chegar a tempo de evitar a chuva. Veio uma forte onda, a canoa naufragou e Maria começou a se debater na água, até afundar. Uma escuridão tomou conta de tudo.

Maria acordou nas profundezas do rio, em uma caverna, e se assustou quando viu uma linda mulher com roupa feita de escamas. Era a mãe d'água.

A mãe d'água disse para Maria que seria impossível voltar para a terra firme, e que sua única alternativa era ficar debaixo da água, ajudando-a com as atividades do fundo do rio.

Maria entrou em desespero e começou a chorar, pensando em como sentiria saudade de sua mãe; cansada,

adormeceu. Quando acordou, sentiu algo estranho: no lugar de suas pernas, havia uma linda cauda de peixe cor de prata. Assustada com aquilo, perguntou para a mãe d'água o que estava acontecendo, e mãe d'água explicou que, a partir daquele dia, ela seria uma iara.

Como tudo começa: lembranças de garoto

Jarlison Barbosa Lemos



Ilustração: Jarlison Barbosa Lemos

Ainfância é repleta de encantos e magia, não é algo ilusório; é a

mente da criança em desenvolvimento, criando e recriando a realidade vivida, as histórias vivenciadas e ouvidas. A partir desses fatos, a criança monta seu próprio leque de constatações, certezas e incertezas, fundamentando sua vida e suas perspectivas. Um desses fatos irei contar neste momento, ouçam com atenção, você pode se identificar com ele.

Um garoto que sempre viveu em cidade grande, em meio ao caos da vida corrida e confusa, decide viajar para visitar sua parentela materna, novos lugares, novas experiências, uma nova vida estava diante de seus olhos, tudo muito pacato; se acostumar foi difícil, ficou melhor quando percebeu as preciosidades e riquezas ao seu redor.

Na hora das refeições seu avô mandava desligar a televisão para todos se assentarem à mesa, uma mesa grande com várias cadeiras. Era o melhor lugar da casa para estar, principalmente porque, enquanto a mesa era servida, seu avô contava histórias. Algumas revelavam personagens desconhecidos, outras revelavam a história de sua família. Seu avô era tinhia quase 60 anos, encantava a todos pelo impetuoso espírito de contador de histórias.

Um dos fatos mais marcantes aconteceu num final de semana quando foram para o sítio da família, localizado na comunidade Itapecuru, no município de Oriximiná. Experiências maravilhosas foram vivenciadas, o banho com água

gelada do igarapé, a mata com árvores tão altas quanto os prédios de sua cidade, até mesmo os mosquitos que persistiam em perseguí-lo, tudo foi muito bom; poder ficar ao lado do curral vendo o processo de extração de leite, sendo surpreendido quando o seu avô foi em sua direção com uma cuia na mão e lhe ofereceu o que chamou de segundona: era um leite denso, cuja superfície era pura espuma. O garoto colocou farinha, um pouco de açúcar e tomou. Que delícia! Pensou garoto. Realmente ele nunca tinha provado algo parecido; não era um simples leite, mas sim o momento que fez maior significado para sua vida.

À noite, fizeram uma fogueira e todos se assentaram ao redor, todos em

silêncio, apenas o barulho do vento e dos animais que estavam na mata. Seu avô começou a contar histórias sobrenaturais, visagens que apareciam naquele lugar, como, por exemplo, um ser que podia assumir várias formas, seu assvio agudo e perturbador tirava o sono das pessoas; um ser que fica rodeando a casa até lhe ser prometido tabaco ou fumo, que deveria ser colocado na porta pelo lado de fora. Em alguns momentos era uma ave misteriosa, em outras, Saci Pererê ou uma velha vestida com o rosto parcialmente coberto. Este ser é um dos protetores da mata e dos recursos de que dispomos, e o avô do garoto disse que não era para o temerem, e sim, respeitá-lo. Assim, recomendou que

precisariam respeitar a natureza para que a Matinta Perera nunca viesse à porta de sua casa e nem fizesse mal quando adentrassem à mata.

De repente, ouve-se um estrondoso som, o garoto se espanta e todos começam a rir. O garoto começa a dizer que era a Matinta Perera, seu avô o chama para perto e o acalma dizendo que era apenas o som emitido por guaribas, macacos grandes de cor avermelhada, que deveria estar muito longe naquele momento.

As férias terminaram, mas tudo serviu como aprendizagem. O garoto retornou para sua cidade com a certeza de que o mundo tem várias faces, contos e mitos que deliberam a vida cultural e social do ser humano.

De Laurentina à Ribite: uma história para contar

Vânia Maria de Sousa Ferreira Gonçalves



Ilustração: Everton de Pádua Almeida

Lra uma senhora cujas feições traziam em si as marcas da idade

e, talvez, do sofrimento. Seu nome era Laurentina, mas todos a conheciam por Ribite.

Dona Laurentina morava na Rua Deputado Raimundo Chaves, famosa Bacuri, rua que carrega consigo inúmeras histórias lendárias, como a do Caixão da Bacuri, por exemplo. Dona Laurentina veio a se tornar uma dessas histórias que hoje faz parte do acervo cultural da Cidade Presépio. Como já disse, ela morava na Bacuri, numa baixada que havia próximo ao cemitério da cidade, em um terreno bastante acidentado, que possuía altos e baixos, bem curvado. O barraco de Ribite ficava lá no fundo do quintal, que era a parte mais alta e, quando chovia, a água da

chuva descia e se concentrava na parte mais baixa, formando uma espécie de riacho onde havia até mureru.

A casa vivia sempre às escuras, possuía aquele ar de mistério, magia e, pra completar, ficava muito próxima ao cemitério. Diziam que ela enterrava coisas estranhas no quintal, ao cair da noite, o que tornava o ambiente ainda mais inóspito e sombrio. Possuía um mau humor terrível e praguejava para as pessoas, diziam. Esses eram alguns dos aspectos que fizeram com que a Ribite fosse temida por toda a população.

Como eu ainda era muito nova, ainda infante, pouco lembro da Ribite. Mas ficou na lembrança a imagem dela passando em frente à nossa casa, onde

eu morava com meus pais e meus irmãos. Lá ia ela, passos moderados, nem rápidos nem muito lentos, do outro lado da rua, trajando um vestido florido e a cabeça enfeitada de pimentas vermelhas e inúmeros grampos enferrujados; era muito grampo. Atentei o olhar para a cabeça, as pimentas eram visíveis. Eu, apavorada, já tendo ouvido falar na dita senhora, corri esbaforida para dentro de casa, em prantos. Era dessa forma que grande parte das pessoas, especialmente as crianças, via a Ribite: com verdadeiro temor.

Ribite era tida por muitos moradores da cidade de Óbidos como uma velha feiticeira. Trazia sempre pimentas envoltas no seu cabelo

encarapinhado, quando perambulava pelas ruas da cidade. Uma senhora contou-me que, quando Ribite encontrava a porta de alguma casa escancarada, adentrava, sentava no sofá e urinava.

Quando alguém queria amedrontar a criançada, já gritava: “Lá vem a Ribite!”. A criançada se aquietava na hora, era um santo remédio para peraltices. Se a molecada estava a brincar competitivamente com jogos e brincadeiras da época, como o jogo de petecas por exemplo, e desejasse que o adversário errasse, começava a praguejar: “Pissica da Ribite!”. Hoje ainda se ouve esse termo pejorativo pronunciado por alguns mais antigos, mas os mais novos desconhecem, por

não terem tido a oportunidade de conhecer ou ouvir falar da Ribite.

Ouvindo ainda outros relatos de pessoas antigas que conheceram bem D. Laurentina, uma outra senhora me contou que, certa vez, por pura curiosidade, ela e uma amiga resolveram “visitar” a casa onde Ribite morava. Esperaram a velha senhora sair para sua caminhada diária e saíram a correr, espreitando por trás do muro do cemitério. Quando ela se afastou um pouco, as duas curiosas, sorrateiramente, adentraram na casa e ficaram estupefatas com o que viram: A casa era uma bagunça só, cheia de entulhos que ela trazia da rua, “roupas amontoadas, umas em cima das outras,

parecendo pirarucu seco”, relatou a senhora.

No dia de finados, íamos ao cemitério acender velas e levar flores aos nossos entes queridos e, necessariamente, precisávamos passar em frente à casa de D. Laurentina. Lembro que eu tinha um verdadeiro pavor de passar em frente à casa da pobre senhora, tinha a impressão de que ia me deparar com ela e ser atacada. Imagine! Nunca soube que ela tivesse, de fato, feito algum mal a alguém.

Quando passava pelas ruas, os jovens estudantes, principalmente os que estudavam fora da cidade e estavam de férias, ficavam nas esquinas para mexer com ela. E gritavam: “Ei,

Ribite feiticeira!" ao que ela respondia: "Tu não tens mãe, desgraçado? Tua alma vai arder no fogo do inferno!" Alguns até atiravam pedras na velha senhora... coitada! Ela os injuriava e os maldizia. Na verdade, ela é que era atacada, talvez fosse a vítima nessa história toda. Possuía glúteos avantajados o que, de certa forma, dificultava um pouco seu andar, mas os jovens tinhosos diziam que ela colocava pano no traseiro para parecer grande, só para aborrecê-la.

Pobre Ribite feiticeira!

Por trazer sempre pimenta malagueta no cabelo e por todo o mistério que cercava o seu habitat, trazia consigo o estigma de bruxa. Quem sabe até não era alguma

promessa da pobre velha! Não sei se tinha família por aqui, filhos talvez, o certo era que vivia só, só e marginalizada pela sociedade. Quem sabe quanta tristeza e sofrimento carregava dentro de si!... Será que se alimentava direito, que conversava com alguém?

Com isso, ninguém se preocupava! Vivia solitária naquela casa erma e assombrada. Peraí, lembrei de um detalhe que me veio rapidamente à memória neste instante. Lembro de alguém dizendo “minha comadre Ribite”, mas não lembro quem tenha sido, talvez esteja divagando, sei lá, mas veio essa vaga impressão. Disseram-me que não suportava ser chamada de Ribite! Porque Ribite, tão diferente do nome

bonito que lhe fora dado, certamente, por seus pais: Laurentina.

E assim tantas pessoas vivem à margem da sociedade, sendo desconhecida a verdadeira causa de suas “insanidades”, de suas vicissitudes, de seus cacoetes. Não sei se, de fato, D. Laurentina possuía alguma demência. Algumas pessoas que moravam ali pelas redondezas do cemitério, dizem que sim. Vai ver que ela utilizava as pimentas para evitar mau-olhado, quem sabe? Já que se sentia tão marginalizada, rejeitada e temida por todos, usava as pimentas talvez, como proteção, poderia ser... sei lá! Hoje, tantas pessoas sofrem de depressão, quem sabe ela também não fazia parte dessa multidão de depressivos que há -

nessa época o nome desse mal nem existia ou era denominado de outra forma.

Só sei que a conheci e a vi apenas uma única vez, mas uma só vez foi o suficiente para nunca mais esquecer da fisionomia dela. Diziam que não gostava de tomar banho, que se transformava em porca dentro do cemitério, que tirava pimenta do cabelo e jogava nas pessoas que mexiam com ela, para cegá-las, mas o povo fala de tudo e de todos, não é mesmo? No fundo, D. Laurentina devia ser apenas mais uma pessoa que trazia consigo as marcas das intempéries da vida. Hoje, a Ribite é um personagem histórico da cidade de Óbidos, faz parte do acervo cultural que traz na bagagem nada mais, nada

menos que José Veríssimo, Inglês de Sousa, dentre outros nomes conhecidos, embora sob olhares diferentes. No ano de 2009 e 2017, salvo engano, Ribite foi homenageada no carnaval obidense pelo bloco Xupa Osso, que sempre desfila no dia de domingo dos dias oficiais. Lá estava a Ribite, com uma trouxa de pimentas na cabeça a desfilar pelas ruas da cidade, como outrora costumava fazer.

Fonte dos sonhos

Nicole Hellen Gomes Castro



Ilustração: Carlos Eduardo Andrade

No topo de uma serra havia um bosque mágico, protegido por

muros altos e por poderosos encantamentos.

Aquele lugar jorrava a Fonte dos Sonhos. Uma vez por ano, entre o nascer e o pôr do sol do dia mais longo do ano, um único sujeito receberia a oportunidade de competir para chegar à fonte, banhar-se em suas águas e realizar seu grande sonho. No grande dia, centenas de pessoas viajavam de todas as partes para chegar ao jardim antes do amanhecer. Homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos (bruxos ou não), esperavam no escuro, cada um mais ansioso para ser o escolhido a entrar no jardim.

Três bruxas, com suas dores e lamúrias, começaram a conversar em

meio à multidão, e contaram umas às outras suas tristezas enquanto aguardavam o nascer do sol.

A primeira se chamava Maria, e sofria de uma doença que nenhum médico ou curandeiro conseguia curar. Ela sonhava com que a fonte fizesse desaparecer sua doença e lhe desse uma vida-longa e feliz.

A segunda, cujo nome era Joana, tivera sua casa, suas economias e sua varinha roubadas por um bruxo malvado. Ela esperava que a fonte fizesse sucumbir sua fraqueza e pobreza.

A terceira, cujo nome era Ana, teve o coração partido por um homem a quem amava profundamente, e acreditava que desse golpe seu coração

jamais se curaria. Ana esperava que a fonte curasse sua dor e saudade.

Tristes umas pelas outras, as três bruxas concordaram que, se a elas fosse dada chance, chegariam à fonte juntas.

Quando o primeiro raio de sol iluminou o céu, abriu-se no muro uma brecha. A multidão avançou, cada pessoa clamando, aos gritos, que a fonte a escolhesse. Plantas rastejantes saíram pela brecha do muro, serpearam entre as pessoas e se agarraram na bruxa Maria. Ela agarrou o pulso da bruxa Joana, que segurou com força as vestes da bruxa Ana. E Ana por um instinto se agarrou na armadura de um cavaleiro de ar melancólico que montava um cavalo magricela.

As plantas rastejantes puxaram as três bruxas para dentro do jardim, e o cavaleiro foi puxado, também.

As pessoas do lado de fora gritavam desapontadas, mas calaram quando os muros do jardim se fecharam.

Maria e Joana ficaram furiosas com Ana que, sem querer, trouxe junto o cavaleiro.

– Só uma de nós pode se banhar na fonte! Já vai ser bem difícil decidir qual de nós será, e agora mais este!

O Cavaleiro Bobalhão, como era conhecido nas terras onde andava, notou que as três eram bruxas e, não tendo ele nenhum poder mágico, nem tendo habilidades nos torneios e duelos com espadas, nem de nada, ficou

convencido de que não havia chance de chegar à fonte antes das três. Assim, deixou clara sua intenção de sair do jardim.

Ao ouvir isso, Ana se aborreceu, também.

– Medroso! Use sua espada, cavaleiro, e nos ajude a chegar na fonte!

Então, as três bruxas e o bobo cavaleiro adentraram no jardim mágico, onde haviam muitas ervas raras, frutos e flores às margens de caminhos ensolarados. Eles não encontraram obstáculo nenhum até alcançar o pé do morro em que se encontrava a fonte.

Enrolado na base do morro havia um monstro: um verme branco, inchado e cego. Quando os quatro chegaram

mais perto, ele virou sua cara feia, e um fedor intenso os atingiu. O monstro proferiu as seguintes palavras:

- Paguem-me a prova de suas dores.

O Cavaleiro Bobalhão tirou a espada e tentou matar o monstro, mas a espada se quebrou. Então Joana atirou pedras no verme, enquanto Maria e Ana tentavam todos os feitiços que pensavam poder matá-lo ou hipnotizá-lo, mas o poder de suas varinhas não fez melhor trabalho do que a pedra de Joana ou a espada do cavaleiro: o verme não ia mesmo deixá-los passar.

O sol foi ficando mais forte no céu e Maria, desesperada, começou a chorar. Então, o monstruoso verme encostou o focinho no rosto dela e

bebeu suas lágrimas. Tendo terminado sua sede, o verme deslizou para um lado e sumiu por um buraco no chão.

Felizes com o sumiço do verme, as três bruxas e o cavaleiro começaram a subir a serra, certos de que logo chegariam à fonte. No entanto, no meio do caminho, eles encontraram as seguintes palavras no chão: “Paguem-me os frutos do seu árduo trabalho.”

O Cavaleiro Bobalhão pegou sua única moeda e colocou no chão, mas ela rolou para longe. As três bruxas e o cavaleiro continuaram a subir, mas mesmo andando durante horas, não avançaram em seu caminho; o topo continuava distante e a frase continuava lá.

Todos se sentiram desmotivados quando viram o sol passar sobre suas cabeças e começar a declinar, mas Joana andou mais rápido e, esforçando-se mais que os demais, incentiva-os, mesmo assim eles nada avançaram na subida do morro encantado.

- Vamos, amigos, não sejam fracos! – gritava ela, enxugando o suor do rosto.

À medida que as gotas de suor caíam na terra, a inscrição que bloqueava o caminho desaparecia, e eles descobriram que podiam seguir. Ainda mais felizes com a remoção do segundo obstáculo, correram para o alto o mais rápido que puderam, até que, por fim, avistaram a fonte cristalina em meio a árvores e flores.

Antes de chegar, no entanto, encontraram, bloqueando o seu caminho, um riacho que circundava o topo do morro. No fundo da água transparente havia uma pedra lisa com as seguintes palavras: “Paguem-me o tesouro do seu passado.”

O Cavaleiro Bobalhão tentou atravessar a água flutuando sobre seu escudo, mas afundou. As três bruxas o tiraram de dentro do riacho e tentaram pular por cima da água, mas como tudo no jardim, o riacho era encantado, e não os deixou atravessar. E o sol ia baixando pelo céu...

Então, eles começaram a pensar sobre o significado da mensagem na pedra, e Ana foi a primeira a entendê-la. Ela pegou a varinha, apagou de sua

própria mente todas as lembranças dos momentos felizes que passara com o seu amor desaparecido e as mandou ir na correnteza. O riacho as levou para longe, mostrando pedras planas e, finalmente, as três bruxas e o cavaleiro puderam atravessar em direção ao topo da Serra.

A fonte surgiu diante dos aventureiros, emoldurada pelas ervas e flores mais raras e mais lindas que tinham visto. O céu estava como que numa pintura, colorido de vermelho, e chegou a hora de decidir qual deles iria se banhar. Antes, porém, que chegassem a uma conclusão, a bruxa Maria caiu no chão. Exausta com o esforço da subida, estava à beira da morte.

Seus três amigos queriam carregá-la até a fonte, mas Maria, em agonia mortal, pediu-lhes que não a tocassem. Então, Joana se apressou a colher as ervas que julgou mais úteis, misturou-as no cantil de água do Cavaleiro Bobalhão e levou a poção à boca de Maria. Na mesma hora, Maria conseguiu ficar de pé. Além disso, sua terrível doença tinha sumido.

– Estou curada! – disse ela. – Não preciso da fonte; deixem Joana se banhar!

No entanto, Joana, estava ocupada colhendo mais ervas em seu avental.

– Deixem Ana se banhar! Afinal, se consegui curar essa doença, posso ganhar muitas riquezas!

O Cavaleiro Bobalhão se inclinou e, com um gesto, indicou a fonte a Ana, mas ela sacudiu a cabeça. O riacho tinha lavado todas suas decepções amorosas, e ela agora podia ver que aquele que um dia amou, fora insensível e infiel, e que era uma felicidade ter se livrado dele.

– Meu amigo cavaleiro, acho que o senhor deve se banhar, como recompensa por sua nobreza! – disse ela.

Então ele andou com sua armadura aos últimos raios do sol poente e se banhou na Fonte dos Sonhos, espantado por ter sido o escolhido entre centenas e ainda pasmo com sua inacreditável sorte.

Quando o sol se pôs, o Cavaleiro Bobalhão se levantou das águas sentindo-se incrível com a sua vitória, e se jogou, ainda vestindo a armadura enferrujada, aos pés de Ana, a bruxa mais linda e de coração mais bondoso que já conhecera. Feliz com o sucesso, pediu a mão e o coração de Ana, e esta, tão feliz quanto seu amado, disse “sim”.

Os quatro amigos desceram a Serra, juntos, de braços dados, e levaram vidas longas e felizes, sem nunca saber nem suspeitar que as águas da fonte não possuíam encanto algum.

Gavião Inteligente

Raimundo Silvério Nogueira Gomes

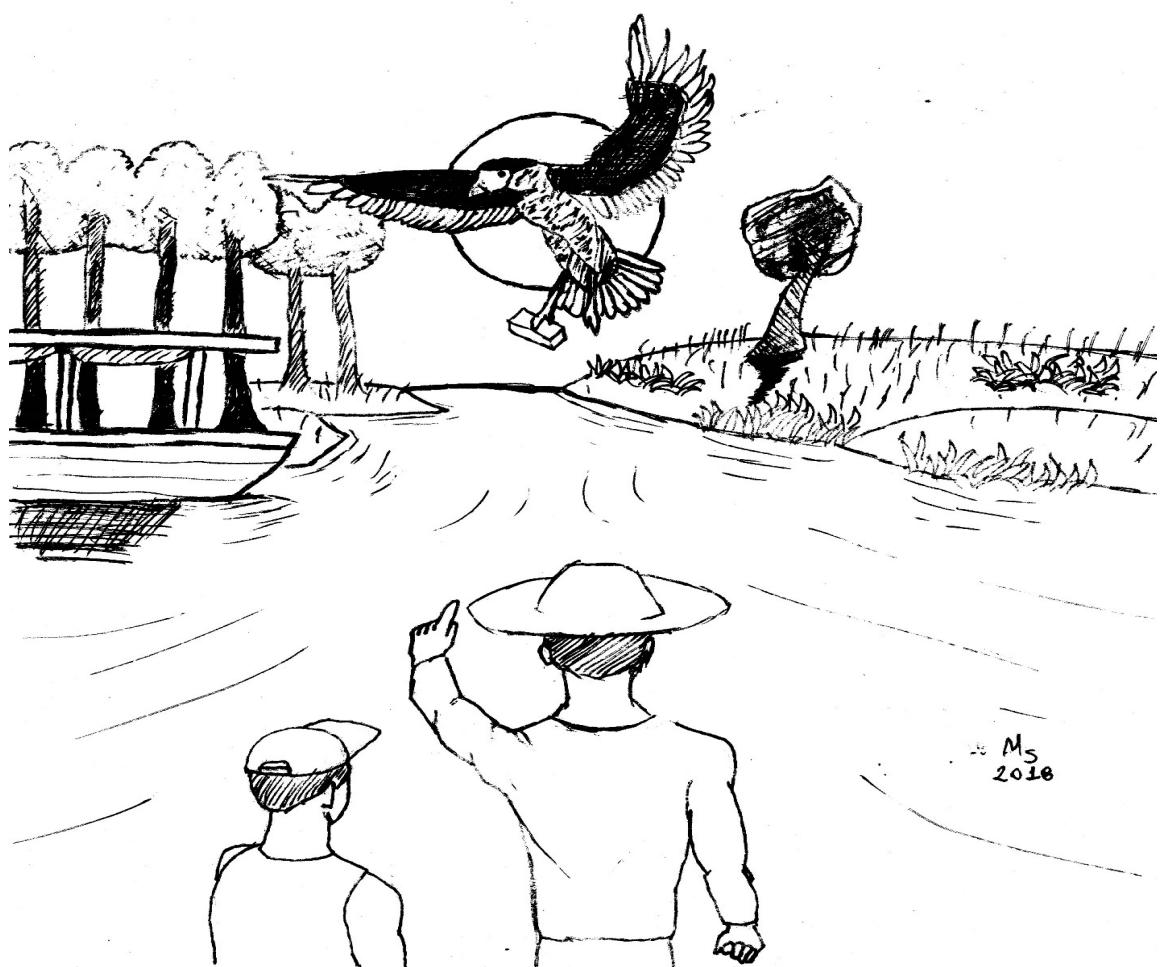


Ilustração: Marcos Moreira

O senhor José, cujo ofício é o de pescador, além de ser um

grande escritor com mais de mil poemas produzidos, é popularmente conhecido na cidade como “o compositor”. Tem como companheiro fidedigno de pesca o Seu Manuel, vulgo Cacete, que outrora foi um jogador de primeira linha costumado a ser ovacionado pela torcida de seu time, o clube Vila Nova. Logo, Cacete arrebatava multidões com suas jogadas únicas, que eram a alegria de quem o acompanhava nos fins de semana no estádio Rêgo Barros, arena esportiva onde nosso personagem fazia gols de tirar o fôlego de quem assistia.

Certo dia, em um período não tão distante, a dupla de pescadores, como de costume, saiu em uma pescaria lá para as bandas do lago da Fartura, o qual, honrando o nome, apresenta

grande variedade de peixes de todas as espécies. Pois bem, devia ser por volta das sete horas da manhã. Os companheiros abasteceram a baratinha bajara, que servia de transporte e depósito do pescado capturado. Neste singelo barquinho não podia faltar gelo, diesel, farinha, fósforo e sal, os quais eram prioridades em qualquer pescaria da dupla, além de outras despesas que completavam a despensa da bajara, como um pequeno carote de armazenar produtos.

Comprados os produtos, tudo transcorreu conforme planejado, marcando o início da viagem rumo ao farto lago. Era por volta das oito horas da manhã quando a bajara adentrou em outro lago rumo ao seu destino final, o

tão cobiçado local escolhido para a pesca. Nesse momento, o Cacete parecia um sonar que detectava os peixes, fazendo tudo em silêncio para não espantar o cardume.

Diante dessa situação, o Seu José ficava prestes a se aborrecer com as medidas do Cacete. Logo em seguida, inspirava-se na bela paisagem que seus olhos vislumbravam, se acalmando e já imaginando um belo poema para aquele cenário cheio de pássaros no céu azul anil e cercado pelas exuberantes águas da Amazônia.

Após meia hora navegando pelo igarapé do Pau Mulato, os dois pescadores chegaram ao tão cobiçado lago. De início, escolheram uma rebolada de paricazeiros e baixaram

âncoras, ou melhor, prenderam o cabo na proa da bajara numa árvore que servia de suporte para guardar a embarcação em segurança.

Ansiosos para jogarem o primeiro filame de malhadeiras no lago, os pescadores resolveram deixar tudo organizado na cozinha do barco, para facilitar o trabalho quando chegassem com os peixes para o almoço. Nesse meio tempo, pegaram uma cuia com sabão e a barrela de lavar as mãos, deixando-a em parte estratégica do barco.

Tudo organizado na cozinha da embarcação, os companheiros iniciaram a esperada pesca, a qual, de imediato, mostrava resultados positivos para os dois, enchendo suas malhadeiras com

diversas espécies de peixes. Ao ver toda aquela fartura, José e Manoel começavam a pensar na deliciosa caldeirada que, acrescida de alguns punhados de farinha, recompensaria o esforço da viagem.

Com um estoque abastecido para o almoço, os dois, já voltando para a bajara, avistaram, a certa distância, um gavião que levava em suas garras, a barra de sabão que estava na cuia. Vendo a aproximação dos pescadores, o animal alçou voo, cada vez mais longe, levando o utensílio tão necessário na pescaria.

Surpreso com aquela cena, Cacete não se apavorou e falou ao gavião: "Olha, filho da mãe, leva o sabão, mas quando tu terminares de lavar a tua

rede, traz de volta, pois esse é o único que nós temos". Após o almoço, depois de se lambuzarem na divina caldeirada, os companheiros saíram para revistar, novamente, as malhadeiras pois, como já disse, tratava-se do lago da Fartura.

Nessa segunda revista nas malhadeiras, José e Manoel abasteceram o porão da bajara que ficou cheia de curimatã, pescada, tambaqui, tucunaré, dentre outros peixes. Nesse momento, um fedor insuportável tomava conta da embarcação, pois os dois pareciam botos de tão pitiús que estavam, ficando incomodados com aquele odor.

No entanto, para surpresa de todos, olha quem retornou à bajara! Isso mesmo, era o gavião trazendo

consigo o sabão roubado. Aliás, deixe-me corrigir, o certo é o sabão emprestado. Logo, deixou a barra no mesmo local em que havia pegado, alçando voo em seguida, sumindo, assim, nas imensas nuvens do céu.

O certo é que, neste imenso chão amazônico, histórias como essas podem ser comparadas com aquelas de pescador. No entanto, os dois companheiros estão vivos da silva, jurando de pés juntos sobre a veracidade da narrativa apresentada e contando-a para quem quiser ouvir.

Aliás, lá estava ele, Cacete, na frente de sua casa, em um dia não tão importante, contando sua história para um senhor de idade chamado Cauixi. Durante quase toda a história, esse

senhor ficou ouvindo sem interromper o narrador. Porém, quase chegando ao final, com certo desdém do rapaz, o senhor deu um sorriso retraído e disse: “Rapaz, eu quero esse gavião para fazer compras lá pra casa”.

Assim, todos caíram nos risos, encerrando-se essa curiosa narrativa amazônica. E para aqueles que duvidam do ocorrido, basta perguntar ao Seu José e Manoel que, ao contrário do compadre Mata-Onça, estão vivos e sadios para narrarem o fato.

João Guimarães, o encantado

Ana Carla Matos de Oliveira

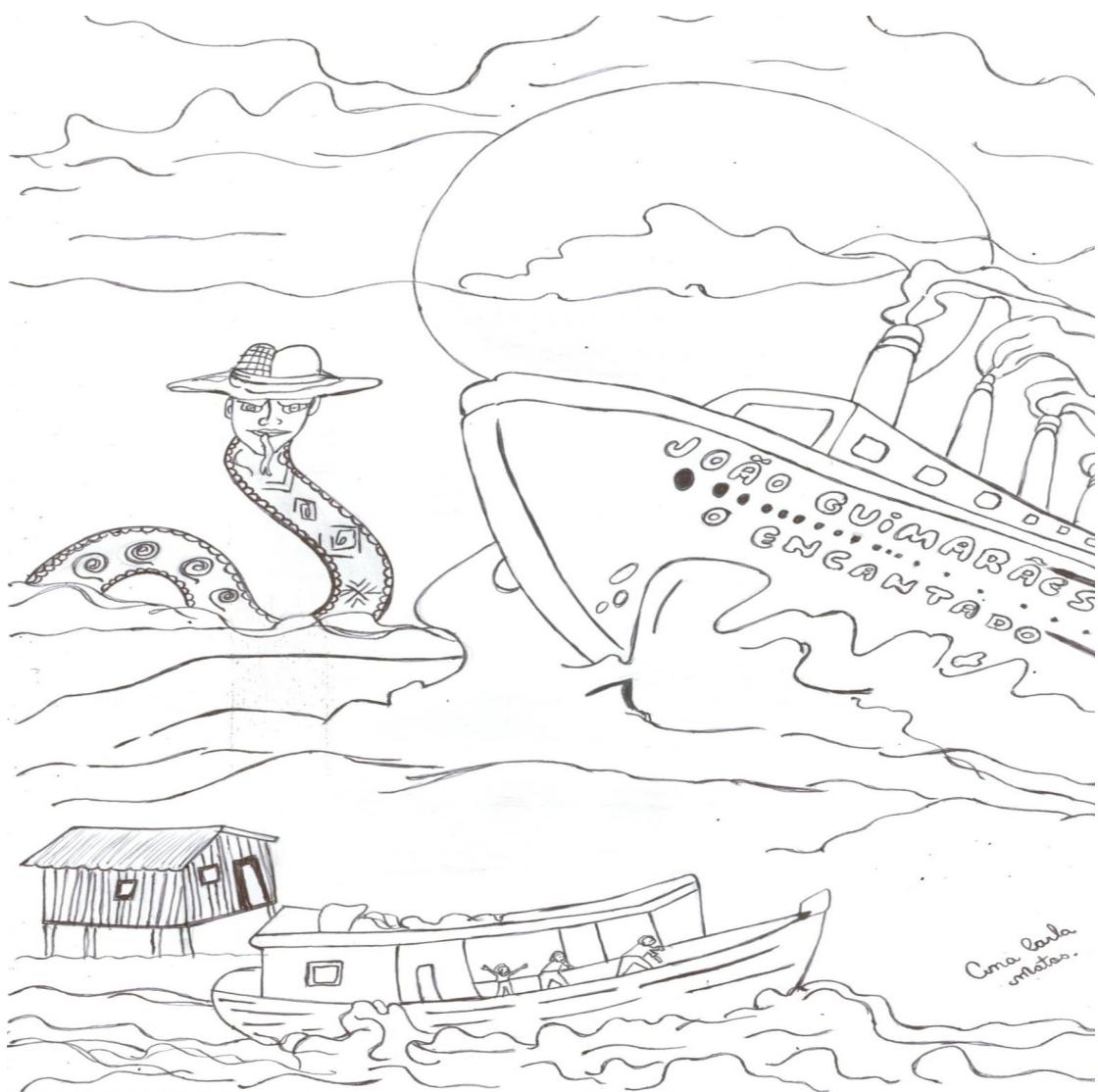


Ilustração: Ana Carla Matos de Oliveira

Esse causo que vou contar
aconteceu e ainda acontece em

Óbidos, mais precisamente nas proximidades da comunidade de área de várzea, Pau Mulato, conhecida como Paru, em Óbidos.

O protagonista desse causo não é lendário, mas é encantado, existiu de fato: João Guimarães.

Na manhã de sexta-feira, dia 01 de junho do ano de 2018, estava sentada à mesa tomando café na companhia de minha mãe, Dona Ivaldina Matos, e em meio a uma conversa corriqueira que acontecia quase todas as manhãs, indaguei de minha mãe sobre as histórias misteriosas que aconteciam na sua comunidade de origem, o Paru. Ela recorreu às suas memórias e me contou esse causo que agora vou contar.

Alguns anos atrás, lá pras bandas do Paru, terra de povo forte e trabalhador, morava o homem mais misterioso já visto por lá, João Guimarães. Morador típico dessa comunidade, pescava, ia pra lida da luta, mas o que fazia do Senhor João Guimarães, um grande morador do Paru, era o dom que recebeu de Deus e todos os mistérios que o cercavam. Ele era espírita ou, como todos conhecemos, era curador. Mas essa peculiaridade não era o que fazia desse homem o personagem principal desse causo, havia algo mais intrigante. O povo do Paru afirmava que ele era encantado, se transformava em muitas coisas como cobra, torrão de areia, árvores e, na mais imponente de suas

formas, João Guimarães se transformava num vistoso e iluminado navio.

Os relatos de minha mãe narram a história de um homem encantado desde o dia de seu nascimento, pois, segundo o povo daquela comunidade, João Guimarães nasceu em corpo de cobra, ele e uma irmã conhecida como Maria, irmã essa que ele próprio matou. Mas o fato de João ter matado sua irmã não fazia dele um homem ruim, pelo contrário, era visto como uma pessoa bondosa, não fazia mal pra gente alguma; matou a irmã para proteger o povo que habitava todas as comunidades que fazem parte daquela região.

Vou lhes contar o que de fato aconteceu:

A irmã de João estava grávida, e havia dias que desejava comer laranja. Numa tarde, ela avistou uma embarcação com um pequeno carregamento de laranjas. E Maria afundou a embarcação para ficar com as frutas desejadas. Quando João descobriu, pensou que todas as vezes que a irmã desejasse algo, faria qualquer coisa para conseguir, inclusive matar mais pessoas. Então, João Guimarães transformou-se em cobra e comeu a irmã.

João jamais fazia o mal, usava seus dons misteriosos em favor das pessoas de bom coração. A prova disso, foi um fato muito curioso de sua vida.

Ele não ia a festas, pois na última festa a que foi convidado, João cometeu um mal terrível. Ele estava atrasado, pois se encontrava em uma comunidade próximo à cidade de Santarém; então, João lembrou da grande festança que estava acontecendo lá no Paru. Nas pressas, João Guimarães tomou a forma de navio e saiu em disparada até seu destino. No caminho, ele acabou, mesmo que sem querer, destruindo muitas embarcações dos ribeirinhos que moravam nas comunidades por onde ele passou ligeiro. Desde esse dia, o Senhor João Guimarães fez uma promessa: jamais iria a festa alguma.

Está provado que João era de fato um homem bom, mas a certeza que ele era bondoso por natureza foi um causo

que aconteceu na minha família e que vou contar agora.

Minha finada tia Marieta, já falecida, lá pelos sete anos de idade, foi tomada por uma doença, e nessa época ela morava com meus avós e tios(as) lá no Paru. Meus avós, Senhor Pedro Matos e Dona Didi Matos, já tinham tentado tudo para curar Marieta, mas nada adiantara. Então, meu avô tomou a seguinte decisão:

– Minha velha, vamo já pras bandas da cidade levar essa cuiantã no Seu Pedrinho da farmácia, porque senão a bichinha vai acabar batendo as botas de tão pálida, a pobrezinha.

– Mas meu velho, tá escuro por demais, deve de ser duas da madrugada ainda, e me diga como vamo se metê

nesse rio, nessa canoa pequena, no escuro, e com esta enorme maresia?

– Se acarme, mulhé, eu vu já lá na casa do Seu Diniz, ele há de se compadecer dessa menina e levar nós no batelão dele até a cidade.

O Senhor Pedro Matos pegou um remo e seguiu em sua canoa rumo à casa de Seu Diniz; chegando lá, amarrou a pequena canoa no lado do batelão, subiu a ribanceira até chegar à porta da casa, bateu palmas e falou:

– Meu amigo Diniz, é eu, Pedro Matos, preciso por demas de sua ajuda!

O Senhor Diniz abriu a porta e disse:

– Mas o que se passa, caboclo velho? Pra mês jugar da rede esta hora?

- Me a descurpe as horas, mas minha cuiantã Marieta tá por demais doente, eu e minha velha já fizemo tudo quanto foi remédio, e a bichinha continua por demais triste e pálida, paresque só Pedrinho da farmácia pra dá jeito nessa menina.

- Mas é na hora que vu levar vocês! Se assossegue amigo velho, eu vu só apanhar um par de roupa e ajeitar o batelão, e já vamo remar até sua casa, pra levar essa cuiantã pro Seu Pedrinho curar.

Seu Diniz, junto com o Senhor Pedro, arrumou todas as coisas do batelão e foi apanhar Dona Didi e a menina doente. Ao chegarem no porto do Senhor Pedro Matos, embarcaram a menina e Dona Didi e seguiram viagem.

A viagem estava um pouco complicada, pois o rio estava agitado, a madrugada mais escura que de costume, e Seu Diniz só contava com a pequena luz de um lampião velho. Quando chegaram na boca do rio Trombetas, a maresia aumentou e a escuridão também e o desespero começou a tomar conta de todos, até que de repente o Senhor Pedro Matos avistou um grande navio, todo iluminado, que deslizava lentamente pelo rio, acalmando as águas e iluminando a madrugada.

Então, o Senhor Pedro Matos falou em voz baixa:

– Tudo mundo fica calado, lá vem o João Guimarães!

– Será, amigo velho? – respondeu Seu Diniz.

– É o danado sim! Está encantado! Há de ter vindo para abençoar nosso caminho até nós chegar pras bandas de Óbidos.

Todos ficaram em silêncio e admirados com a beleza do grande navio em que João Guimarães havia se transformado e com a calmaria das águas do rio Trombetas, e logo mais, `a frente, a do rio Amazonas.

A madrugada ficou clara e com ares de bênção. O Senhor Pedro Matos, Seu Diniz, Dona Didi e a menina Marieta chegaram em paz até a cidade de Óbidos, conseguindo recuperar a saúde da menina.

Jurupari

Karolina Carvalho do Amarante

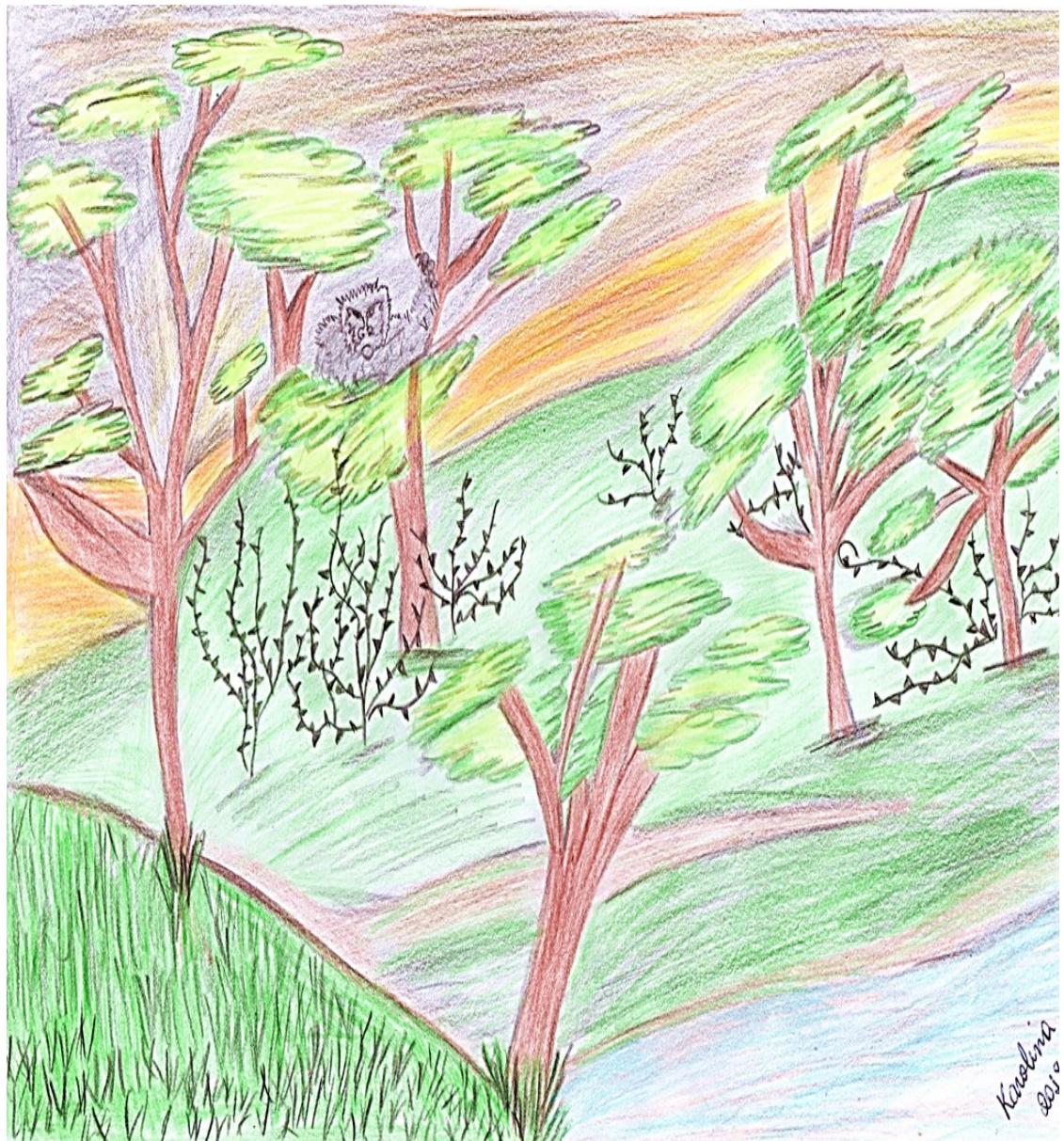


Ilustração: Karolina Carvalho do Amarante

Era quase tardinha quando a vó Eucádia com seus cinco netos

foram para a mata do Nanaí, no município de Alenquer - PA. Nessa mata, havia muitos espinhos e enormes castanheiras. Nesse dia, foram juntar castanha na mata para fazer as receitas dos doces que Dona Eucádia preparava para vender na feira. Ela conhecia bem essas matas e também um animal que vivia nessas terras a devorar aqueles que por ali passassem.



Karolina
2012

Ilustração: Karolina Carvalho do Amarante

No meio do caminho, Dona Eucádia pediu aos netos:

– Parem aí! – ela disse. Então, acendeu um isqueiro e observou a direção do vento. Queimou um cigarro para que a fumaça fosse levada pelo vento. Nesse instante, ouviram um rugido bem forte. A vó perguntou aos netos se ouviram e eles, com medo, disseram que sim. E voltaram para casa, mas não retornaram mais pela mesma estrada. Voltaram por outro caminho e pararam em um igarapé.

Chegando lá, uma de suas netas perguntou para a avó o que era aquilo.

A vó, então, sentou em uma velha cadeira de pau e pediu para que os netos também sentassem no chão e falou:

– Aquilo que vocês ouviram era um grande bicho gritando em cima da cabeceira da serra.

Ele ataca só de sentir nosso cheiro. O nome dele é jurupari, bicho grande, peludo, com dentes enormes, iguais aos de um gorila. Ele grita muito em determinada hora e dia.

E Dona Eucádia contou várias histórias aos netos sobre o tal jurupari. Dizem, segundo ela, que esse bicho foi visto também na cidade de Óbidos; no Cuminã, em Oriximiná; e dentro do Mamiá, em Alenquer, onde o jurupari havia atacado um morador que passava por uma mata, também cercada de espinhos e castanheiras

Jurupari da Serra do Curumú

Everton de Pádua Almeida



Ilustração: Everton de Pádua Almeida

AAmazônia faz despertar muitos mistérios em seus habitantes,

fascinando a todos aqueles que ousam conhecer esse emaranhado de beleza natural. É empolgante poder conhecer as histórias populares que são contadas nas tradicionais rodas de conversas, em que as narrativas de visagem, monstros, encantados e outros, florescem a imaginação de quem escuta.

Pois bem, aqui vamos contar o fato vivenciado por dois compadres, os quais moravam na Vila do Curumu, localizada no município de Óbidos, estado do Pará. O dia era 24 de junho do ano em que a memória do Senhor Raimundo Gama não conseguiu mais recordar, porém, o ocorrido se deu lá pela década de 60. Raimundo Gama, filho de João Gonzaga, foi quem narrou

esse conto, cuja transmissão se dá de forma oral.

Era mês das festas juninas, nessa época celebrada com todos os ritos tradicionais, com fogueiras, casamentos, compadrios, etc. No referido dia do acontecido ia ocorrer uma festa porreta em homenagem a São João, mas os dois compadres João Gonzaga e J. P. resolveram ir caçar nessa noite. E, assim, pela tarde, juntaram seus materiais de caça e atravessaram o lago rumo às matas das proximidades da misteriosa e bela Serra do Curumu.

Após terem encontrado os vestígios de andarilho de caça

embaixo das fruteiras nativas, os caçadores prepararam a espera de muitá para matarem as presas, ficando cada um em locais diferentes e afastados um do outro. Quando caiu a noite, trazendo consigo todos os seus diferentes tipos de barulhos que arrepiam a alma, os compadres esperaram, já na ânsia de abater um bicho, o momento certo de acender a lanterna e apertar o gatilho da espingarda.

Com o avançar da noite, a expectativa aumentou, haja vista que nenhum dos dois escutou tiros, significando que nenhum bicho ainda não viera comer as frutas espalhadas pelo chão. Mas

chegada a meia-noite, João Gonzaga sente algo balançar os galhos das árvores em que sua rede estava amarrada. Ele pensou ser o vento, mas logo percebeu que não ventava.

Curioso, buscando saber o que fazia aquelas árvores balançarem tanto, João Gonzaga resolveu focar a lanterna para cima e, espantado, viu um grande bicho peludo em forma de macaco, maior que um homem, cujos pés presos em uma árvore e as mãos na outra, puxava e soltava as duas árvores. Assustado com o que viu, o caçador, travado naquele momento, não sabia o que fazer.

E, de repente, lhe veio à mente, rezar. E, apagando a lanterna, desceu bem rápido e se jogou de joelhos no chão. Com as mãos unidas, começou a rezar o "creio em Deus Pai", até que o tal bicho parou de balançar as árvores. Tendo percebido que as árvores tinham parado de balançar, o caçador alumiou, novamente, e o bicho tinha sumido.

Depressa, Gonzaga juntou seu bagulho e correu rumo ao J. P., contando-lhe o que tinha visto. Porém, J. P. disse ao comadre que só podia ser o jurupari, cuja aparição só podia ser castigo por estarem caçando no dia de São

João. Em seguida, convidou João Gonzaga para atirarem no bicho, mas o comadre disse que não, e era melhor já irem embora. Assim, os dois não bobearam muito e saíram correndo daquele local em direção à vila.

Assim foi narrada a história do jurupari da Serra do Curumu.

Mãe da mata

Maria Rubiane Rocha da Silva



Ilustração: Maia Rubiane Rocha da Silva

Há muitos anos, Basílio conta sua experiência de quase morte.

Tinha ele 45 anos, casado com Juraci e, residindo em uma comunidade chamada Ilha Grande, localizada na região de várzea, no município de Óbidos, onde morava em uma casinha com sua esposa e seus filhos.

Todo dia Basílio saía de canoa para buscar lenha, levava um machado e uma serra. Certo dia, ao clarear do sol, Basílio saiu para mais um dia de labuta. Seu percurso era longo, então se pôs a remar até chegar ao local onde passaria o dia todo cortando lenha. No final da tarde, já cansado, colocou toda a madeira cortada em sua canoa e voltou a remar próximo à beira do barranco, indo pra casa. Basílio só ouvia o canto agourento do jacurutu. Ele começou a sentir calafrio na espinha e ficou

amedrontado. Como sua canoa estava muito cheia de lenha, a água começou a entrar e Basílio se pôs a tirar água com a cuia. Quando foi jogar água uma última vez, ele desmaiou.

Em casa, Juraci já estava atormentada pelo sumiço do marido. Logo cedo pensou que Basílio estaria a beber cachaça com os amigos, mas ao anoitecer, o marido não chegava. Então, Juracy pegou a lamparina e saiu para avisar a comunidade sobre o sumiço do marido e todos saíram para procurá-lo.

Com o passar das horas, Basílio acordou do desmaio, estava quase se afogando e, com o último impulso para chegar à superfície, sua mão encontrou um cipó ao qual se apegou com unhas e dentes. Ao se dar conta do lugar

estrano em que se encontrava, ele viu que estava do outro lado da ilha, no meio do aningal e de plantas espinhosas. Basílio passou a noite toda andando em círculo, sem saber o caminho de volta para casa; *flashes* de memória vinham à sua mente, como se um homem lhe abrisse um lindo e limpo caminho. Já perto de perder a esperança, ele ouviu o canto de um galo e despertou do seu estado de espírito. Olhou em sua volta e se viu em um lugar hostil longe de casa, suas roupas rasgadas e sua canoa já não estava junto de si.

Em casa, Juraci chorava inconsolável pelo marido que acreditava ter morrido afogado. Bolero, que morava do outro lado da ilha, na manhã

seguinte, saiu para ver sua malhadeira que estava em um igapó atrás de sua casa. Ao chegar ao local, eis que viu um homem ao longe. Bolero, assustado, saiu correndo pensando ter visto uma assombração.

Toda a comunidade saiu para ver se realmente o velho Bolero estava falando a verdade. Ao chegarem ao local onde a assombração estava, para surpresa de todos se encontrava Basílio, vivo, porém, muito assustado: a mãe da mata o havia levado.

Medroso não fica rico

Claudiane da Silva Vieira



Ilustração: Riller Marinho

As comunidades ribeirinhas guardam muitas histórias de seus

moradores, que veem pessoas estranhas, objetos que aparecem do nada e se movimentam sem ninguém mexer.

Meu tio, quando era criança ouvia dizer que, da comunidade Imperial até a comunidade de Ipaupixuna há um grande encante e que nessa parte o rio é como um buraco muito fundo. Quando uma embarcação afunda nesses locais é difícil recuperar, dizem que é puxado para o fundo do rio e nunca mais se vê. Muitas dessas histórias se perdem com o passar dos tempos e acabam no esquecimento.

Uma dessas histórias aconteceu com alguns jovens da comunidade de Vila Vieira, costa de Óbidos. Certa noite, a galera estava entediada, não tinha

nada para fazer. Então, partiram rumo à comunidade Vila Barbosa, onde estava acontecendo uma programação dançante. Eram aproximadamente uns quinze jovens andando em fila india pelas estradas escuras que se iluminavam apenas pelas luzes das lanternas. Foi uma caminhada de uma hora, e quando estavam quase chegando ao seu destino, em frente à casa do Tio Milico (contavam muitas histórias sobre esse local), alguns jovens a muito distante, não deram muita atenção. Seguiram viagem, chegaram à festa, se divertira, beberam e dançaram muito; alguns, nem tanto. Na volta pelo mesmo caminho, passaram pelo mesmo lugar onde viram o fogo, no entanto não podia mais ser

visto devido à claridade do raiar do dia. Cada um foi para sua casa descansar depois da noitada animada.

Durante a manhã, todos se reuniram para falar sobre a noite anterior. Falaram sobre a festa – no interior sempre acontece algo diferente para ficar na boca do povo por um bom tempo. Até que um deles perguntou sobre o fogo na árvore.

– Vocês viram aquela árvore pegando fogo quando a gente passou em frente ao terreno do Tio Milico?

Todos se olharam com estranheza.

– Eu não vi nada – disse um jovem.

– Eu vi, sim – respondeu outro. – Na ida eu vi uma árvore pegando fogo e

na volta não consegui mais ver, talvez a bebida não tenha me deixado ver.

Todos riram daqueles que afirmavam ter visto o fogo, e caçoavam pensando que eles estavam de brincadeira. Foi quando Seu Coroca, que estava ouvindo os garotos discutindo, entrou na conversa:

– Se só alguns viram o fogo então alguém está querendo dar ouro pra vocês. Mas ver o fogo é só a primeira parte. Para conseguir desenterrar, terão de receber mais informações. Os que viram fogo tiveram alguns sonhos estranhos com alguém cheio de cordão de ouro parecendo garimpeiro? Se tiveram, não contem pra ninguém, tem que manter segredo, se levar ajuda para

cavar, o ouro desaparece como se nunca tivesse existido.

Então, Seu Coroca começou a narrar fatos que ele conhecia sobre tesouros enterrados.

Uma vez deram as instruções para Seu Gamboa tirar o ouro. Ele tinha que estar no local sozinho à meia-noite. Pegou todo o material para a escavação: draga, enxada, lamparina, uma lanterna velha, e se mandou para lá. Chegando lá começou a cavar, a noite estava um breu e do nada começaram a jogar pequenas pedras em sua direção. Ele pegou sua lanterna, focou para todos os lados, mas não viu uma viva alma; pegou sua draga e, apesar de

algumas pedras o acertarem, seguiu em frente com a escavação.

Cavou, cavou, até que a draga bateu em algum objeto. Ele foi com calma, iluminou com a lamparina, mas ainda não era o ouro. Eram apenas garrafas. Ele abaixou, pegou as garrafas, colocou-as ao lado do buraco e voltou a cavar. Quando, de repente, sentiu alguém dando uns tapas em suas costas, virou-se apressado pronto para briga, mas não havia ninguém. Respirou fundo e continuou cavando. Estava cansado, pensando em dar uma pequena parada para descansar quando ouviu um forte assovio.

Ele sentiu um arrepio, um frio na espinha, e levantou a cabeça devagarinho, arregalou os olhos quando viu parado em sua frente um padre com uma enorme espingarda apontada em sua direção. Diante disso, não teve coragem que o mantivesse lá. Largou a draga, tropeçou na lamparina e saiu em disparada trombando entre as árvores. Correu desembestado sem olhar para trás, vai que o padre estivesse correndo atrás dele. Chegou em sua casa com a língua de fora, quase sem conseguir respirar; ficou um tempo na varanda da cozinha até recuperar o fôlego. Quando conseguiu se

acalmar, entrou de mansinho sem fazer barulho para não acordar os filhos.

No dia seguinte, como quem não quer nada, voltou ao local para verificar o tamanho do buraco que havia cavado. Para sua surpresa, não havia buraco, apenas as ferramentas jogadas no chão.

É preciso ter muita coragem para conseguir ficar rico. Retirar o ouro debaixo da terra não é tão fácil quanto parece. Dos jovens que viram o fogo na árvore, naquela noite, nenhum até hoje apareceu esbanjando dinheiro. Seria por que eles não mantiveram em segredo? Ou por que não tinha entre eles nenhum corajoso?

O amor brota em qualquer coração

José Flábio dos Santos

Verdade ou mentira eu não sei, mas sei que este fato narra um momento mágico na vida de CS. Assim era conhecido pelos amigos em seu bairro. Residindo na pequena e aconchegante cidade presépio - Óbidos - um pequeno município situado à margem esquerda do Rio Amazonas, no oeste do Pará, mais precisamente na parte estreita e profunda conhecida por muitos como a garganta do Rio Amazonas. Neste lugar paradisíaco, berço de poetas e compositores, palco de muitas histórias interessantes que

podem ser verdadeiras ou não, depende de em que você acredita, as histórias que surgem narram aventuras, travessuras e muitas se tornaram lendas conhecidas.

Agora, se a história do nosso amigo se tornará uma lenda, não sabemos, mas é possível que se torne um lindo conto. Lindo por que foi um fato que, segundo CS, marcou profundamente sua vida amorosa. Apesar de se julgar um sujeito esperto para essas coisas – sempre dizia que não era qualquer rabo de saia que poderia abalar seu coração – acho que dessa vez não só tocaram como também fisgaram o jovem moço.

É complicado explicar toda essa situação, não por ter abalado o

sentimental desse sujeito, mas por ser bastante longa e complexa. O começo é um tanto confuso, pois sentira-se apaixonado em uma de suas andanças nas estreitas e inclinadas ruas de Óbidos. Em um dia de sol, nas proximidades da beira – centro comercial do município – batendo perna por entre as lojas e pessoas, bem nas proximidades da praça José Veríssimo, que por sinal é o nome de um grande personagem da cultura literária do município, CS depois de tanto andar, decidiu sentar no banco da praça bem debaixo de uma frondosa árvore para repor suas energias e aliviar o cansaço. Acredite, subir e descer ladeiras não é para qualquer um, é preciso muita disposição e fôlego. No entanto, o

inesperado aconteceu. Pensou estar em outro planeta, ou no deserto ao ponto de ver miragem; mas na verdade avistara uma moça, um pouco distante do seu campo óptico, mas ao passo que se aproximava, sua imagem ia ganhando forma e vida. Quando bem próxima estava, CS percebeu que não se tratava de uma simples moça, e que na verdade era A moça. Ficou divinamente encantado com aquela que denominou de anjo. pois fizera seus olhos perderem a dimensão de cento e oitenta graus, passando a ter apenas oitenta, e estes estavam completamente fitados na moça.

Parece que o improvável aconteceu: CS sentiu-se completamente arrebatado pela magia reverberante

daquele ser. Era como se estivesse numa dimensão fora do real, onde o encanto toma conta do eu e os sentidos se atordoam. Agora a única sensação era o embargo na voz, as pernas trêmulas, não mais das caminhadas, mas de algo ainda mais forte, como se uma flecha atravessasse seu peito fazendo a respiração prender e o coração acelerar. A emoção foi tanta que nem soube o que dizer, ou melhor não teve o que dizer, apenas viu aquele anjo passar e cada vez mais se distanciar. Ao passo que se distanciava, o corpo de CS ia voltando ao normal, foi quando percebeu que aquilo era real, e que seus sentimentos foram fortemente abalados na presença daquela mulher.



Ilustração: Ana Stefany Lima da Silva

A tristeza mostrou a cara na face do sujeito, que era tido como exímio falastrão: teve sua extroversão completamente ceifada por aquele ser radiante. A sensação foi de que perdes-

todos os sentidos, ficando totalmente inerte aos encantos da jovem moça que, num simples caminhar, descarrilou todos os seus sentimentos. Agora, parecia completamente desassossegado com tal situação, nunca sentira algo dessa dimensão por ninguém, e de repente torna-se refém de um sentimento ávido que o induz a pensar frequentemente na jovem moça.

Como disse, nessa cidade acontece de tudo. São tantas as histórias que nos deixam perplexos com suas magias. É como se aqui fosse um cenário de peças teatrais, onde compositores conhecidos e desconhecidos apresentam suas produções, trazendo à tona vivências e situações fora do real, mas que para o

imaginário obidense tornam-se verdade. O mais legal de tudo é a disposição desses cenários: em qualquer esquina, rua, praça, grupo de pessoas, você sempre encontrará compositores expondo suas obras, e a emoção toma conta do ambiente. Por ser uma cidade pequena, não demora muito para as peças serem conhecidas e disseminadas por todos. Algumas são usadas em salas de aulas como recurso pedagógico, possibilitando aos pequenos alunos desfrutar desses encantos literários obidenses.

Por onde será que anda CS? Ouvi alguns boatos de que o sujeito anda com o farol completamente desalinhado. Outros dizem que o sujeito está meio abatido por conta de uma

flechada no peito. Dizem uns que agora só fala sobre um anjo que lhe fitara os olhos e invadira o peito fazendo arruaça nos seus sentimentos. Pensando bem, ele nunca imaginava ser fisgado por nenhuma mulher, só que dessa vez o sujeito perdeu feio: não só fora fisgado como completamente nocauteado por ela.

É certo que ele nunca deu trela para essas coisas do coração, mas desde o último acontecido o sujeito mudou seu jeito de ser. Nas rodas de conversas sempre arruma um jeito de falar sobre a moça que lhe arrancara o sono, que não vê a hora de encontrá-la, olhá-la profundamente nos olhos e lhe falar sobre seus nobres sentimentos.

É, gente, o amor tem dessas coisas. Às vezes você se julga durão e, quando menos se espera, a magia acontece. As pernas tremem, o coração palpita, a voz embarga, o pensamento fica turvo, e a única sensação que se tem é de querer rever a pessoa que despertou esse sentimento adormecido. Agora me diga, você já teve essa sensação? Como te sentiste? Como reagiste? Você até tenta explicar, mas parece que não há palavras capazes de externar seus sentimentos. Assim se sentira CS.

Não tardou para o sujeito mostrar as caras na rua da cidade. Ainda abatido, intrigado, querendo explicações para os sintomas que andava sentindo. Várias foram as noites em que, no meio

da madrugada, despertara suado, cansado, aflito; o coração parecia não caber no peito, crises de palpitação, como se tivesse arritmia cardíaca, e isso estava lhe deixando preocupado. Só que ele ainda não percebera, na verdade, que esses sintomas eram fruto de um amor plantado em seu peito. E no intuito de tentar entender todas aquelas sensações, resolveu buscar ajuda de um especialista. Agora, aonde ir? Pensou. Como os maiores sintomas vinham do coração, resolveu ir a um cardiologista e, já que no município não havia, era necessário procurar em outra cidade.

Procurou por informações com várias pessoas sobre esse especialista, muitos disseram que poderia encontrá-

lo em Santarém – situada às margens do rio Amazonas, no oeste do Pará, apenas algumas horas de barco. Consegiu o contato de uma clínica e marcou a consulta médica. Ao que parece, solicitou emergência dizendo que era caso de vida ou morte, e a recepcionista não tardou em atendê-lo, marcou a consulta para os próximos dois dias.

A noite caiu, trazendo mais algumas horas de tormento para CS, ao que parece as sensações de palpitação tomaram conta do seu ser, mas de sua mente não saía aquela linda imagem daquele anjo se aproximando e invadindo seus olhos, sem ao menos pedir licença, apenas adentrando pelas frestas abertas dos seus sentimentos.

Dormir se tornou um tormento, precisava compreender aquilo que lhe tirara a paz. O dia raiou e a esperança em conseguir respostas para suas crises noturnas estava próxima.



Ilustração: Nivaldo Marinho de Aquino

Não tardou em arrumar a boroca (bolsa) e aguardar a noite chegar para pegar o barco. As horas pareciam não passar, era como se o tempo estivesse disputando com um jabuti, aumentando ainda mais o desespero do jovem que sofria do coração. Você já teve essas crises? Mas ao que parece, a tarde sumia e a hora de pegar o barco estava chegando. Apressado como se tivesse deixado o feijão no fogo, apanhou suas coisas e partiu em direção à beira – como se chama a frente da cidade onde ficam os barcos – para pegar seu transporte aquaviário em direção a Santarém. Ao chegar na embarcação, tratou de atar sua rede e lá se deitou

por longos minutos na espera do barco partir.



Ilustração: Nilcilene Pinto dos Santos

Os minutos se passaram e o barco deu sinal de que já iria partir, fez soar um estridente barulho que percorreu

por toda a cidade avisando sobre a partida. Os cabos da embarcação foram soltos, e no cais as pessoas que ficavam, acenavam para aquelas que iriam percorrer as águas escuras que formam o manto do rio Amazonas. O sujeito debruçado em sua rede, num momento de puro relaxamento, recordava-se daquele dia, o dia que fora acometido por algo que até o momento tirava-lhe o sono e a paz.

Enjoado de estar deitado, resolveu ir para a área de lazer da embarcação para espairecer as ideias. Estava na parte mais alta, onde a cobertura era o céu, e o pensamento desenhava a imagem da doce moça, imagem que o acompanhara dia e noite. Mas parece que o sujeito nasceu de bunda para o

sol – assim dizem quando se tem sorte –, pois o inesperado aconteceu. Como ficou na rede na hora da partida, não pode ver as pessoas que ali adentravam na embarcação. Dentre elas estava a cura para suas noites de insônia.

Totalmente embebedado pelas ondas do rio, CS estava distraído quando, subitamente, por entre algumas pessoas que começaram a chegar na área de lazer, avistara a moça que pairava em seus pensamentos. É possível tal coincidência? Ao que parece, sim. Por um instante não acreditava no que vira, passou as mãos nos olhos com intuito de limpar sua visão, para ver melhor aquele ser. Depois de alguns minutos de pura admiração, percebeu que se

tratava do anjo que vira na praça José Veríssimo. Mais uma vez o coração palpitou fortemente como se fosse rasgar a caixa torácica, mas conseguiu conter suas emoções.

A sensação era péssima, não estava acreditando no que via. E para sua surpresa, a moça sentou-se à sua frente, deixando sair, de forma sutil, um pequeno sorriso. Esse simples gesto trouxe ao sujeito um pouco de tranquilidade, que aos poucos foi tomando conta de seu ser, recompondo-se do momento de impacto. Agora, o que fazer? Enquanto as ideias não surgiam, os olhares buscavam correspondência, como se fossem um diagrama de flechas. Depois de muito pensar e organizar as ideias, CS criou

coragem para ir cortejar a moça e lhe falar de seus tenros sentimentos. E num impulso repentino, a coragem surgiu e ele foi até ela. Como era muito falastrão e educado, deu-lhe boa noite, pediu licença para sentar-se ao seu lado e conversar, já que estavam sem companhias. E para sua alegria, ela disse as palavras tão esperadas: "sim, sente-se".

Agora o sujeito tinha a oportunidade de fazer diferente, de mostrar o que sentia por ela. E não tardou, fez logo a primeira pergunta: qual o nome do anjo? A moça ficou rubra, sem saber o que falar, mas com a voz presa e baixa, balbuciou seu nome. "Lindo e majestoso!", respondeu ele. E muitos minutos se seguiram,

palavras, revelações, troca de olhares, de carícias tudo isso contribuiu para que a noite ficasse aprazível.

No ápice da conversa um clima de espanto surgiu, CS não acreditava no que ouvira. A sensação foi tão forte que seus olhos queriam saltar de suas órbitas. Lágrimas começaram a preencher o vazio de suas faces, como se algo sublime estivesse se concretizando. E estava. A moça revelara que naquele dia em que o vira sentado no banco da praça, debaixo da árvore, sentiu a presença de uma força sobrenatural. Algo nunca sentido antes. Desde aquele dia, seus pensamentos foram furtados pela imagem do jovem que, de alguma forma, abalara sua estrutura emocional. Suas noites eram

longas, pois seu pensamento sempre buscava o dia e a imagem daquele sublime mancebo.

A noite, antes tida como fonte de sofrimento, transformara-se num berço de ternura e paixão. Pois ali, a céu aberto, tendo como expectadores as estrelas e a lua, os sentimentos se encontravam, acalantando os corações sofridos. Os corpos se juntaram, os beijos rolaram e a magia do amor se fez presente. A felicidade era tanta que o brilho dos olhos do casal causava inveja às estrelas, a lua aplaudia a cena enlevada de amor.

Como diz o dito popular, alegria de pobre dura pouco. E durou! Um estridente barulho penetrou por entre os corpos colados de paixão, afastando-

os bruscamente. Era a voz de uma senhora que, ao clarão da lua, deixou transparecer sua insatisfação com a cena presenciada. Seu olhar dizia coisas do tipo: que cena é essa? Quem permitiu isso? Como ousa tomar a moça? Logo, sem muita demora, a senhora se retirou de cena. Porém, o clima de romance se quebrou, aí surgiu um bruto silêncio. De repente, o anjo revela a identidade daquela senhora, que na verdade era sua avó. O clima ficou tenso. Os corpos tremiam, não de prazer, mas de temor sobre o pensamento daquela mulher que, apenas com o olhar, disse o que queria.

Sem muita delonga, o casal se despediu, cada um buscou o caminho de sua rede. Porém seus corações

estavam recheados de felicidade e contentamento. A noite foi a mais sonhada e gostosa possível, o sono arrebatou-lhes profundamente, devolvendo-lhes o descanso tão desejado. Tudo conspirou para que aquele momento acontecesse na vida dos dois.

Na manhã seguinte, CS despertou com intuito de encontrar a moça do sorriso alvo, mas suas expectativas foram todas ceifadas, parece que ela havia partido no raiar do dia, sem se despedir do apaixonado mancebo. Cabisbaixo, tomou banho e se arrumou, e pegou um táxi em direção ao consultório do cardiologista. Ao chegar, sentou-se, aguardando sua vez. Totalmente distraído, com o

pensamento na noite que tivera, ainda pensando ser um sonho, como se estivesse no céu nos braços de um anjo, seus pensamentos foram interrompidos pela secretária, indicando que poderia entrar na sala. Adentrou na sala, foram feitos os cumprimentos, e em seguida o médico lhe perguntou o motivo de procurá-lo. Relatou todo o ocorrido; após ouvi-lo, o médico sorriu, como quem diz que não há problema algum, mas realizou um exame de coração apenas para acalmar o jovem. Como diagnóstico, apenas ouviu: "Seu coração está totalmente forte, você não tem nenhum problema, a não ser uma forte crise de amor, e sabes qual é o remédio". E sorriu novamente.

Após a consulta, não sabia se sorria ou se ficava triste. Sorria porque seu coração estava completamente saudável; triste porque não teve tempo de contemplar pela manhã o brilho daquele olhar angelical, mas tinha certeza de que seus sentimentos tinham correspondência. Tornando a Óbidos, não pode deixar de lembrar daquela noite mágica que vivera.

Como disse, Óbidos é palco de muitas histórias, romances, lendas e mitos. São tantos os fatos que é difícil narrarmos um por um, mas sabemos que em algum momento surgirão e nos darão motivos para sorrir. A propósito, não poderia deixar de mencionar que CS, assim conhecido por seus íntimos amigos, e que na verdade se chama

César Sáter, buscou por noites e dias encontrar aquela linda moça, a qual deu-lhe o pseudônimo de anjo, mas suas buscas foram em vão. O endereço fornecido durante a conversa no barco não correspondia à casa da moça. Os vizinhos nunca viram por lá a moça, que atendia pelo nome de Jasmim. E César Sáter ainda busca encontrá-la novamente, para reviver a noite tida no barco, a qual foi completamente inesquecível.

O boto zombador da comunidade Mondongo

Karem Leidiane Silveira dos Santos



Ilustração: Karem Leidiane dos Santos

Em certo dia da manhã de um domingo, na comunidade

Mondongo – que hoje é Mondongo de Baixo – houve um grande torneio de futebol no campo do Maracanã, time da própria comunidade que existia por lá e que hoje em dia não existe mais. Nesses torneios feitos por lá, costumava dar muita gente de várias comunidades, e da própria comunidade também, porque sempre depois dos jogos havia festa, a famosa churuminga, na casa do Senhor Oliveira. E para chegar na casa do Senhor Oliveira e no campo, tinha-se que atravessar uma ponte bem grande, cheia de aningais ao redor. Trata-se de um pequeno igarapé onde mora o boto que, segundo os antigos, judiava de mulheres que ousavam atravessar menstruadas pela ponte, e também de crianças que não eram batizadas.

Então nesse dia, uma senhora chamada Neide passou pela ponte menstruada para ir ao jogo juntamente com seus familiares e amigos. Lá se divertiu muito, mas não ficaram para a churumenga, então resolveram ir pra casa dela às 18h, justamente horário em que não se podia atravessar a ponte por causa do maldito boto. No caminho para casa ela sentiu que estava sendo seguida, mas não ligou. Apressaram o passo para chegarem em casa e saírem do meio da mata antes de escurecer mais.

Ao chegar na sua casa, sentiu uma grande dor de cabeça e foi se deitar um pouco, e seus filhos, esposo e amigos ficaram na cozinha para jantar. Mas começaram a ouvir risos altos e foram

espiar o que estava acontecendo lá dentro, e encontraram a Senhora Neide rindo e se batendo muito. Seu esposo foi tentar lhe segurar, mas não conseguiu, então ele percebeu que aquilo não era normal, era uma grande judiaria que o boto estava fazendo com ela. Então mandou chamar vários senhores da comunidade que moravam próximo da sua casa, para poder segurá-la e não deixarem ela se bater muito. Então resolveram amarrá-la, pois aquele boto era muito forte e debochava da cara dos homens que estavam ali, e eles, como já estavam meio porres, não tinham forças para segurar a mulher.

Foi quando mandaram chamar uma senhora conhecedora de muitas coisas desse tipo para ir benzer a Neide

e expulsar aquele boto que a possuía. Quando ela chegou lá, viu Dona Neide toda amarrada e falando muitas coisas da vida dos outros, então ela começou rezar e a lhe lambar com galhos, ervas e plantas, que era para ele se afastar. Ele só fazia rir muito e muitas das vezes não falava coisa com coisa. Depois de um bom tempo a Dona Neide gritou e pediu para pararem de lhe bater, que já era ela que estava ali. Então a desamarraram, mas ela não recordava de nada o que tinha acontecido.

Depois disso, todo o pessoal que estava lá resolveu tomar um cafezinho e tomar uma pinga para descontrair, principalmente os homens, e por volta das oito horas da noite, as mulheres que estavam lá foram embora para suas

casas, naquela grande escuridão, apenas com uma lanterna. Uma delas era a Dona Leo, que morava um pouco mais distante da casa de nona Neide, e que estava com seus filhos. E ao seguir caminho para sua casa ouviram um grande assobio no pé de uma enorme castanheira de macaco, que os fez se arrepiarem e a ficarem com medo. Então ela resolveu voltar para a casa de uma conhecida dela que morava bem próximo da castanheira, a uns 10 metros dali.

Ao chegar nessa casa de sua conhecida, Dona Leo contou-lhe o acontecido e então sua conhecida mandou que ficassem por lá até seu esposo passar para sua casa, e lhe ofereceu duas redes que estavam

desocupadas. Seu filho ajeitou-se em uma e ela com sua filha deitaram-se em outra. E ao deitarem, já com todas as lamparinas apagadas, viram aquele grande homem querendo se deitar com elas. Quando ela já estava ficando adormecida pela presença daquele homem, chamou pelo nome da dona da casa, que foi logo acendendo as lamparinas, ligando a lanterna e perguntando o que estava acontecendo. Então, Dona Leo lhe falou que tinha um homem lá que queria se deitar com elas. Então foram feitas várias cruzes com pedaços de carvão nas portas e janelas da casa; ao fazerem isso, ouviram um forte assobio fora da casa e logo em seguida outro bem distante.

Desde então, nunca mais nenhuma mulher passou menstruada pela ponte, e nem tampouco crianças que não são batizadas passam por lá sem alho em seu bolso ou sem ter esfregado alho na mão e no pé, e até hoje o boto passeia pela comunidade com seu cavalo arreado e assobiando, tanto que no calar da noite pode-se ouvir os barulhos de seus arreios, e que a boca da noite passa para o Mondongo de Cima, e antes do amanhecer retorna para sua casa no Mondongo de Baixo.

O chupa-carne

Juliana Figueira Nogueira



Ilustração: Juliana Figueira Nogueira

Em uma comunidade ribeirinha chamada Vila Vieira, do

município de Óbidos, vivia um senhor conhecido por Mundinho, que morava sozinho tendo, por vezes, a companhia de seu neto Carlinho.

Como bom e velho agricultor, Seu Mundinho sempre cultivou diversas frutas em seu roçado, trabalhando muito duro para adquirir seu sustento para complementar o benefício mensal da aposentadoria.

Um dia, no cair da tarde, Seu Mundinho, ao chegar do roçado, começou a preparar a janta, uma carne salmourada que havia comprado em uma de suas viagens à cidade. Enquanto a panela fervia no fogão, aproveitando o tempo, Seu Mundinho pôs-se a debulhar o milho que havia colhido naquele dia.

Como a noite se aproximava e os carapanãs ali não estavam para brincadeira, este se apressou em mandar Carlinho fechar as portas e janelas da casa, afinal após um dia exaustivo como aquele, tudo o que Seu Mundinho queria era uma boa noite de sono.

Passado algum tempo, Mundinho foi banhar-se para jantar. Carlinho ajudou-o a pôr a mesa sob a luz da velha lamparina a querosene, daquelas que escurece até as melecas do nariz devido à queima do querosene e do pano que é enrolado para acender. A comida estava uma delícia, com aquele gostinho de verdura recém-colhida da horta.

Apesar de estar tão saborosa, a porção de carne feita para aquela janta acabou sendo maior do que eles poderiam comer, sobrando, assim, uma boa quantidade de comida. Seu Mundinho logo decretou a Carlinho:

- Pode cuidar de tampar bem a panela que essa carne servirá para uma boa farofa amanhã na hora da merenda!

Após guardar a panela, ambos foram lavar os pratos, respeitando o velho dito popular que era lema da casa: “em casa de lagarto cada um lava seu prato”. Em seguida, os dois recolheram-se e foram logo deitando em suas redes, mas enquanto o sono não vinha, puseram-se a ouvir a Voz do Brasil no velho rádio à pilha.

Perto das 22h, Seu Mundinho pede para Carlinho desligar o rádio que o sono já estava chegando. Obedecendo ao seu avô, este foi rápido em atender o pedido.

Desligado o rádio, o único barulho que se podia ouvir era dos insetos, aqueles corriqueiros nas noites no interior. Mas, eis que o inesperado acontece.

Seu Mundinho, quase adormecendo, sentiu que algo havia sido jogado dentro de sua rede. Num primeiro momento pensou que fosse apenas algum sapinho que havia pulado dentro da rede, e não ligou. Isso se repetiu por mais uma vez. Na terceira, Seu Mundinho riscou o fósforo, acendeu a lamparina e viu o que estava caindo

dentro da rede – eram pedaços de carne mastigados. Ele, então, exclamou:

– Carlos, tu não tens vergonha na cara não, seu “fi” duma égua? Fica tirando graça com a minha cara. Olha que pego um galho de cuieira e quebro no seu coro!

O neto foi rápido em se defender:

– Mas vovô, eu não fiz nada, guardei a carne do jeito que o senhor pediu, eu não tô comendo, até escuvei meus dentes!

Mundinho, muito intrigado com aquela situação, apagou a lamparina e tentou dormir novamente, e quem disse que conseguia? Desta vez, foi Carlinho quem o chamou:

- Vovô, pelo amor de Deus, está caindo carne junto comigo, chega tá molhado de baba!

E mais uma vez Seu Mundinho acendeu a lamparina, levantou-se, rodou os quatro cantos da casa e nada viu. Desistindo da procura, voltou-se a deitar, muito contrariado. E era deitar, apagar a lamparina e a carne voltava a ser jogada dentro de suas redes. Então disse:

- O jeito é deixar a lamparina acesa, acho que esse cão dos infernos não gosta de luz.

E assim o fez, parando então a marmota. Olhando no relógio, já era perto da meia-noite, e passado mais algum tempo, apagou a lamparina e adormeceu. Mas antes, seus

pensamentos eram do que poderia ter sido aquilo, ou melhor, de que bicho poderia estar mastigando a carne e arremessando contra eles. Esta é uma pergunta até hoje sem resposta para Seu Mundinho, como também para os que ouviram falar do fato através de sua boca.

Afinal, quem era e por onde andará o chupa carne? Eu não sei, nem quero saber. E você?

O contador de lorotas

Riller Marinho Coelho

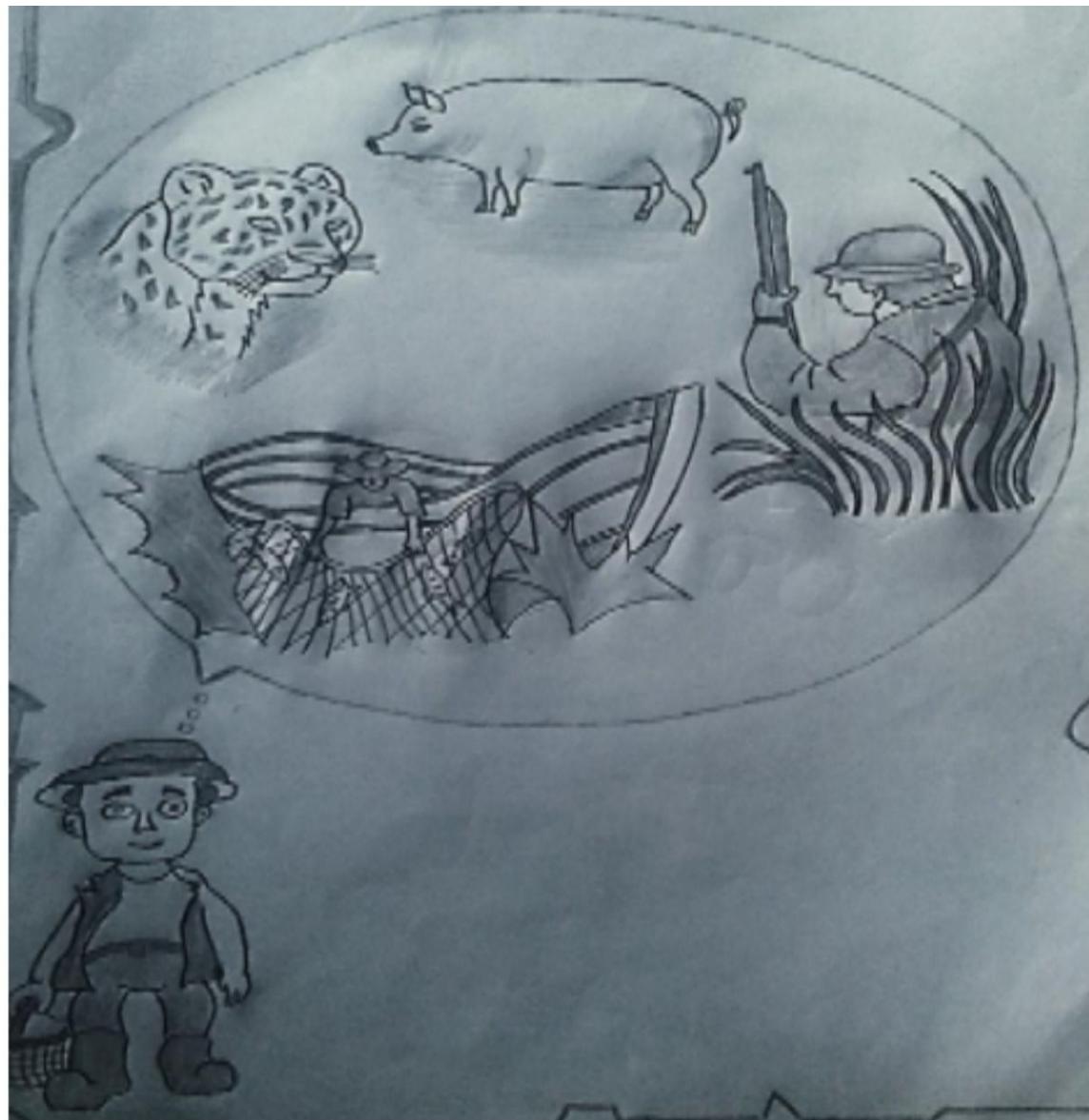


Ilustração: Riller Marinho Coelho

Óbidos é uma cidade histórica, situada à margem esquerda do Rio

Amazonas, no Oeste do Pará. A cidade é famosa por pelo carnaval de rua e por personagens ilustres que marcam a história dessa cidade. Entre esses tais, conta-se a história de um senhor obidense, que todos conheciam por suas histórias fantásticas.

Há muito tempo era comum às pessoas, todos os dias, descerem à beira da cidade para fazer compras de carne e peixe fresco, beber um gole de cachaça e trocar conversa nos quiosques da velha feirinha, nas proximidades do mercado municipal. E aparecia lá cada história que era de arrepiar. Nesses momentos, o personagem mais esperado era um tal de João Lorota, apelido que recebeu por motivo de sua fértil imaginação de

inventar histórias. Ele ficava furioso quando alguém o chamava de mentiroso ou desacreditasse dos seus causos. Sua fisionomia era de um senhor baixo, gordinho, sorriso esplêndido, e andava com os pés atravessados, pisando como papagaio.

Todos os dias, pela manhã, João tinha por obrigação ir até a beira da cidade com sua cesta de cipó timbó. Quando as pessoas o avistavam de longe, já diziam: “Lá vem o João Lorota!” e todos ficavam ansiosos, esperando para saber que história lhes seria contada. Então diziam:

– João, conta aquela história que contaste outro dia.

João, sempre bem-humorado, repetia as histórias, mas sempre tinha

uma nova para compartilhar. Dentre os causos, Seu João Lorota narrava várias experiências vividas por ele. Contava que certa vez em seu sítio, tinha uma criação de porcos e, em uma de suas idas rotineiras para lá, presenciou a fuga desses animais, que iam arrastando o chiqueiro por onde passavam e tudo que encontravam pela frente. Até chegaram a destruir uma touceira de bananeiras de onze cachos, o que lhe causou um tremendo espanto ao vivenciar aquela tão terrível cena. Ficou tão apavorado que resolveu voltar a pé para sua residência, na cidade, no mesmo dia. Carregava nas costas vários sacos de farinha. No caminho começou a chover muito e para não se molhar, vinha desviando aqui e ali das gotas da

chuva. Essa foi a única forma de chegar enxuto até sua residência.

Depois de alguns dias, resolveu voltar no sítio para ver o que tinha acontecido com os porcos. Saiu à procura dos porcos mata a dentro, apenas com sua velha espingarda, e percebeu que a noite tinha chegado. Decidiu subir num galho de pau para passar a noite, quando, de repente, apareceram várias onças. Com tiro de espingarda ele acertou e conseguiu espantá-las. E, ao narrar esse acontecimento aos amigos, dizia: "Olha que o chumbo do cartucho era de bagos de milho!". E ainda completou sua narrativa dizendo que, dias depois, ia andando pela mata e viu um milharal que se movia. Ficou parado olhando a

cena e, ao se aproximar, percebeu que eram os grãos de milho que tinham nascido nas costas das onças por ele alvejadas.

Em outro fato vivenciado certa vez, ele teve que descer pra pegar dois filhotes de onça que estavam dentro de um tronco grande de árvore. Quando olhou para cima, para sua surpresa, lá vem a mãe dos filhotes descendo de ré. Ele não pensou duas vezes, agarrou firme no rabo da onça que esturrou alto e foi arremessada para bem longe do tronco da árvore. E ainda disse que ficou com o rabo da onça para usar de espanador!

Seu João Lorota contou ainda que certo dia resolveu ir pescar. Ao chegar em sua canoa próximo ao trapiche da

cidade, lançou a tarrafa e de uma vez só pegou tanto peixe que, ao tirá-los da tarrafa, quando chegou no último peixe, este já estava em estado de putrefação. Tal fato causou indignação e inveja nos outros pescadores.

No sítio, nas pescas, até no futebol, nada escapava das fantasiosas histórias de Seu João Lorota. Contava ainda que certo dia participou de um torneio de futebol. O seu time – no qual jogava na função de zagueiro – perdia o jogo por um gol de diferença. Foi então que um jogador sofreu pênalti, e nesse momento Seu João pediu para cobrar a penalidade. No entanto, precisava fazer dois gols para que seu time ganhasse a partida. Foi então que ele puxou um arranque, deu um chute tão forte que

separou a bola ao meio, conseguindo, assim, que seu time fizesse dois gols com um chute só. O mais curioso foi que o pedaço da bola pegou em um pé de manga que ficava perto do gol, assim derrubando todas as mangas maduras.

Estes são alguns causos, dentre outros, que são tantos, de autoria do Seu João Lorota, conhecido como figura popular e maior contador de lorota da cidade de Óbidos.

O jacaré encantado do Laguinho

Gerlaine Figueira Matos



Ilustração: Gerlaine Figueira Matos

Na cidade de Óbidos, município do estado do Pará, existe uma

diversidade de contos e lendas amazônicos, dentre os quais está a lenda do Jacaré Encantado do Laguinho, que se originou do desaparecimento de uma criança no referido lago, nas proximidades da Serra da Escama, um dos pontos turísticos da cidade.

Conta-se que, certa vez, um grupo de quatro amigos, Matheus, Guilherme, João e Pedro, crianças de sete e oito anos de idade, estavam brincando na rua de suas casas e resolveram ir tomar banho no Laguinho.

– Vamos, amiguinhos, vamos tomar banho lá na beira do Laguinho. Mas vamos escondidos sem nossos pais saberem, ou eles podem nos bater – disse Pedro.

Todos concordaram. Foram caminhando até chegar às margens do Laguinho. Antes de caírem na água, avistaram um Jacaré à espreita de suas possíveis vítimas.

– Olha lá, um jacaré! – Disse Matheus. Os demais procuraram, pois não avistaram logo, como Matheus.

Guilherme o jacaré viu e disse-lhes:

– Vejam, lá no meio do Laguinho.

João ficou com medo e alertou:

– Ninguém vai pular na água, o jacaré pode nos pegar.

– Vamos jogar pedra nele! –

Gritou Pedro.

Enquanto os amiguinhos se preparavam, pegando pedras no chão,

ficaram surpresos ao ouvir uma voz que lhes dizia:

– Não, amiguinhos. Não me apedrejem, vão me machucar.

Eles olharam e viram que a voz era do jacaré. Todos estavam assustados. Matheus perguntou se era o jacaré que estava falando ou estavam ficando loucos, mas Guilherme logo respondeu que jacaré não fala. Sem entender, os amiguinhos ficaram olhando para o jacaré, esperando que ele pudesse falar novamente. Foi então que ele explicou:

– Não sou bem um jacaré. Eu era gente como vocês. Os pais de vocês nunca contaram sobre uma criança que desapareceu aqui no Laguinho?

– Sabemos que aqui no Laguinho já sumiu muita gente – Disse João.

– Sumiu, desapareceu. Então, quer dizer que você é um jacaré encantado? – Perguntou Pedro.

O jacaré não queria contar como foi que aconteceu para que ele fosse transformado em tal animal. Ele queria mesmo era que as crianças pudessem ajudá-lo a voltar a ser gente, pois ele se sentia muito triste e sozinho. Caso ajudassem, não os machucaria. Pediu para que eles fossem até suas casas e chorassem como bebês e conseguissem um copo de leite de vaca, com isso, o encanto seria quebrado.

As crianças logo imaginaram que, se fossem e conseguissem, poderiam ser transformados em jacaré, também.

Pensaram que não passava de uma armadilha para se tornarem presas fáceis.

Decidiram, então, voltar a jogar pedras no jacaré para que ele fosse embora logo. Pedro foi o primeiro a jogar uma pedra, acertando o braço do jacaré e logo sentiu uma forte dor em seu próprio braço. Matheus falou que era praga do jacaré.

O jacaré explicou que não era praga. Era parte do encanto dele. Quem o machucasse, no lugar em que acertasse o jacaré, seria o mesmo lugar em que a pessoa sentiria dor.

Matheus, para ter certeza do que o jacaré estava falando, pegou uma pedra e a jogou nas costas do jacaré. Logo gritou:

- Ai, ai, ai, minhas costas estão queimando e doendo muito. O jacaré tem razão.

Indignado, João disse que o jacaré estava lhes machucando. E assim, pegou seu balador, acreditando que nada lhe aconteceria. João arremessou, com o balador, uma pedra na cabeça do jacaré, e gritou:

- Ai, ai, ai, minha cabeça vai explodir!

Pedro pediu para que o jacaré os curasse ou então eles o matariam. Mas o jacaré implorou para que não fizessem isso com ele, pois ele não gostaria de morrer sendo um jacaré.

Após mais uma tentativa, foi a vez de Guilherme. Este, por sua vez, jogou

a pedra acertando no rabo do jacaré, e assim, gritou:

– Ai, ai, ai, ai, ai. Meu traseiro está queimando que nem pimenta malagueta. Vamos cair na água para ver se refresca. Mas João lhe disse que, assim, o jacaré os pegaria. O jacaré, debochando das crianças, falou:

– Eu disse para vocês não me jogarem pedras, mas vocês são tinhosos. Ha, ha, ha, ha.

Os meninos, sem saberem mais o que fazer, decidiram ir embora.

– Vamos. Vamos correr daqui. Precisamos ir a uma benzedeira para que ela possa nos ajudar.

Eles saíram correndo em direção às suas casas para contar aos seus pais o que havia acontecido. E, então, mais

uma vez, o jacaré não conseguiu quebrar o seu encanto e continuou morando no Laguinho até chegar o seu dia de partir.

O jurupari e as três irmãs

Angélica Lima Pereira



Ilustração: Angélica Lima Pereira

Minha avó sempre dizia que não é bom a gente ficar conversando

alto à boca da noite, porque nunca se sabe quem está brechando a gente pelos matos. E, acredite, vovó nunca dava conselho errado pra ninguém.

Nas noites em que os carapanãs não deixavam a gente sossegar, minha avó e eu jantávamos e nos recolhíamos cedo. Ela contava histórias lindas de reis e rainhas, da Matinta-Perera, do Mapinguari, de encantes e assombrações. A história do Jurupari e As Três Irmãs era a de que eu mais gostava. Principalmente por que eu ficava com medo e dormia na rede com a vovó.

Vovó dizia que essa história foi causo de verdade e aconteceu numa paragem lá pelas bandas da Comunidade Quilombola Murumuru.

Nesse lugar morava uma família de três irmãs solteiras que viviam felizes numa casa simples, coberta de palha e com parede de barro. Mariquinha era a mais velha, mulher madura e dedicada. Dizia que nunca iria se casar, pois o destino dela era cuidar das suas maninhas. Gracinha era a do meio, até bem-afeiçoada, mas era uma catiroba. Era lesa e vivia dando trabalho. Apesar da mofineza e do olhar tristonho, Ana, a caçula da família, era linda. Cortejada por todos os rapazes da redondeza. Porém, nenhum de seus pretendentes era de seu agrado.

Já de noitinha, chega Donato, primo das moças, convidando-as para buscar buriti no igapó. Donato tinha o corpo frouxo e cabelo de espeta-caju e

era um rapaz muito alegre. As três ficaram animadas e acertaram a viagem. No primeiro cantar do galo, eis que uma voz chamou as irmãs que já era hora de levantar. Era a voz de Donato. Ao abrirem a porta, Donato estava sentado no banco, na ilharga da mesa. Sentia-se uma inhaca terrível em seu corpo. Estava com semblante sério, avisando que já era hora de “capar o gato”. A irmã mais velha ajeitou a boroca. Colocou dentro um pouco de farinha d’água, piracuí e a garrafa de café. Pegou um terçado e a poronga. E saíram no rumo do igapó. O primo sempre na frente. Cada vez que se distanciavam, o caminho ia se fechando e a inhaca de Donato só aumentava. As

três começaram a se agoniар e uma delas perguntou:

– Meu primo, será que nós *num temo* é perdido?

Donato nada respondia. De repente seu corpo começou a crescer e ficar todo cabeludo. Suas mãos e pés ficaram enormes. Neste momento, virou-se para as três. Podia-se ver que no lugar de seu umbigo havia uma boca enorme com dentes afiados. Olhou atentamente para elas e com uma voz terrível disse:

– Vocês sabem quem sou eu? Eu sou o Jurupari! E vou devorar todas vocês! Andem rápido que já estamos chegando!

Era quase meio-dia quando chegaram à beira de um riacho onde

havia um tapiri velho. De seu interior exalava um pixé de carniça. Por todos os lados havia ossos de pessoas e animais. O bicho colocou as três acocadas embaixo de uns buritizeiros. Entrou no tapiri e chamou a mais velha. Só se ouvia os ossos de Mariquinha estalando na boca do bicho. Gracinha e Ana choravam desconsoladas. No dia seguinte, foi a vez de Gracinha. Ana se desesperou e começou a rezar para todos os santos. O bicho enfim saiu e foi caçar mata adentro. Mas avisou a Ana:

– Se você tentar fugir, eu te pego!

Ana, chorando e rezando debaixo do buritizeiro, avistou uma linda e enorme garça. E falou:

– Oh, garça linda, se me levasses embora embaixo de tuas asas eu casaria contigo!

A garça respondeu:

– Seja feita sua vontade!

Ambos voaram para muito longe.

O Jurupari corria no igapó gritando e prometendo vingança. A garça transformou-se num rapaz lindo, loiro, de olhos azuis. Casaram e viveram felizes para sempre!

Vovó dizia que eles moravam lá na Taperinha e tiveram muitos curumins. Como lição, Ana nunca mais quis saber de conversar à boca da noite, pois como diz o ditado: “mato tem olhos, parede tem ouvidos”. Eu sigo o conselho da vovó. Eu não sou nem lesa de virar boia de Jurupari.

O menino-boto do Rio da Ilha

Lucas de Vasconcelos Soares



Ilustração: Everton de Pádua Almeida

Certa vez, em um lugar não tão distante ocorreu um fato

misterioso, que pode se confundir com aquelas histórias típicas de pescador. Porém, trata-se de um fato que realmente aconteceu lá pelas bandas do Rio da Ilha, pequena comunidade de interior, cercada pelo imenso rio Amazonas.

Ainda assim, por ser um lugar deserto e misterioso, este fato se deu em um dia tão temido por todos da região, era por, assim dizer, uma Sexta-feira Santa.

Sim, era Sexta-feira da Paixão. Até então, dia muito respeitado pelos antigos, diante dos inúmeros fatos ocorridos em tal data.

Devia ser lá pelas cinco da tarde, naquelas horas em que se ouve o bater do vento na copa das árvores e o som

das águas contra a ribanceira. Uma família fechava as portas de sua casa para recolher-se em rezas e adorações pelo dia vivido. Ali morava um casal, Seu Antônio e Dona Maria, ambos acompanhados dos filhos, Joana e Pedro, todos saudáveis. Também residia um senhor cujo estado decrépito anunciava pouco tempo de vida, com um rosto desfigurado, um semblante cansado e as forças esgotadas.

Ao fechar as portas, com o dia ainda imperante lá fora, o tédio tomou conta do interior da residência, fazendo todos se dirigirem às suas calorosas e aconchegantes redes. Após meia hora, todos apagaram no sono, menos o filho Pedro, o qual, cansado de estar ali sem nada fazer, teve uma ideia. E mal sabia

este que aquele pensamento custaria muito caro para todos.

O menino, cujo semblante aparentava medo por estar desobedecendo às ordens dos pais, resolveu sair de casa e ir passear um pouco, até o escurecer. Sem pensar muito, afastou uma tábua do assoalho da cozinha e fugiu. Mas, como se estivesse sendo vigiado, o azar foi de imediato. Caiu de cara em uma aglomerada lama que tomava conta em baixo da velha casa de madeira, que ficava nos altos, sustentada por grandes estacas de maçaranduba, típica construção semelhante a palafitas muito usadas na Amazônia por causa das grandes enchentes.

Percebendo o quanto ficou sujo, o menino entrou em desespero, pois não tinha onde tomar banho na hora do ocorrido. Ao mesmo tempo em que, se voltasse daquele jeito, todos saberiam de sua teimosia. E nesse caso, a surra com o cipó de cuieira estaria garantida no couro largo e sujo do menino. Assim, num espaço curto de tempo, aquele menino pensava, pensava e não chegava a nenhuma conclusão.

O tempo corria, as nuvens seguiam apressadas no céu, o sol ocultava-se no horizonte e a noite, aos poucos, vinha tomando conta do lugar. No entanto, algo não passava: o desespero de Pedro que só crescia, fazendo-o chegar a uma ideia que sua

mãe diria, absurda, por sinal, porém a única naquela agonizante situação.

Com os dentes rangendo e as pernas trêmulas, o menino se dirigiu às margens do Amazonas para banhar-se nas águas barrentas e profícuas de mistérios. Pedro despiu-se lentamente e começou a lavar-se. O medo dominava seu corpo que, desesperadamente, olhava sem rumo em todas as direções, buscando algum sinal de movimento. Porém, quase ao terminar, estava vestindo-se quando olhou para as águas e ficou impressionado com o que seus olhos vislumbravam. Sim, era o temor dos ribeirinhos, o lendário boto. O sedutor das águas, com olhar penetradão para Pedro, deixou o

menino em pânico, que, sem pensar muito, saiu correndo.

Porém, ao chegar próximo de casa, ouviu um barulho vindo do interior da casada habitação, interrompendo sua carreira e, imediatamente, buscando outro lugar para se esconder, pois se corresse para a sua residência, todos saberiam que ele havia saído e a surra estaria garantida. Assim, Pedro, sem muita opção, correu em direção ao fundo do quintal, um lugar onde havia enormes e velhas mangueiras, cujas alturas se confundiam na vastidão do céu. Em meio à correria, Pedro olhou para trás, e notou que um homem, com vestimentas brancas e um grande chapéu, acompanhava seus passos.

Nesse momento, o menino subiu em uma mangueira imaginando que, se aquele fosse o boto, este não conseguiria subir na grande árvore, deixando-o em paz. Assim, pensava que ali estaria protegido. Pura ilusão da cabeça de um menino inexperiente e abobado. Ao chegar a certo ponto da árvore, eu diria uma enorme altura, Pedro olhou para baixo, procurando o tal homem misterioso, porém nada viu, ficando com a certeza de que desaparecera ao vento.

Após rápido suspiro de alívio, o menino olhou novamente para o tronco da mangueira, ficou pasmo com o que seus olhos escuros estavam vendo. O suspeito homem de branco estava escalando, subindo em direção ao

menino, deixando-o tão desesperado que este, sem encontrar outra solução, se jogou do alto da árvore. Aliás, de uma altura temida até por aqueles com espírito aventureiro.

O impacto foi tão grande que, ao atingir o chão, Pedro desmaiou, caindo em sono profundo sobre a terra dura e fria durante algumas horas. Aos poucos, o menino foi recobrando os sentidos. Isso devia ser umas três da madrugada. No entanto, ficou aflito ao acordar, percebendo que não estava em casa e nem no lugar onde caiu. Sim, ele sentia seu corpo de molho, boiando nas águas do rio, como uma canoa seguindo a correnteza.

Tentando entender o que estava acontecendo, Pedro tentou mover-se

para voltar pra casa. Foi aí que percebeu que não tinha braços e nem pernas, os membros haviam se tornado nadadeiras. Sim, este menino teimoso e desobediente pagou o preço de sua ousadia em desrespeitar um dia tão sagrado. Ele foi levado pelo boto para o rio, onde passou a ser o seu novo lar. O menino virou boto, ele viverá nas águas do rio com outros de sua espécie, sempre atento, observando sua casa e sua família de longe. Para este, foi negada a condição de transformação em homem nas noites de luar. Ele ficará aprisionado em um encantamento terrível, fruto de sua ousadia e desrespeito pelas ordens.

Nesta hora, um grito pavoroso ecoou das matas, cujo soar de agouro

anunciava uma enorme tragédia. O grito era medonho e acordou a todos que dormiam profundamente em suas redes. A mãe, Dona Maria, com o olhar pesado de sono, resolvera levantar-se para ver se todos estavam bem, pegando uma lamparina que havia ao lado da cama. Foi assim, nessas condições, que sentiu uma faca rasgar seu peito materno, assustando a todos que dormiam, ao cair debruçada no assoalho por ver que seu filho não estava e que uma tábua havia sido arrancada. No entanto, o temido som continuava e, dessa vez, tão forte como a tempestade no Amazonas. Logo os moradores da casa buscavam respostas sobre onde estaria o menino, que misteriosamente sumiu

sem deixar vestígios, em um dia tão temido.

O dia amanheceu tão triste que nem os galos e nem os passarinhos, costumeiros despertadores dos ribeirinhos, cantaram anunciando o orvalho da manhã. Tudo parecia estar morto, sem vida, sem emoção. O dia começava e a dor daquela pobre mãe se espalhava por todos os moradores da comunidade, os quais, compadecidos, iniciaram uma busca pelo menino. Porém, nada encontraram. Nem rastro, nem vestígio, nem cheiro, nem marcas. Mal sabiam eles que aquele garoto, o pobre Pedro, assistia a toda aquela aglomeração sem poder fazer nada, nem ao menos dizer “estou aqui”. Pois, como já disse, estava nas águas,

observando com o olhar atento o sofrimento que sua mãe carregava, fruto de um capricho seu.

Compadecido de sua dor, havia um senhor chamado Cuietê, cujos dons eram de ajudar as pessoas contra as maldades e feitiçarias existentes. Sim, era um curador, o qual ao chegar até Dona Maria, sem pensar muito anunciou a tragédia: o menino foi levado, foi boto, Sinhá! – Disse o velho homem. A mãe, em prantos, perguntou como este teria tanta certeza. O curador, em perceptível aflição, disse que o boto leva sem dó os que, por algum motivo, desrespeitarem os horários e dias impróprios, saindo sozinhos por aí, transformando-os em seres das águas, aprisionando-os no rio.

O velho curador ainda completou:

*Seu filho está preso no rio,
na forma do sedutor das águas, a
criatura mais temida por todos.
Logo, só será liberto no dia em
que outra criança teimosa
desobedecer às ordens e sair por
aí, desacompanhada. Será quando
seu corpo estará livre. Ele viverá
no rio, observando cada passo ao
seu redor, esperando que alguém
fuja de casa. Nesse momento,
será concedida a ele a condição de
transformação em homem para
aprisionar este desobediente em
seu lugar. Enquanto isso, ele deve
aceitar sua nova condição. E a
família viverá com a certeza de
que um dia ele voltará”.*

No entanto, em cada hora, sua mãe chora pela ausência do menino. O pai, com semblante de dor, lamenta pelo fato. Sua irmã apenas ora, pedindo que seu irmão seja libertado. O avô talvez nem esteja mais vivo quando o menino voltar. A dor e o medo tomaram conta daquela família, que nunca mais voltou a sorrir, tudo por conta de uma enorme teimosia, pois só existe uma certeza: o boto leva sem dó. E para você que habita nas margens do rio, saiba que quando alguém desaparecer, a resposta será apenas uma: foi boto que levou.

O menino encantado

Geanice Pinheiro dos Santos



Ilustração: Marcos Tiago Campos

Aos domingos, minha família costuma se reunir no sítio,

próximo à cidade de Óbidos, onde minha mãe, uma senhora de quase 70 anos de idade, nos conta várias histórias que presenciou quando morava com seus pais na Comunidade Quilombola Silêncio do Matá, no município de Óbidos. Em uma dessas histórias, ela nos contou o drama de uma família que teve seu filho encantado pela Mãe D'água. Essa família era a do Seu Sebastião e Dona Mariquinha, os quais tinham cinco filhos.

Era um dia de semana, minha mãe não lembra o qual, mas como de costume, os pais saíram para a lavoura e os filhos mais velhos foram para a escola, que funcionava no barracão da comunidade. O mais novo, de nome Manuel, ficou em casa com a tia.

Nesse dia, a moça ficou em casa porque estava menstruada e não podia sair, pois, na época, a mulher, quando estava nesse período, era mantida em casa como se estivesse de resguardo, não ia se banhar no igarapé, nem passava por um, porque se isso acontecesse, a mãe do igarapé ficava brava e se vingava em outra pessoa que passasse por lá. A pessoa afetada pela Mãe D'água sentia fortes dores de cabeça, febre e dores no corpo todo e só ficava boa se fosse benzida por um curandeiro.

Todos saíram para seus afazeres e a moça ficou em casa com o pequeno Manuel, que tinha por volta de três anos de idade e brincava no terreiro, quando passou por ali o irmão de sua mãe que

ia pescar no igapó, próximo da casa de Manuel.

A criança, que gostava muito de seu tio, saiu correndo e chorando atrás do rapaz que passou em direção ao igarapé, seguindo para os igapós em busca do alimento do dia a dia.

A moça, que não podia sair de casa, ficou preocupada com a criança, mas nada podia fazer. Após alguns minutos, a moça parou de ouvir o choro de Manuel, porém imaginou que o menino estivesse na companhia do tio.

Passaram-se as horas e o rapaz voltou da pescaria. Ao chegar à casa de sua irmã, mãe de Manuel, todos perceberam que o menino não estava com ele, e o desespero tomou conta de toda a família.

Nesse momento, a família, desesperada com o sumiço da criança, procurou por toda a vizinhança. Procuraram e não encontraram o pequeno Manuel.

A mãe, Dona Mariquinha, disse para Seu Sebastião:

- Vá buscar o Mestre João para fazer um trabalho e descobrir onde podemos encontrar nosso filho. Mestre João era o curandeiro mais conhecido por seus feitos de cura na comunidade.

Na mesma hora Seu Sebastião partiu em direção à casa do mestre, que morava em outro vilarejo. No dia seguinte, ainda sem notícia de Manuel, o mestre chegou à comunidade Silêncio do Matá.

Quando passou das seis horas da tarde, o mestre invocou seus espíritos e falou com a família da criança. Os espíritos, na ocasião, no corpo do mestre, falaram à família que Manuel havia sido encantado por uma serpente, mãe do igapó, pois não era batizado. E assim se manifestaram:

A criança chora muito e não se alimenta. Porém, há um jeito de desencantá-la, mas terão que fazer o ritual antes que complete sete dias do seu desaparecimento, pois a partir dos sete dias a criança irá criar guelras e se transformará em serpente e não será possível desencantá-la.

Continuando a recomendação para desencantar o menino, os espíritos

disseram que era pra arrumar o homem mais corajoso da comunidade para fazer o ritual:

O homem deve ir ao igapó à meia-noite, onde irá encontrar três buracos. Em cada buraco ele deve jogar água benta, rezar a oração do Creio em Deus Pai e chamar pelo nome da criança. Quando chegar ao último buraco e fizer todo o ritual, a criança irá aparecer e o homem deverá resgatá-la.

No dia seguinte, o pai foi à procura de quem tivesse coragem suficiente para realizar o feito. Um rapaz por volta dos seus quarenta anos, de nome Jorge, amigo da família, tido como o mais corajoso da comunidade, disse que iria

realizar o feito e desencantar a criança. Na mesma noite o rapaz foi até a casa de Seu Sebastião e pegou as informações de como deveria proceder.

À meia-noite, o valente rapaz saiu para o igapó onde deveria realizar o ritual. Ao chegar ao local indicado, viu o primeiro buraco e iniciou o ritual, e quando rezou o Creio em Deus Pai e chamou pelo nome da criança, ouviu um choro que reconheceu ser o choro de Manuel. Nesse momento, sentiu um arrepio no espinhaço que lhe fez sentir calafrios, mas continuou o trabalho.

Caminhou em direção ao segundo buraco, e quando começou a realizar o segundo ritual, ouviu outro choro ainda mais intenso. Nesse momento suas pernas tremeram, suas mãos suavam

frio. O rapaz foi tomado por um medo aterrorizante e não conseguiu rezar. O rapaz, que por ora era conhecido como o mais corajoso da comunidade, saiu correndo para longe daquele lugar sem conseguir realizar todo o ritual e muito menos desencantar a criança.

Passaram-se alguns anos e o curandeiro continuou a fazer seus trabalhos de cura na comunidade.

Quando Manuel completou sete anos que havia desaparecido, incorporou no mestre que realizava um de seus trabalhos ali na comunidade, e por acaso seus pais se faziam presentes. Quando o curandeiro ia realizar o trabalho na casa de alguém do vilarejo, toda vizinhança comparecia com a intenção de ter o privilégio de ser

benzida pelo mestre. Nesta noite, Manuel usou o corpo do mestre e falou a seus pais. Disse que estava bem e já tinha cinco metros de comprimento. Porém, quando estivesse para morrer, deveria ser desencantado.

Os anos se passaram e nunca mais se ouviu falar que o menino encantado tivesse se comunicado através dos curandeiros para pedir que lhe desencantasse. Seu pai morreu, no entanto, sua mãe e seus irmãos ainda vivem na comunidade Silêncio do Matá até os dias de hoje.

O mistério da estrada

Renata Souza dos Santos



Ilustração: Rogério Santos da Silva

Segundo o Senhor Enilson Procópio da Silva, morador e residente da

comunidade Arapucu, o fato contado por ele aconteceu há 21 anos nessa comunidade, onde saíram pra caçar ele e mais dois amigos.

Era uma noite propícia para caçar, saíram o Eeu Enilson, popular Tino, o Bidola e Matinho, rumo ao local conhecido como estrada da assombração. Lá chegando, cada um foi para um galho; quando estavam todos nos seus galhos, depois de algumas horas de espera, o Tino matou um tatu e o colocou na picada.

Com poucas horas, ouviu-se um tiro por lá: atiraram num tatu, que entrou no buraco, mas não conseguiram tirá-lo do buraco e voltaram...

Aí Tino deu mais uma volta e não encontrou nada.

Na segunda volta, próximo da meia-noite, os amigos caçadores voltaram pra passar para a picada.

Então, Tino disse para os colegas que passariam a meia-noite lá na beira do campo do Argemiro. Aí o Bidola disse que não. "Então, vamos dar mais uma volta. - Disse Tino. Eles deram mais uma volta e não encontraram nada.

Então, Tino voltou e sentou na estrada velha, que tinha uma ribanceira nos fundos. Colocou a faca de um lado, a espingarda atravessada e a lanterna do outro lado, esperando os colegas chegarem. Deu meia-noite e nada. De repente, surge aquele homem estranho se aproximando; veio, veio, veio... Quando chegou bem perto, Tino pegou a faca pra cacetar a perna do homem.

Quando ele foi cacatar, sentiu um choque, a faca caiu e ele pegou a lanterna que não acendeu mais. Do nada surge uma boiada. Foi só um corre-corre de gado. Uma confusão total. Aí o homem estranho meteu-se no meio da boiada e sumiu no rumo do cemitério. Tino ainda pode ver que aquele homem ainda andava todo repuxado.

Foi a hora que os outros amigos caçadores chegaram focando suas lanternas acesas. Sentaram ao lado de Tino para deixar passar a meia-noite. Tino não falou nada do que tinha acontecido quando ficou sozinho e quis saber por que os dois estavam andando juntos. Bidola disse que era "por causa que aconteceu um negócio

estrano com nós ali". E o Tino agoniado em saber o que era. Matinho falou que "foi nós entrar no ramal, o negócio arrepiou, o pé ficou grande e cabelo também e estamos agoniados com isso".

Tino ficou calado, não disse nada, sentaram lá sem dizer nada, fizeram cigarro, pois naquela época fumavam. Então, Matinho chamou a todos a dar mais uma volta.

Ao voltar na picada, eles não sentiam nada, mas quando pisavam dentro da estrada velha, aquele negócio pesava e aí eles começaram a sentir uma grande dor de cabeça. Tino disse que daria mais uma volta. Nesse momento ouviu-se o disparo de uma pistola que eles tinham colocado à

tarde. Bidola exclamou que a pistola tinha disparado que era melhor irem um na frente, outro atrás. Quando chegaram ao fim da picada, disseram que fariam um negócio: "Vombora embora que nós não temos mais aguentando e já estamos com dor de cabeça".

Ao chegar em casa todos foram parar no hospital, com muita dor de cabeça e febre.

Prometeram nunca mais voltar à estrada da assombração.

O mistério do espelho

Gracinet Mousinho da Silva

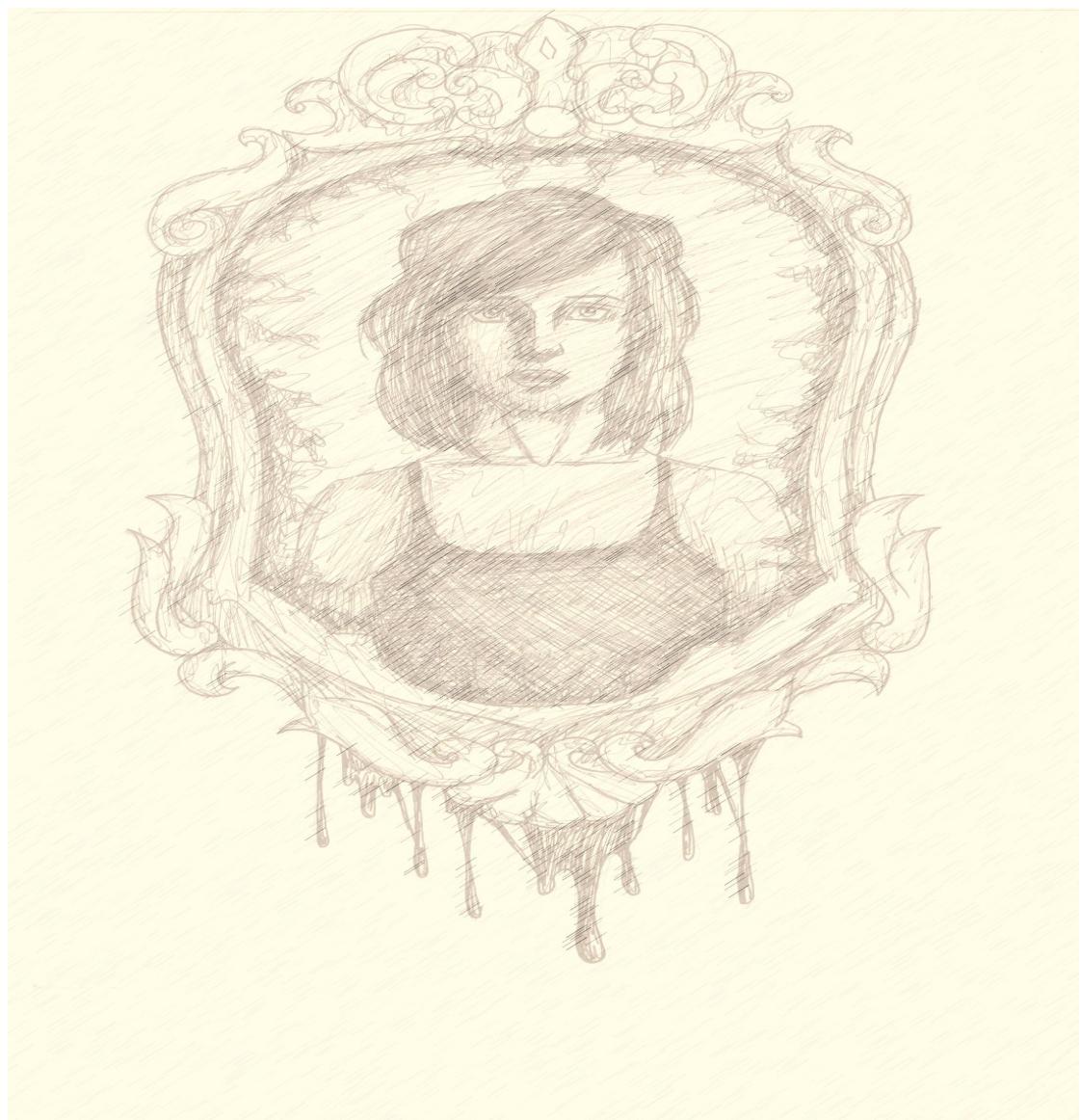


Ilustração: Joás Nascimento

Sem dúvida alguma existem pessoas que nascem predestinadas a

serem vítimas dos infortúnios da vida. Vitória era uma dessas pessoas, e isso foi retratado exatamente naquele momento, ali, parada diante daquele enorme espelho em que refletia os seus piores pesadelos.

Nitidamente ela via cenas de quando ainda era uma criança, em que presenciou a morte de sua mãe, em um terrível acidente de carro, no momento em que a deixava na escola. Eram imagens dolorosas. Tudo aconteceu rápido demais, em um dia ensolarado que prometia ser maravilhoso, mas, ao virar-se para entrar pelos enormes portões enferrujados da escola primária, ouviu um derrapar de freios e percebeu o que havia acontecido.

Desde aquele acidente horrível, a vida de Vitória nunca mais foi a mesma. Cresceu e se tornou uma adolescente traumatizada, tinha pesadelos todas as noites e acordava assustada; a imagem de sua mãe jogada no chão com o rosto coberto por sangue ainda era muito forte em sua memória. Seu pai, não sabendo lidar com a perda de sua amada esposa, passou a beber cada vez mais, tornou-se alcoólatra, chegando ao ponto de perder o emprego e o respeito de todos que o cercavam. Vitória teve que passar sua adolescência cuidando da casa e de seu pai que, em meio a suas crises de bebedeira, ficava tão agressivo a ponto de espancá-la.

A vida de Vitória parecia ficar cada dia pior até que, em uma noite, seu pai

saiu para mais uma de suas bebedeiras e, quando retornou, novamente descontou sua raiva, dor e tristeza em sua filha. Não suportando mais aquela situação, Vitória revidou empurrando seu pai com força, e não se deu conta que atrás dele havia uma janela que há muito tempo vinha sendo devorada por traças e cupins. Agenor, ao tropeçar no tapete da sala, foi em direção à janela, que não suportou seu peso. Vitória, em uma tentativa desesperada, ainda esticou o braço para alcançá-lo, mas já era tarde demais: tudo o que pode ver quando correu até a janela foi o corpo de seu pai jogado ali, na calçada do velho prédio onde moravam. Sua única reação em meio ao desespero foi fugir sem direção daquele lugar.

Anos se passaram desde o acontecido, Vitória agora era uma mulher adulta, casada com um homem bom e mãe de um garotinho chamado Arthur, vivendo em meio a muitos traumas e sofrimentos acumulados. De alguma forma ela criou um tipo de bloqueio em sua memória para tudo de ruim que lhe aconteceu, e levava uma vida tranquila e feliz ao lado da família que construiu. Seu esposo era um homem honrado, bem-afeiçoadão, de caráter incontestável. Vitória se dedicava ao máximo para fazer de André um homem feliz. E como de costume, naqueles últimos anos, tudo corria tranquilamente quando, em uma manhã nublada, bate à porta da casa de Vitória um homem magro, alto e pálido

querendo falar com o Sr. André. Trazia em suas mãos a escritura de uma casa, a qual André herdaria de seus tios. Arthur era o mais encantado com a ideia de conhecer o novo imóvel da família e nas férias de verão partiram todos em viagem. Atravessando fileiras de árvores secas de ambos os lados de uma rua estreita, o carro da família de Vitória finalmente parou em frente a uma enorme casa que parecia há muito tempo estar abandonada.

As portas enormes, ao se abrirem, exalavam de dentro um cheiro quase que insuportável de mofo. As paredes eram enfeitadas por inúmeros quadros, os móveis da casa estavam sujos e empoeirados, mas André estava muito empolgado com a ideia de reformar o

casarão. Vitória andou por todos os cômodos, entrando em cada um dos quartos. Estava admirada com a beleza e os detalhes que compunham aquela bela casa.



Ilustração: Joás Nascimento

Ao passar por um corredor escuro, Vitória se deparou com uma porta fechada com corrente e um enorme cadeado já meio enferrujado e, apesar de estranhar muito o que estava vendo naquele momento, sua curiosidade falava mais alto.

Após breve limpeza em um dos cômodos da casa, a família decidiu passar a noite ali mesmo. Logo após todos pegarem no sono, Vitória ainda estava acordada, imaginando o que havia atrás daquela porta acorrentada e, quando deu por si, já estava à procura de uma chave. Ao perceber que a busca estava sendo em vão, Vitória pôs em prática um truque conhecido: pegou um grampo que havia deixado

em sua bolsa e em alguns segundos o cadeado estava aberto. A porta era pesada e de dentro exalou um cheiro desagradável, algo que a fez sentir arrepios e certo receio de entrar no quarto, porém, vencida pela tentação de descobrir o que havia ali, decidiu enfrentar seu medo. E o que encontrou, além de um enorme salão vazio, foi algo que aparentava um quadro, coberto por um pano branco, e que parecia propositalmente posicionado no meio do quarto. Vitória puxou o pano e se viu imóvel, encarando um grande espelho antigo que parecia prender sua atenção de modo aterrorizante.

Ao despertar, André percebeu que sua esposa não estava ao seu lado. Ele se levantou e começou a procurá-la pela

casa, chamando-a pelo nome. Finalmente a encontrou de pé em frente ao espelho e a chamou novamente; ela não respondeu. Ele tocou em seu ombro e ela continuou ali, parada, sussurrando gemidos quase inaudíveis, como se estivesse vendo algo a mais que ele não podia ver. André puxou sua esposa da frente do espelho e, nesse momento, como se saísse de um transe, ela colocou a mão na cabeça e começou a gritar feito louca, e então desmaiou.

Assustado, André pegou sua família e voltou para casa. Mesmo sem saber exatamente o que havia acontecido, ele observou que algo estava diferente no comportamento de sua esposa. Vitória passou a acreditar que estava sendo observada o tempo

todo, apresentando comportamento paranoico. Passou a reviver todas as cenas dolorosas de sua vida, tendo visões e alucinações de momentos que havia bloqueado em sua memória e, após um de seus surtos, implorou para que o marido destruísse o espelho. André, no desespero de ajudar seu grande amor, voltou à casa de seus tios e, ao erguer uma barra de ferro para quebrar o espelho, algo o paralisou. Ele o encarou como se algo o hipnotizasse e, o tão admirável esposo de Vitória se transformou no oposto do que era, tornando-se um ser monstruoso, capaz de coisas absurdas. E até hoje o povo da cidade pacata onde moravam não entende como André, um homem tão

bom, foi capaz de matar sua tão amada esposa.

O sapo agourento

Márcia Regina Azevedo Cardoso



Ilustração: Márcia Regina Azevedo Cardoso

Na comunidade Matá, interior do município de Óbidos, as pessoas

mais velhas contam para os mais novos muitas histórias de dar medo, como é comum nos interiores mais longínquos.

Certa vez, ouvi minha tia Ivonete contar a história de um sapo que vive na mata e que é muito agourento, e que tem um grito assustador. Numa noite, depois do jantar como é de costume, continuávamos todos sentados à mesa e, então, tia Ivonete começou a contar.

Ela tinha um irmão de criação, chamado Adonias, afilhado de seus pais, que morava com eles desde pequeno; o bichinho era péssimo que só. Estavam todos pro barracão de farinha que ficava no roçado, mata a dentro, e ficavam vários dias por lá. O barracão era grande e todos dormiam lá mesmo, e quando terminavam de fazer a farinha,

voltavam para casa. Certo dia, quando estavam descascando mandioca e torrando farinha, ouviram o grito do sapo, um estrondo feio bem assim: *currapapapauuuuuu!*.

Titia contou:

- Adonias arremedou o sapo. Os outros que estavam lá, continuavam seus afazeres: uns descascando mandioca, outros torrando farinha e o peste, sapo, veio coaxando cada vez mais alto. Não demorou e o sapo grasnou mais próximo. O pequeno travesso só arremedou duas vezes. Tava até caindo uma chuvinha fininha e o sapo veio coaxando e, quando o menino começou a arremedá-lo, o sapo parou de emitir seus sons. Mamãe começou a

bronquear com Adonias para ele parar de arremedar o bicho.

E tia Ivonete continuou:

– Já era umas seis horas da tarde, Adonias tava tirando a farinha do forno, quando ele arriou o rodo pra puxar a farinha, o sapo apareceu do nada e pulou no cabo do rodo. Adonias pegou um susto, e sabe o que fez com o sapo? Matou o bicho ali mesmo, pois estava com muita raiva.

Tia Ivonete disse que Adonias era muito teimoso e já tinham avisado que o sapo era agourento e não gostava que lhe arremedassem. Mas o pior ainda estava por vir. O sapo sempre tinha um parceiro que vinha lhe vingar. Então, titia continuou a história:

– No outro dia, nós voltamos pra casa; quando chegamos, no lugar onde estava atada a rede do Adonias tinha um sapo bem em cima e o que ele pode jogar de secreção pegajosa, na rede do Adonias, ele jogou. O sapo estava bem lá na cumeeira, era o par do outro; de lá de cima ele continuou jogando a gosma que caía na rede. A secreção do sapo era pitiú e cheia de ovos, um monte de ovinhos que dava nojo. O sapo permaneceu lá em cima na cumeeira da casa, até que o mataram. Mamãe ainda lavou a rede, mas o menino nem queria saber dela, dormia em qualquer lugar, menos naquela rede.

O primo Armando, irmão de Adonias, duvidou da história do sapo agourento e, com enxerimento, falou:

– Eu vou arremedar, quero ver se esse sapo nojento vem atrás de mim. Eu nem venho mais pra cá, quero ver mesmo.

Disse tia Ivonete:

– E ele arremedou o sapo.

Armando, sem medo, arremedou:

– Currapapapauuuuu!

Currapapapauuuuu!

Tia Ivonete contou mais:

– Passou mais de um mês e a gente sempre ouvia o coaxar dos sapos pela estrada, era sempre quando a gente andava pelas bandas das cinco ou seis horas da tarde, e ninguém mais se atrevia a arremedar. O Armando já morava em outra comunidade e soubemos que o coaxar do sapo o perseguia por lá. Ele se mudava pra

casa dos parentes e o sapo sempre o achava. Um dia, incomodados com a perseguição e os gritos estrondosos do sapo agourento, conseguiram encontrar e matar o bicho, era umas quatro e meia da tarde, ele estava na touceira de uma bananeira.

E concluiu tia Ivonete:

– Uma coisa é certa, custe o que custar, o sapo chega atrás de quem arremedou ele, e não deixa ninguém em paz. Eu que não quero acordo com sapo. Deus me livre e guarde!

O sonho de Marina

Glaucielen da Silva Pimentel



Ilustração: Isabelle Andrade Pimentel

Localizada na margem esquerda do belíssimo rio Amazonas, foi

fundada nossa querida Óbidos. Conhecida pela calmaria, tranquilidade e suas ladeiras, a cidade é o torrão que está no coração de muito chupa-osso por aí, inclusive da Marina, a jovem que tinha o sonho de nunca sair da sua cidade. A cidade de Óbidos é tricentenária e ganhou o título de cidade mais portuguesa do Pará, em virtude do legado deixado pelos seus fundadores.

Óbidos foi palco de grandes histórias e disputas, inclusive os fortés construídos na época, hoje se tornaram pontos turísticos da cidade. Em histórias contadas, Óbidos tinha uma economia rica, baseada nos extrativos de juta, castanha, cumaru, etc. No entanto, hoje a cidade se tornou pacata e com pouco desenvolvimento. Exemplo disso são os

jovens, em que a maioria se obriga a sair da cidade para conseguir mais oportunidades de estudos e empregos, já que a cidade não oferece, e quando oferece, as vagas são preenchidas por pessoas de fora. Mas agora, voltando à jovem Marina que citei há pouco, vou lhes contar um pouco de sua história e do seu sonho, que me inspiraram a contar sua história.

Marina habitava na cidade de Óbidos desde o seu nascimento, então é explicável o seu amor inato pela cidade. Quando a conheci, era uma jovem simples, parda, de olhos castanhos. A jovem Marina era de uma família bem humilde, residia em um bairro periférico da cidade e sempre estudou em escola pública, prezava pelos seus estudos,

pois tinha a certeza de que era nos estudos que iria realizar seu sonho.

Na escola, Marina era vista como excelente aluna, os professores sempre a elogiavam e falavam que seu futuro era promissor. No entanto, eles a aconselhavam a sair da cidade para estudar mais, fazer faculdade, ter um bom emprego e coisas desse tipo. Ao escutar seus professores, Marina ficava feliz por ser reconhecida pelos mestres, mas também se entristecia por eles a aconselharem a sair da cidade, até porque seu sonho era permanecer na cidade natal. Nessa época, talvez os professores tivessem razão, pois para ter um nível superior, era preciso estudar em outra cidade. Mas a jovem Marina nunca desanimou, pois seu

sonho era pertinente e, aos 15 anos ela estava cursando o terceiro ano do ensino médio, prestes a encerrar o ciclo da educação básica. Em um dia qualquer, na sala de aula de Marina, eis que chegam um homem e uma mulher, fazendo propaganda da Ufopa, e Marina, então, ouviu atentamente o casal. Para sua surpresa, o casal tinha lhe dado uma excelente notícia: a Ufopa iria ofertar nível superior, e naquele momento, a jovem sorriu, e em seus olhos, assim como nos seus sonhos, surgiu um sinal de esperança. A Ufopa, Universidade Federal do Oeste do Pará, no ano de 2015 ofertaria a primeira turma regular do curso de Pedagogia, com 50 vagas.

A notícia da instalação da universidade, em Óbidos, representou uma verdadeira dádiva para Marina. A emoção era intensa. A jovem dizia para todos que só restavam 49 novas vagas, pois uma já era dela. Eis que chega o dia da inscrição, Marina não tinha como se inscrever, pois não tinha computador e muito menos internet, então pediu à sua professora para fazer a inscrição, e a professora não hesitou, fez a inscrição de Marina cuidadosamente. Ao término da realização da inscrição, a mestre de Marina lhe desejou boa sorte, típico de professores no final da prova.

Com o término do período letivo de sua escola, Marina concluiu o ensino básico e aguardava ansiosamente para a primeira chamada da Ufopa. Chega a

data marcada, e às 17h desse dia, saiu a lista. A emoção era grande para Marina, e para sua surpresa, seu nome não estava na lista. A jovem ficou absolutamente decepcionada; coitada da Marina, não gostaria de estar na pele dela, criou inúmeras expectativas e todas frustradas. Em conversa com a jovem, ela disse que ficou arrasada, era como se todos os seus esforços não tivessem valido a pena, e o pior de tudo, Marina não sabia como contar à sua família, pois sua família também criou expectativas, depositaram todas as esperanças na jovem. Que responsabilidade para Marina, vocês não acham?

Então, sem alternativa, Marina contou à família. Não queira saber da

reação da família, principalmente da mãe; a jovem disse que o olhar da sua mãe mudou, deixando transparecer uma tristeza profunda. Coitada da Marina, e pela segunda vez, não queria estar na pele dela. Mas mãe é mãe; mesmo triste, deu força a sua filha Marina, disse que ela conseguia, mas nessa altura do campeonato, Marina já estava desacreditada dos estudos, nenhum consolo era suficiente. E o sonho da jovem? Como realizá-lo? Ou seria esquecido? Será que Marina sairá da cidade? Que angústia! Ai, Marina, coitada. A jovem Marina estava desacreditada, e foi até a escola para solicitar o certificado de conclusão do ensino básico, pois não iria mais estudar, tinha que trabalhar para ajudar

nas despesas de casa. Chegando na escola, encontrou sua professora, sim, aquela do início da história, que fez a inscrição de Marina. A dita professora tocou na ferida aberta da jovem, questionando se havia passado na Ufopa, e novamente a tristeza a consumiu, e com toda angústia e frustração de si mesma, disse com a cabeça baixa e com a voz mais baixa ainda:

– Não!

A professora percebeu a infelicidade na fala, e disse à jovem:

– Marina, você ainda tem chance!

E ela, então, olhou a professora e com os olhos empolgados perguntou:

– Como?

E a professora sorriu e pediu para que a jovem a acompanhasse. A professora então realizou o interesse de Marina na segunda chamada da Ufopa, e assim um fio de esperança na jovem surgiu, mas desta vez não criou expectativas, percebeu o quanto frustrante pode ser. E assim, Marina solicitou seu certificado e retornou para casa. Passaram-se algumas semanas e Marina recebeu uma ligação, era de sua amiga perguntando-lhe se já sabia da novidade, e a jovem perguntou:

– Que novidade?

E a amiga respondeu:

– Marina, você passou na Ufopa!

Será chamada para a primeira turma regular!

E nesse momento, a emoção tomou conta de Marina. A felicidade era enorme e contagiativa, elas comemoraram ao telefone e depois a jovem correu para avisar sua mãe e, então, todos comemoraram. Foi uma conquista para Marina e para todos que acreditavam nela. Hoje, a jovem Marina é acadêmica da Ufopa. E o seu sonho? Bom, a primeira etapa foi realizada, não saiu da sua cidade para cursar o nível superior, mas ainda não sei o final da história, até porque ainda não tem final, pois a jovem ainda está construindo. Mas o que posso dizer a vocês é que Marina me ensinou a nunca desistir de meus sonhos, pois quando tudo parece estar perdido, sempre iremos ter uma segunda chamada, ou será correndo

atrás ou uma coincidência, a verdade é que teremos sempre uma oportunidade.

Tônico da rua da Prainha

Lucas de Vasconcelos Soares
Vânia Maria de Sousa Ferreira Gonçalves



Ilustração: Lucas Soares

Antonico era o nome dele. Esse bonito rapaz morava no bairro

central, na rua da delegacia de polícia, conhecida como rua da Prainha, certamente pela proximidade com o Laguinho e a Serra da Escama. Vivia ele e sua mãe, D. Florinda, num casebre de palha. A mãe brigava dia e noite com ele e com toda a vizinhança, era uma senhora extremamente atrevida, enquanto o filho era, nos momentos sóbrios, uma pessoa educada e do bem.

Pois bem! Antonico, mais conhecido por Tonico, foi um rapaz muito estudioso, era aplaudido por seus professores e colegas, mente brilhante, tinha sabedoria! Foi funcionário do antigo SESP, hoje Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, trabalhava no setor de saneamento básico, não sei se contratado ou concursado.

Contam os mais antigos que Tonico foi exímio jogador de futebol, um pé de ouro do futebol obidense. Também apreciava uma boa música, gostava de cantar, especialmente as músicas do Roberto Carlos. Além delas, lembro-me dele cantando “Branca e irradiante vai a noiva”, “Adeus ingrata” e as toadas de boi na cidade como, por exemplo, “Dona Maria, me acuda!”, “Lá vem boi, ê boi, ê boi!”, “Senhores e senhoras presentes”. Dançava na dança de boi do Três Almas, que também acontecia na mesma rua denominada Dr. Machado. Do Roberto ele cantava muito “Eu não presto, mas eu te amo!”

Antonico fora casado e desse casamento resultaram dois filhos, precisamente um casal. Dizem que era

um bom marido. No entanto, segundo boatos, o pobre moço sofrera uma terrível desilusão amorosa e, desde então, nunca mais fora o mesmo. Outros diziam que foi a mulher que, não aguentando o vício da bebida de Antonico, o deixara. Após separar-se de sua esposa, entregou-se definitivamente ao vício e tornou-se alcoólatra.

Quem conheceu suas habilidades, bondade e sapiênciа, ficava com pena devê-lo naquela situação! Bebia cachaça pura todos, mas, na maioria das vezes, não mexia com ninguém, ao contrário da mãe, que era uma peste, tinhosa, a ponto de bater no irmão idoso, Seu Socó, como era conhecido. O pobre velho enquanto apanhava, ainda agradecia: “Obrigado, Dona Florinda,

muito obrigado!” Mas Tonico costumava incomodar os vizinhos ao chegar altas horas da noite da rua, embriagado, cantarolando alto. Às vezes até batia na mãe, quando ela o importunava.

Quando chegava muito porre, jogava pedra na porta de sua casa, derrubava cadeiras, fazia o escarcéu até que o vizinho, incomodado, chamasse sua atenção ou ameaçasse mandar prendê-lo. No outro dia era a mesma coisa, mais no período noturno. Falava alto, ameaçava fazer isto e aquilo, mas era fruto da embriaguez, no fundo não matava uma barata.

Antonico vivia essa rotina ao lado da mãe e de seu tio bem idoso. Quando sóbrio, era outra pessoa! Gostava de conversar comigo, éramos vizinhos, era

só eu sentar em frente de casa e lá vinha ele contar suas lorotas, seus causos, suas anedotas e seus feitos antigos; usava muito a locução “poxa, fulano...” para iniciar a conversa. E, assim, ele ia ficando noite a dentro, cantando as músicas de Roberto Carlos - que eu também gostava muito -, fazendo trejeitos, dançando e rindo ao mesmo tempo. Adorava fazer mesuras, pantomimas. Às vezes eu tinha a impressão de que conversava com um amiguinho imaginário, ficava até meio amedrontada. Certas vezes eu me abstinha de conversar com ele porque minha mãe não gostava muito.

As pessoas gostavam tanto de Antonico que uma senhora, dona de uma padaria lá da rua, resolveu levá-lo

para fazer um tratamento em Macapá-Ap. Passou um bom tempo para lá e voltou bem melhor, passou longo período sem beber, mas infelizmente o vício falou mais alto, Antonico voltou a beber e a saúde começou a debilitar. Continuava a mesma pessoa alegre, brincalhona, soridente, mas o álcool já consumia o seu estado geral, começou a ser internado no hospital, melhorava, adoecia de novo, ficou nesse vai e vem.

Só para não esquecer que Antonico era também um grande folião. Era personalidade na cultura carnavalesca e por diversas vezes desfilou no carnaval de rua da cidade, principalmente no bloco das virgens em que os homens se vestem de mulher. Tinha muitos atributos que poderiam

honrá-lo como cidadão, como pessoa, poderia ter sido um grande escritor, professor, cantor até, gostava de cantar. Infelizmente não houve alguém que, de fato, o acompanhasse de perto para levá-lo à cura.

A mãe, coitada, acho que tinha uns parafusos a menos, normal não era, o que sabia bem era procurar confusão com os outros. Quando fizeram, enfim, uma casa de madeira, os moleques jogavam pedra na casa e ela saía e gritava: "Seu bando de bandidos, seus covardes!", os moleques riam a valer. Só pra vocês terem uma ideia de como a velha era arteira, subia na mangueira do quintal da casa dela, lá na guia, para apanhar maga rosa. E que mangas docinhas! Quando caía pro quintal do

vizinho, ela pulava a cerca, sem pedir licença e ia buscar as mangas. Por conta disso, levou uma surra do vizinho, certa vez. O vizinho foi preso porque ela foi denunciá-lo, mas nunca mais ela quis pular a cerca dele, a velha era feiteira de raiva!

Mas voltemos ao nosso Tonico, o protagonista desta história. Lembrei que algumas vezes, vez em quando, atiravam pedras em cima do telhado de nossa casa. Já andávamos amedrontados, inclusive meu irmão mais velho, pensávamos que era visagem, cruz-credo! Um dia meu irmão resolveu criar coragem e tirar essa história a limpo; falou em voz alta que iria para o sítio, mas era mentira.

Ele, sorrateiramente, ao anoitecer, escondeu-se atrás da casa, que era bem escuro e ficou de tocaia para tentar descobrir qual era o tipo de visagem que jogava as pedras, pois já havia quebrado três telhas bem em cima da rede dele, e quando chovia, deixava-o ensopado. Pois bem, nada da visagem aparecer! Passaram-se dias e dias e ele não desistia. Eis que uma noite, por volta das 23 horas, já cansado de pegar ferroadas de carapanã, ele escutou a pedrada no telhado. E adivinhem quem era que jogava as pedras? Isso mesmo! Nada mais, nada menos que o Antonico! Meu irmão ficou muito aborrecido, mas não fez nada. No dia seguinte, chamou o vizinho quando este já estava sóbrio, conversou e ameaçou mandar prendê-

lo. Desde esse dia não lembro se ainda jogou pedra no nosso telhado.

O certo, amigos, é que, infelizmente, a história da vida de Antonico não teve um desfecho feliz após essas idas e vindas ao hospital. As persistentes internações, provocadas pelos malefícios do álcool, só debilitaram sua saúde até levá-lo a óbito.

Este é apenas um caso que nos mostra o quanto o álcool destrói uma pessoa, um cidadão de bem que pode alcançar as estrelas, modificar uma história, que poderia ter um final espetacular. Portanto, um apelo: diga NÃO ao vício, qualquer que seja, se o leva à perdição! Deixe brilhar sua

estrela, contribua para enriquecer a humanidade!

Tantos Antonicos, Tonicos estão aí espalhados pelo mundo destruindo sonhos, destruindo “seus sonhos”, desmoronando a família, tanto a dos outros quanto sua própria. E isso é muito triste, leva ao caos, ao fundo do poço! Dê a mão a essas pessoas pois só precisam de ajuda e incentivo, às vezes só de um empurrãozinho.

Amigo Antonico, tua precoce partida anuviou (entrusteciu) meu coração, mas sempre terei comigo tua animação. Danças agora no céu (teu boi dança agora no céu).

No céu da minha solidão!

Vm dia é da caça, outro é do caçador

Luenne da Rocha Ribeiro



Um dia é da caça, o outro do caçador? Autora: L.R.

Ilustração: Luenne da Rocha Ribeiro

Diz-se que em dia de lua cheia, a caça se esconde. Pois bem, Seu

José resolveu escolher uma noite escura e sem lua para realizar sua caçada. Como de costume amolou seu terçado, recarregou a espingarda, pegou o que mais poderia precisar e saiu mata a dentro.

Era por volta das nove da noite quando Seu José entendeu ser aquele o lugar onde deveria esperar por sua presa. Subiu em uma árvore, amarrou sua pequena rede improvisada e pôs-se a esperar. Com o silêncio da noite e o cansaço do dia, Seu José acabou por adormecer alguns instantes, e qual não foi a sua surpresa ao despertar do pequeno cochilo? Lá estava a caça da noite, a mais ou menos trinta metros de distância.

Ele, então, passou a mão na espingarda, acertou a mira e atirou.

– Acertei! – pensou Seu José.

O veado, baleado, correu, correu o quanto pode.

Seu José acendeu sua lanterna, desceu da árvore depressa e saiu em busca da sua presa mato a dentro, guiado pelo rastro de sangue.

No entanto, quando se deparou com o veado caído sobre as folhagens da mata, outra grande surpresa. O veado estava morto, atirado, um lado de seu corpo jogado sobre as folhagens era como de um veado qualquer, com ossos, carne e pelos. Porém, o outro lado não continha pelos, nem carne, nem vísceras, existiam somente os ossos.

Sem compreender o que ali estava se passando e já completamente, aterrorizado, Seu José saiu correndo no rumo de sua casa que fica próxima a um igarapé. Ao chegar em casa, contou o ocorrido à esposa e a seu irmão. Todos ficaram impressionados.

No raiar do dia seguinte, Seu José e seu irmão foram até o local onde o veado havia ficado. Lá não havia nenhum veado morto, e pelas redondezas nenhum rastro de sangue.

Era dia dois de novembro de 1981, dia de finados, nesse dia não se costuma caçar, pois acontecem fatos inesperados na mata, tal como o ocorrido com Seu José. Assim, faz-se jus ao ditado popular que diz: "Um dia é da caça, o outro é do caçador".

GLOSSÁRIO

A

- **Acocadas** – de cócoras.
- **Afocando** – focando [a luz da lanterna], iluminando.
- **Agourento**: que anuncia ou traz mau agouro; que anuncia desgraças, amaldiçoado, pessimista.
- **Agrado** – nome ou apelido pelo qual é conhecida uma pessoa. O mesmo que graça, nome.
- **Amuado** – mal-humorado, carrancudo.
- **Aningal** – aglomerado de aningas; ilhas flutuantes formadas por

aninges (planta aquática muito comum na região amazônica, que cresce na água ou em terreno alagado); “verdadeiro tapete de aguapés que se estendem flutuantes, ondeando ao movimento provocado pelas aves aquáticas e os cardumes de peixes.” (in: *A cultura do imaginário*, de João de Jesus Paes Loureiro, p. 123)

- **Aonde já?** - expressão que denota dúvida ou negação.

- **Aparição** - fantasma, visagem, assombração.

- **Aproxegar** - o mesmo que aprochegar; aproximar-se, achegar-se.

- **Arapucu** - Comunidade Quilombola do município de Óbidos-PA.

- **Arremedar**: tentar reproduzir (som, estilo, comportamento etc.); imitar.

- **Arteira** – que apronta artes ou travessuras.

B

- **Baratinha bajara** – pequena embarcação rústica muito usada nos rios amazônicos.; canoa com motor.

- **Barrela** – caldo de cinzas vegetais, usado para alvejar roupas; como gíria significa ter a reputação comprometida, cair em desonra.

- **Batelão** – embarcação de grande dimensão, movida a remo ou a reboque.

- **Bater catolé** – diz-se de quando uma arma de fogo falha.
- **Boroca** – bolsa ou sacola.
- **Buriti** – palmeira muito comum na região norte, cujo fruto é usado na alimentação; o mesmo que buruti.

C

- **Cacoal** – plantação de cacau.
- **Capim cheiroso** – o mesmo que capim santo ou capim-limão; usado na medicina popular em forma de chá.
- **Carapanã** – nome regional do mosquito; pernilongo.
- **Carote** – vasilhame plástico com alças, usado para transportar líquido, geralmente água ou gasolina; galão.

- **Castanheira de macaco** -

também conhecida como abricó-de-macaco, árvore de flores ornamentais cujos frutos lembram as antigas balas de canhão e possuem odor desagradável.

- **Catiroba** - mulher feia,

maltratada por falta de cuidados, falta de zelo; menina fácil, que fica com qualquer um.

- **Causos** - narrativa oral

relativamente curta que trata de um acontecimento real ou fictício; caso; história.

- **Chupa Osso** - expressão que

tem origem no apelido dado aos obidenses, surgido no final da década de 1960 quando um empresário de

Óbidos exportava ossos para os EUA e a maioria dos obidenses vendiam ossos ao referido empresário.

- **Churumunga** – choro ou reclamação; festa que ocorre após o torneio de futebol no interior, em que se discutem as jogadas e, em geral, há as desculpas e reclamações dos perdedores.

- **Cipó timbó** – cipó cuja seiva tóxica é usada na pesca, atordoando os peixes que podem ser facilmente recolhidos com a mão.

- **Comidia** (ponto de comida das caças) – local onde, geralmente, os animais vêm comer. É onde o caçador fica à espreita, esperando a caça vir se alimentar dos frutos caídos das árvores.

- **Compadrio** – condição de compadres; relação entre compadres; expressão de amizade ou cordialidade; nas festas juninas, as pessoas “passam fogueira de comadre”, ou seja, firmam compromisso à beira da fogueira de se tratarem por compadres.

- **Cuia** – vasilha, tigela, feita a partir do fruto da cuieira que, após passar por um processo de cura, é usado na fabricação desse utensílio. O uso mais conhecido da cuia é para servir o tacacá, mas nas comunidades do interior é usada para tirar água da canoa ou para o banho de cuia.

- **Cuiantã** – variante de cunhantã e o mesmo que cunhã; criança do sexo feminino; menina.

- **Cumieira** (Cumeeira): trave no alto do telhado, à qual vêm encostar-se as extremidades dos caibros.

- **Cuminã** - comunidade quilombola Boa Vista do Cuminã, da cidade de Oriximiná, no Pará. Rio de mesmo nome.

- **Curador** - curandeiro, benzedeiro.

- **Curumim** - criança do sexo masculino; menino.

D

- **Da onde** - variante de "de onde".

- **Da silva** - locução usada para enfatizar ou intensificar uma qualidade ou estado: **Vivinho da Silva** seria

alguém que imaginávamos morto, mas está bem vivo. **Mortinho da Silva** é alguém que está mesmo morto, ou muito cansado.

- **Dar trela** - conceder atenção, mostrar interesse, permitir confiança.

E

- **Égua** - exclamação geralmente de espanto, muito comum nas regiões do Pará.

- **Encantado** - diz-se da pessoa vítima de encantamento, enfeitiçado.

- **Encante** - feitiço, encantamento.

- **Encosto** - forma popular de se referir às energias ruins que deixam a pessoa vulnerável. Geralmente é

atribuído a um espírito ou demônio que toma posse do corpo da pessoa, alimentando-se de sua energia.

- **Esculhambar** (alguém) : repreender, criticar ou censurar de maneira áspera, rude, ofensiva.

- **Escumeiro, escumeirão** – espumas; águas espumantes. Ambas são corruptela do termo espuma.

- **Espeta-caju** – expressão popular usada para se referir a cabelo eriçado, arrepiado.

F

- - **Falaça** – falação, conversa.

- **Feiteira** – fazedora de artes, arteira.

- **Fi duma égua** – corruptela de “filho de uma égua”; ofensa a outra pessoa.
- **Filame de malhadeira** – aglomerado de redes de pesca.
- **Galho de arruda, pó de cana mansa, unha de gato, chifre de bode** – plantas medicinais muito utilizadas em rituais para afastar espíritos e energias negativas. **Arruda** é conhecida popularmente por espantar mau-olhado, e serve para fortalecer os vasos sanguíneos. **Cana-mansa** cresce em terrenos alagados e tem propriedades diuréticas e depurativas. **Unha-de-gato** é um cipó medicinal que possui propriedades anti-inflamatória e reativadora da imunidade. **Chifre-de-**

bode é uma planta utilizada no combate a furúnculos.

G

- **Gapó** – igapó; área alagada.
- **Guia** (de planta) – extremidade dos ramos, geralmente fina e flexível, usada para castigo corporal. Diz-se também do galho mais alto da árvore.

H

- **Hora de capar o gato** – hora de ir embora.

I

- **Ilharga** – lado, flanco.

- **Inhaca** – mau cheiro, geralmente nas axilas; fedor.

- **Inxirimento** (Enxerimento): ato ou efeito de enxerir-se; intrometimento, atrevimento.
- **Ir para o estrangeiro** – ir para outro país.

J

- **Jacurutu** – espécie de coruja, a maior do Brasil, encontrada na beira das matas da região norte. Reza a lenda que já foi um cacique que só se alimentava de carne de crianças, e que como maldição foi transformado em ave de mau agouro, passando as noites perdida nos matos gritando o próprio nome de

forma lúgubre, como forma de penitência.

- **Jurupari** – demônio; encarnação do mal; aquele que deu origem aos outros demônios.

- **Juta, castanha, cumaru** – produtos do extrativismo que antigamente moviam a economia de Óbidos, no Pará. **Juta** é uma fibra vegetal macia e brilhante fiada em fios fortes e grossos. **Castanha-do-Pará** é a semente do fruto da castanheira, usado principalmente na alimentação. **Cumaru** é uma planta oleaginosa cujo fruto, principalmente, é usado na medicina popular, em bebidas e na perfumaria.

L

- **Lesa** – lesada; pessoa simplória que não fala coisa com coisa.
- **Lorota** – mentira

M

- **Mãe d'água** – Iara
- **Mãe da mata** – entidade protetora das matas, espírito que se manifesta em forma de animal ou energia que se sente.
- **Mãe do igarapé** - espíritos do fundo das águas, que podem se manifestar na superfície na forma de qualquer bicho. Entidade protetora das águas.

- **Malinado** – incomodado, apoquentado, enfeitiçado.
- **Malinar** – incomodar, atazar, enfeitiçar,
- **Mamiá** – comunidade de Alenquer, no Pará; rio de mesmo nome.
- **Mapinguari** – entidade mitológica gigantesca, coberto de pelos duros, cuja boca se encontra na barriga. Persegue os homens para lhes devorar a cabeça.
- **Marmota** – comportamento brincalhão e, por extensão, mentira; regionalismo para assombração;
- **Maromba** – estrado de madeira onde o gado fica, no inverno, para se proteger das enchentes; jangada de

madeira para transporte de gado; rebanho de bois.

- **Mata-onça** - contador de histórias mirabolantes que se transformou em figura folclórica da cidade de Óbidos.

- **Matinta Perera** - entidade mitológica personificada em uma velha que se veste de preto e, à noite, se transforma em pássaro conhecido como rasga-mortalha (espécie de coruja), atormentando alguma casa com seu canto agourento. Para se livrar do agouro, o dono da casa oferece tabaco ou café, e a ave vai embora. Na manhã seguinte, a velha vem cobrar o que lhe foi prometido.

- **Mau-olhado** – olho gordo; quebranto; efeito maléfico em outra pessoa, causado por inveja.

- **Mesuras** – trejeitos, pantomima; no interior do Pará, trejeitos usados nas contações de causos com intuito de assombrar e causar medo em quem ouve.

- **Mofineza** – qualidade de mofino; estado em que não se demonstra alegria.

- **Mofino** – triste; desafortunado.

- **Moital** – lugar onde há muitas moitas; moita = tufo maciço de plantas arvorecentes, rasteiras ou densas.

- **Moleque** – menino peralta, garoto, curumim.

- **Mortinheira** – variante de murtinheira ou murta, planta apreciada por seu caráter ornamental e uso na medicina natural, além de ser usada simbolicamente em rituais religiosos diversos.

- **Muitá** – o mesmo que mutá; espécie de jirau ou palanque construído no mato, do qual o caçador espreita sua caça; escada tosca usada pelos seringueiros.

- **Mureru** – designação comum de plantas aquáticas; aguapé; o mesmo que mururé.

N

- **Na hora** – agora, já.

- **Não temos mais aguentando** –

não estamos mais aguentando

- **Não topou nada** – não achou nada; não encontrou com nada.

P

- **Pajelança** – ritual que pode mesclar práticas católicas, indígenas, afro-brasileiras, espíritas, com o intuito de interseção de poderes sobrenaturais para cura e prognósticos de acontecimentos.

- **Parentela** – parentes; que pertence a uma mesma família.

- **Paresque** – variação/corruptela da expressão “parece que”.

- **Paricazeiro** – árvore de crescimento rápido que produz madeira de qualidade; o mesmo que paricá.
- **Pegar corda** – deixar-se influenciar.
- **Peraí** – espera aí.
- **Picada** – atalho aberto na mata a golpes de facão ou foice.
- **Piracuí** – iguaria feita de peixe seco em pó; farinha de peixe.
- **Pissica** – azar, praga, urucubaca.
- **Pitiú** – odor, mau cheiro característico; cheiro forte, semelhante ao de peixe.
- **Pixé** – mau cheiro, inhaca.

- **Poronga** – lamparina; luminária feita, geralmente, a partir de latas de óleo, usando querosene como combustível; lanterna rudimentar usada pelos moradores do interior.
- **Pra banda da meia-noite** – por volta de meia-noite.

Q

- **Quando deu** – quando deu por si, de repente.
- **Quebranto** – suposto efeito maléfico que a inveja de uma pessoa pode causar em outra.

R

- **Rebolada** – touceira, moital.

- **Relógio do D. E. R.** – Em uma época em que poucos dispunham de relógio, os habitantes de Óbidos usavam como parâmetro o relógio que ficava no Departamento de Estradas de Rodagem (DER). De acordo com Eriberto Bentes Gomes, ex-funcionário do DER de Óbidos, tratava-se de uma lâmina de trator pendurada, na qual o vigia batia com marreta para marcar a hora. Em conversa com o professor e historiador Márcio Rubens, seu Eriberto conta que o vigia tinha o relógio sincronizado com o relógio do chefe do DER, e marcava somente as 11h, horário de saída para o almoço, e às 12h, para marcar o meio do dia. “O vigia marcava no relógio dele a hora do residente, que era o chefe do DER aqui, e aí quando dava onze horas

ele dava onze baques lá, e quando era meio-dia era doze baques, doze marretadas que ele dava na lâmina e [se] escutava muito longe", relata seu Eriberto.

S

- **Saci-Pererê** – personagem lendário personificado na figura de um menino travesso, negro que possui uma perna só, fuma cachimbo e usa um gorro vermelho. Surge num redemoinho de vento e é responsável por tudo que dá errado nas casas, desde comida queimada até objetos perdidos.

- **Se arrumar** – expressão usada no sentido de ter um relacionamento com alguém; arranjar alguém.

- **Se gerar** – é quando o ser humano, por magia ou bruxaria, se transforma em algum animal; transmutação; transformação; metamorfose.

T

- **Tapiri** – casebre.
- **Terçado** – facão.
- **Terra firme** – na Amazônia, essa é a denominação dada aos terrenos situados fora do alcance das inundações.
- **Terreira de sol** – terreno descampado, sem abrigo para o calor do sol.
- **Touceira**: uma grande moita; conjunto de plantas da mesma espécie

que nascem muito próximas em si, formando um tufo espesso.

U

- **Um na frente, outro atrás** – andar em fila india.
- **Um pedaço** – expressão usada como medida de tempo ou de comprimento. “daqui a um pedaço = daqui a uns minutos” “andou um bom pedaço = andou uma distância considerável”
- **Uxi** – planta nativa da região amazônica, usada na medicina popular, caça (como isca), artesanato e alimentação. Uxizeiro ou uxizal é a plantação de uxi.

V

- **Varados de fome** - com muita fome.
- **Varar** - ir embora, se afastar.
- **Várzea** - extensão de terra plana à margem de rio; vale próximo a um rio que sofre inundações; opõe-se à terra firme.
- **Ventando de cima** - expressão amazônica que faz referência aos ventos incomuns, geralmente com prenúncio de tempestade.
- **Visagem** - fantasma, aparição, assombração.
- **Vombora embora** - junção de duas corruptelas: vombora = vamos em boa hora + embora = em boa hora.

Pleonismo indicativo de pressa, significando vamos já.

- **Vôt, Satanás, desconjuro** -

vad - vade retro – expressão usada para esconjurá algo. Provavelmente o “vôt” é corruptela de “vade”, da expressão original “vade retro”, que significa vai para trás, afasta-te.

X

- **Xupa-osso:** variante de chupa-osso, designação atribuída aos nascidos no município de Óbidos.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARIA ALDENIRA REIS SCALABRIN

Doutora em Educação Unicamp-SP (2016), na área de Ensino e Práticas Culturais, com a tese: *Fios e desafios na formação continuada de professoras, no Quilombo Tiningu, Oeste Paraense: experiências permeadas pela linguagem e pela cultura*, com abordagem na pesquisa-ação autorreflexiva de Carr e Kemmis (1988). Tem Mestrado em Letras: Linguística/ (2006). Possui Especialização em Psicopedagogia/UEPB (1997) e Leitura e Escrita como Práticas Sociais Ulbra (2009) e graduação em Letras/Ulbra (1996). É profa. Associada Ufopa//Letras, onde desenvolve o

projeto de pesquisa *Vozes que contam a História não contada*. Exerce atividades de ensino na graduação. Tem experiência nas áreas de Linguística Textual e Educação - Formação de Professores, com ênfase na Educação Quilombola e Ensino de Português. Está vinculada ao grupo de pesquisa Histedbr-Ufopa. Foi Coordenadora de Ensino/CFI e de Estágio Supervisionado de LP/Parfor, Diretora de Ensino/Proen, Pró-reitora de Ensino de Graduação/Proen, participou como membro do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão - Consepe, foi membro da Câmara de Ensino de Graduação, além de presidir a Comissão Permanente dos Processos Seletivos - CPPS. Atualmente é membro do

NDE/Letras e da Comissão de Avaliação Docente - Ufopa. Possui publicação em livros e anais de eventos.

Endereço para acessar

CV: <<https://lattes.cnpq.br/4617360390892930>>

Orcid: <<https://orcid.org/0000-0001-9788-7055>>

E-mail:

<maria.scalabrin@Ufopa.edu.br>

ANA MARIA VIEIRA SILVA

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutorado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (2014). Atualmente é professora associada, da Universidade Federal do Oeste do Pará, atuando na graduação, na especialização e no mestrado profissional - Profletras. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura brasileira e portuguesa, leitura, modernismo e metodologias de ensino. Foi coordenadora do curso de

Especialização em Literatura Comparada no período de 2017 a 2019; vice-diretora do Instituto de Ciências da Educação - /Ufopa, de 2019 a 2022. Foi coordenadora institucional do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica -Parfor/Ufopa, no período compreendido entre 2019 e 2023.o Atualmente, desenvolve a pesquisa Literatura dos Povos Indígenas, ligado ao grupo de leitura e pesquisa – Lelit (Grupo de Pesquisa, Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita, Literatura na escola), do Instituto de Ciências da Educação. É vice-coordenadora do Projeto de Pesquisa *Vozes que contam a história não contada*, vinculado ao curso de Letras/Ufopa/.

Endereço para acessar CV:

<<https://lattes.cnpq.br/9551738995177316>>

Orcid: <<https://orcid.org/0000-0001-8079-1065>>

E-mail: <ana.mvs@Ufopa.edu.br>;
<anamari1020@yahoo.com.br>

HAMILTON JOSÉ FERNANDES DA SILVA

Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2022). Atualmente é Professor do Governo do Estado do Amapá. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

Endereço para acessar CV:

<<http://lattes.cnpq.br/5173260364806629>>

Orcid: <<https://orcid.org/0009-0002-3641-1883>>

E-mail:

<hamilton.jfernandes@hotmail.com>